

O QUE É O ESPIRITISMO



Outras obras do autor
editadas por Léon Denis – Gráfica e Editora:

- *O Livro dos Espíritos*
- *O Livro dos Médiuns*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- *O Céu e o Inferno*
- *A Passagem (Opúsculo)*
- *Temor da Morte, o Céu (Opúsculo)*
- *A Gênese*
- *Obras Póstumas*

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K27q Kardec, Allan, 1804-1869

O Que é o Espiritismo: introdução ao conhecimento do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos, contendo o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e a resposta às principais objeções / Allan Kardec; tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 1. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2008.

134p.; 12,7x17cm

ISBN 978-85-7297-421-9

1. Espiritismo. I. Título.

08-2572.

CDD: 133.9

CDU: 133.9

ALLAN KARDEC

O QUE É O ESPIRITISMO

Introdução ao conhecimento do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos, contendo o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e a resposta às principais objeções.

- Fora da caridade não há salvação.
- Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.
- Não há fé inquebrantável senão aquela que pode encarar a razão frente a frente em todas as épocas da humanidade.

1ª Edição

Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA

Rio de Janeiro, 2008

O QUE É O ESPIRITISMO

Allan Kardec

Título do original francês:

Qu'est-ce Que Le Spiritisme

(Lançado Em Paris no mês de julho de 1859.)

1ª Edição: agosto de 2008;
1ª tiragem, do 1º ao 2º milheiro.

L 3480808

Tradução e revisão de originais:
Albertina Escudeiro Sêco

Diagramação e capa:
Rogério Mota

Revisão:
Cláudia Rocha e Luciana Peres

Para pedidos de livros, dirija-se a
Léon Denis – Gráfica e Editora
Rua João Vicente, 1445
Bento Ribeiro – RJ-RJ – CEP 21610-210

Léon Denis – Gráfica e Editora
Telefax (21) 2452-7801
Telefax (21) 2452-7700

Site da Editora:

www.leondenis.com.br

E-mail: editora@leondenis.com.br

Léon Denis – Gráfica e Editora
Propriedade do

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137
Bento Ribeiro – RJ-RJ – CEP 21331-290

CNPJ 27.921.931/0001-89 - IE 82.209.980

Site da Instituição: www.celd.org.br

Remessa via Correios e Transportadora.

Todo o produto desta edição é destinado à manutenção
das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.



Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA





Allan Kardec
(1804-1869)

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Na modernidade, requisitados a verificar que, no seio da sociedade, somos convidados a responder firmemente às solicitações que chegam de vários pontos, no sentido de se constituir uma sociedade mais justa e mais humana, percebemos que não cabe apenas ao Estado assumir responsabilidades...

A RESPONSABILIDADE SOCIAL é dever de todos nós, indivíduos, uns para com os outros!

Quando os homens se reúnem para se auxiliarem mutuamente, com determinação, põem em prática a mais sublime das orientações do Cristo e de Deus: “amarmos uns aos outros, fazendo a eles o que desejaríamos que nos fizessem”.

Das mais diversas maneiras, podemos colaborar nessa ação!

Saiba que, adquirindo uma obra da Léon Denis – Gráfica e Editora, ou utilizando nossos serviços gráficos, você contribui para a melhoria do atendimento a uma criança da Creche Maria de Nazaré, na Obra Social Antonio de Aquino (OSAA), ou junto a comunidades de baixa renda no subúrbio do Rio de Janeiro.

Nessa mesma obra, jovens, que até bem pouco tempo estavam sem perspectivas de ingresso no mercado de trabalho, são assistidos pelo Projeto Transformar, e, pouco a pouco, vão se capacitando com o aprendizado ali obtido, desenvolvendo sua auto-estima e, posteriormente, imbuídos da consciência de cidadania, candidatam-se a ser mais um colaborador na constituição de uma sociedade mais consciente...

Assistência educacional, amparo à saúde, às gestantes e aos idosos acolhidos na OSAA, como também melhoria na alimentação de nossas crianças e jovens são exemplos da participação consciente que temos desenvolvido com a comercialização de livros e serviços produzidos por Léon Denis— Gráfica e Editora.

**Participe
desta causa
e ajude o CELD
a manter suas
Obras Sociais**



Centro Espirita Léon Denis (CELD)



Dia de Reunião Pública no CELD



Obra Social Antonio de Aquino



Atendimento na OSAA



Atendimento na OSAA



Creche Maria de Nazaré



Creche Maria de Nazaré

SUMÁRIO

PREÂMBULO	9
CAPÍTULO I	
PEQUENA CONFERÊNCIA ESPÍRITA	
PRIMEIRA CONVERSAÇÃO. O CRÍTICO	11
SEGUNDA CONVERSAÇÃO. O CÉTICO	20
Espiritismo e Espiritualismo	20
Dissidências	22
Fenômenos Espíritas Simulados	24
A Impotência dos Detratores	25
O Maravilhoso e o Sobrenatural	26
Oposição da Ciência	27
Falsas Explicações dos Fenômenos.....	32
• Alucinação.....	32
• Fluido magnético.....	32
• Reflexo do pensamento	32
• Sobreexcitação cerebral	32
• Estado sonambúlico dos médiuns	32
Não Basta aos Incrédulos Verem para se Convencerem	34
Boa ou Má Vontade dos Espíritos para Convencer	36
Origem das Idéias Espíritas Modernas	36
Meios de Comunicação	39
Os Médiuns Interesseiros	42
Os Médiuns e os Feiticeiros	46
Diversidade nos Espíritos	47
Utilidade Prática das Manifestações	50
Loucura, Suicídio, Obsessão	51
Esquecimento do Passado	53
Elementos de Convicção	56
Sociedades Espíritas	58
Interdição do Espiritismo.....	59
TERCEIRA CONVERSAÇÃO. O PADRE	60

CAPÍTULO II

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESPIRITISMO

Observações Preliminares	80
Dos Espíritos	81
Comunicações com o Mundo Invisível.....	84
Objetivo Providencial das Manifestações Espíritas.....	91
Dos Médiuns	91
As Dificuldades dos Médiuns	94
Qualidades dos Médiuns.....	97
Charlatanismo	99
Identidade dos Espíritos	100
Contradições	101
Conseqüências do Espiritismo	102

CAPÍTULO III

SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS PELA DOCTRINA ESPÍRITA

Pluralidade dos Mundos.....	106
Da Alma.....	107
O Homem durante a Vida Terrestre	108
O Homem após a Morte.....	115

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC	122
--	------------

NOTA EXPLICATIVA.....	129
------------------------------	------------

Preâmbulo

As pessoas que têm apenas um conhecimento superficial do Espiritismo são naturalmente levadas a manifestar certas dúvidas que, por certo, um estudo completo da Doutrina lhes daria a solução; mas falta-lhes o tempo, e muitas vezes a vontade, para se dedicarem a seguidas observações. Muitas desejariam, antes de tentar essa tarefa, pelo menos saber do que se trata e se vale a pena dela se ocuparem. Então, pareceu-nos útil apresentar, numa forma resumida, algumas das questões fundamentais que nos são diariamente endereçadas; para o leitor isso será uma primeira iniciação, e, para nós, o tempo ganho por não termos de repetir constantemente a mesma coisa.

O primeiro capítulo contém, sob a forma de conversação, respostas às objeções mais comuns apresentadas por aqueles que ignoram os primeiros fundamentos da Doutrina, assim como a refutação dos principais argumentos dos seus contraditores. Essa forma nos pareceu a mais indicada porque não tem a aridez da forma dogmática.

O segundo capítulo é consagrado à exposição sumária das partes da ciência prática e experimental sobre as quais, na falta de um conhecimento completo, o observador principiante deve colocar a sua atenção para julgar com conhecimento de causa; ele é, de certa forma, o resumo de *O Livro dos Médiuns*. Frequentemente as objeções nascem das falsas idéias que se fazem, *a priori*, sobre o que não se conhece. Retificar essas idéias é prevenir as objeções e este é o objetivo deste pequeno escrito.

O terceiro capítulo pode ser considerado como o resumo de *O Livro dos Espíritos*; é a solução, pela Doutrina Espírita, de um certo número de problemas de ordem psicológica, moral e filosófica, do mais alto interesse, que diariamente se apresentam e aos quais nenhuma filosofia deu, até agora, soluções satisfatórias. Que alguém procure resolvê-los por qualquer outra teoria, sem a solução que lhes fornece o Espiritismo, e verá quais são as respostas mais lógicas e que melhor satisfazem à razão.

Este resumo não é útil somente aos principiantes — que nele poderão colher em pouco tempo, e economicamente, as noções mais essenciais — mas também aos adeptos a quem fornece os meios de responder às primeiras objeções que não deixarão de lhes fazer, e, além disso, porque nele encontrarão reunidos, numa forma reduzida e sob um mesmo rápido olhar, os princípios que jamais devem perder de vista.

Para responder desde agora, e de uma forma sumária, a questão formulada no título deste opúsculo, diremos que:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.

Pode-se defini-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos, e das suas relações com o mundo corporal.



Capítulo I

PEQUENA CONFERÊNCIA ESPÍRITA

Primeira Conversação

— O CRÍTICO —

Visitante: — Eu lhe afirmo que minha razão se recusa a admitir a realidade dos fenômenos estranhos atribuídos aos espíritos os quais, estou convencido, só existem na imaginação. Porém, diante da evidência, teremos que nos curvar, e é o que eu faria se pudesse ter provas irrefutáveis. Portanto, quero solicitar, de sua bondade, permissão para assistir somente a uma ou duas experiências, para não ser indiscreto, a fim de me convencer, se isso for possível.

Allan Kardec: — Desde o momento em que a sua razão se recusa a admitir o que nós consideramos como incontestável, é que o senhor a considera superior a de todas as pessoas que não partilham da sua opinião. Não duvido da sua capacidade e não tenho a pretensão de colocar minha inteligência acima da sua; admita, pois, que eu me engane, já que é a razão que lhe diz, e não se fala mais no assunto.

Visitante: — Porém, se o senhor conseguisse me convencer, a mim que sou conhecido como um antagonista das suas idéias, seria um milagre eminentemente favorável à sua causa.

A. K.: — Eu lamento, mas não tenho o dom dos milagres. O senhor pensa que uma ou duas sessões serão suficientes para convencê-lo? Isso seria, realmente, um verdadeiro esforço. Para que eu mesmo ficasse convencido, foi preciso mais de um ano de trabalho, o que pode lhe provar que, se eu o consegui, não foi de uma forma irrefletida.

Visitante: — O senhor, então, não procura fazer prosélitos?¹

A.K.: — Por que eu me empenharia em transformá-lo em um prosélito se o senhor mesmo não o deseja. Eu não forço nenhuma convicção. Quando encontro pessoas sinceramente desejosas de se instruir, e que fazem a honra de me pedir esclarecimentos, sinto o prazer e o dever de lhes responder dentro dos limites dos meus conhecimentos; porém, quanto aos antagonistas que, como o senhor, têm

¹ **Prosélito:** indivíduo que se converte a uma religião diferente da sua; adepto, partidário. (Nota da Tradutora, suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais **N.T.**)

convicções firmadas, eu não dou um passo para os desviar delas, já que tenho muitas pessoas bem propensas ao estudo, para perder meu tempo com aquelas que não o são. Mais cedo ou mais tarde, pela força dos fatos, a convicção virá, e os mais incrédulos serão levados pela torrente. No momento, alguns adeptos a mais, ou a menos, não faziam nenhuma diferença; eis por que o senhor nunca me verá preocupado em trazer para as nossas idéias aqueles que têm, como é o seu caso, razões para se afastarem delas.

Visitante: — No entanto, existe mais interesse em me convencer do que o senhor imagina. Permita que eu me explique com franqueza e prometa não se ofender com as minhas palavras, que são as minhas idéias sobre o fato e não sobre a pessoa a quem me dirijo, pois eu posso respeitar a pessoa sem partilhar da sua opinião.

A.K.: — O Espiritismo ensinou-me a não dar valor às mesquinhas suscetibilidades do amor-próprio e a não me ofender com o que ouço. Se as suas palavras saírem dos limites da urbanidade e das conveniências, eu concluirei que o senhor é um homem mal-educado: eis tudo. Quanto a mim, prefiro deixar os defeitos aos outros a participar deles. Somente por isso já se vê que o Espiritismo serve para alguma coisa.

Já lhe disse que não me empenho, de maneira alguma, para fazê-lo partilhar da minha opinião; respeito a sua, se ela é sincera, como desejo que se respeite a minha. Já que o senhor trata o Espiritismo de sonho quimérico, deve ter dito quando veio à minha casa: “Eu vou ver um louco.” Confesse, francamente, porque não me ofenderei. Todos os espíritas são loucos; isto é coisa decidida. Pois bem, já que encara este assunto como uma doença mental, tenho escrúpulos em lhe falar sobre ela, e me admira que, com um tal pensamento, procure adquirir uma convicção que o situará entre os loucos. Se o senhor acredita, antecipadamente, que não pode ser convencido, sua providência é inútil, visto que ela só tem por intuito a curiosidade. Portanto, sejamos breves, eu lhe peço, porque não tenho tempo para perder em conversações sem objetivo.

Visitante: — Uma pessoa pode se enganar, deixar-se iludir sem que esses fatos signifiquem que ela é louca.

A.K.: — Fale claramente o que pensa; diga, como tantos outros, que isso é uma mania, que só durará algum tempo; o senhor, porém, há de convir que uma mania que em alguns anos ganhou milhões de adeptos em todos os países, contando com sábios de todas as ordens, e que se propaga de preferência nas classes esclarecidas, é uma mania singular que merece algum exame.

Visitante: — Tenho minhas idéias sobre esse assunto, é verdade, mas não são de tal forma absolutas que eu não possa sacrificá-las à evidência. Afirmei que o senhor teria um certo interesse em me convencer, pois bem, confesso-lhe que devo publicar um livro onde me proponho a demonstrar *ex professo*² o que encaro como

² Ex professo: magistralmente, com toda a perfeição, como quem conhece a fundo o assunto. (N.T.)

um erro, e, como esse livro deve ter uma grande força e sustentar um ataque contra os espíritos, se eu chegasse a ser convencido, não o publicaria.

A. K.: — Eu ficaria desolado se o privasse do benefício de um livro que deve ter uma grande importância e não tenho nenhum interesse em impedir que o senhor o faça; ao contrário, eu lhe desejo um grande sucesso, considerando-se que ele nos servirá de prospecto e de propaganda. Quando uma coisa é atacada, isso desperta a atenção; há muitas pessoas que querem conhecer os prós e os contras, e a crítica faz com que ela seja conhecida, mesmo por aqueles que nem pensavam nela. É assim que, muitas vezes, se faz publicidade em proveito daqueles a quem se quer prejudicar. Aliás, a questão dos espíritos é tão interessante, instiga a curiosidade a tal ponto, que é suficiente chamar a atenção sobre ela para que surja a vontade de estudá-la minuciosamente.³

Visitante: — Então, segundo sua opinião, a crítica não serve para nada, a opinião pública não representa nada?

A.K.: — Eu não encaro a crítica como a expressão da opinião pública, mas como uma opinião individual que pode estar enganada. Leia a História, e veja quantas obras-primas receberam críticas ao serem apresentadas, sem que isso as impedisse de se perpetuarem como obras-primas; quando uma coisa é má, todos os elogios possíveis não a transformam em boa. *Se o Espiritismo é um erro, ele cairá por si mesmo; se é uma verdade, todas as críticas violentas não farão dele uma mentira.* Seu livro será uma apreciação pessoal dentro do seu ponto de vista, e a verdadeira opinião pública julgará se o senhor foi justo. Para isso irão examiná-lo, e, se mais tarde, reconhecerem que o senhor está enganado, seu livro será ridículo como aqueles que foram publicados recentemente contra a teoria da circulação do sangue, contra a vacina, etc.⁴

Eu esqueci, porém, que o senhor deve tratar a questão *ex professo*, o que quer dizer que a estudou sob todos os seus aspectos; que viu tudo o que se podia ver, leu tudo o que foi escrito sobre o assunto, analisou e comparou as diversas opiniões; que o senhor se encontra nas melhores condições para observar por si mesmo; que durante anos lhe consagrou suas vigílias. Em uma palavra, que não negligenciou nada para chegar à constatação da verdade. Eu acredito que assim ocorreu, se o senhor é um homem sério, visto que somente aquele que fez tudo isso tem o direito de dizer que fala com conhecimento de causa.

O que o senhor pensaria de alguém que se intitulasse censor de uma obra literária sem conhecer Literatura, de um quadro sem haver estudado Pintura? É de lógica elemental que o crítico deva conhecer, não superficialmente, mas a fundo, aquilo de que fala, sem isso sua opinião é sem valor. Para combater um cálculo, é preciso pôr em oposição um outro cálculo, mas, para fazê-lo, é necessário saber

³ Desde esta conversação, escrita em 1859, a experiência veio comprovar, amplamente, a exatidão dessa afirmativa. (Nota de Kardec)

⁴ Tratava-se do século XIX. (N.T.)

calcular. Um crítico não deve se limitar a dizer que tal coisa é boa ou má, ele tem de justificar sua opinião por uma demonstração clara e categórica, baseada nos próprios princípios da Arte ou da Ciência. Como ele pode fazê-lo se ignora esses princípios?

O senhor poderia apreciar as qualidades ou os defeitos de uma máquina sem conhecer Mecânica? Não; pois bem, o seu julgamento sobre o Espiritismo, que o senhor não conhece, não teria mais valor que aquele que o senhor fizesse sobre essa máquina. A cada instante seria apanhado em flagrante delito de ignorância, porque aqueles que tiverem estudado o Espiritismo verão, imediatamente, que o senhor está fora da questão; de onde se concluirá que o senhor não é um homem sério ou não é de boa-fé. Em um e em outro caso o senhor se exporia a receber desmentidos pouco agradáveis ao seu amor-próprio.

Visitante: — É exatamente para evitar esse risco que venho pedir-lhe me permita assistir a algumas experiências.

A. K.: — E o senhor pensa que isso lhe será suficiente para falar do Espiritismo *ex professo*? Como poderia compreender essas experiências e, com mais forte razão, julgá-las, se não estudou os princípios que lhe servem de base? Como poderia apreciar o resultado, satisfatório ou não, de experiências metalúrgicas, por exemplo, se não conhece minuciosamente Metalurgia? Permita-me dizer-lhe que o seu projeto é exatamente como se o senhor, não sabendo nem Matemática nem Astronomia, fosse dizer a um astrônomo em seu observatório: “Senhor, eu quero fazer um livro sobre Astronomia e ainda provar que o seu método é falso, mas como eu não sei do assunto nem a primeira palavra, deixe-me olhar uma ou duas vezes através das suas lunetas; isso me bastará para saber tanto quanto o senhor.”

Foi apenas por extensão que a palavra *criticar* se tornou sinônima de *censurar*; em sua acepção própria, e segundo sua etimologia, ela significa *julgar, apreciar*. A crítica, portanto, pode aprovar ou desaprovar. Fazer a crítica de um livro não é, necessariamente, condená-lo, e aquele que empreende essa tarefa deve fazê-la sem idéias preconcebidas; mas, se antes de abrir o livro ele já o condenou em seu pensamento, seu exame não pode ser imparcial.

Esse é o caso da maioria daqueles que têm falado do Espiritismo. Eles formaram uma opinião apenas sobre o nome e fizeram como um juiz que desse uma sentença sem se dar ao trabalho de examinar as peças do processo. Daí resultou que o julgamento deles soou falso, e que, em lugar de convencer, eles fizeram rir. Quanto àqueles que têm estudado seriamente o assunto, a maioria mudou de opinião, e mais de um adversário tornou-se seu partidário, quando viu que se tratava de algo completamente diferente do que ele havia acreditado.

Visitante: — O senhor fala do exame de livros em geral; acredita que seja materialmente possível, a um jornalista, ler e estudar todos aqueles que lhe passam pelas mãos, principalmente quando se trata de novas teorias que ele precisaria aprofundar e verificar? Seria o mesmo que exigir de um impressor que ele lesse todas as obras que saem de suas prensas.

A.K.: — A um raciocínio tão judicioso eu não tenho nada a responder, a não ser que, quando não se dispõe do tempo para fazer conscientemente uma coisa, é melhor não nos envolvermos com ela, e que mais vale fazer somente um trabalho bom do que dez de má qualidade.

Visitante: — Não creia que minha opinião tenha sido formada irrefletidamente. Vi pessoas, que eram consideradas como estando sob a influência dos espíritos, escreverem, mesas girarem e baterem,⁵ mas estou convencido de que ali havia charlatanismo.

A.K.: — Quanto pagou para ver tudo isso?

Visitante: — Absolutamente nada, seguramente.

A.K.: — Então, temos charlatães de uma espécie singular, e que vão reabilitar esse nome. Até o momento ainda não se havia visto charlatães desinteressados. Se uma vez, fortuitamente, algum gracejador de mau gosto quis se divertir, deve-se daí concluir que as outras pessoas fossem suas cúmplices? Por outro lado, com que finalidade seriam coniventes em uma mistificação? “Para divertir a sociedade”, dirá o senhor. Eu admito que alguém se preste uma vez a uma brincadeira, mas quando uma brincadeira dura meses e anos, creio que é o mistificador que é mistificado. É provável que, pelo único prazer de fazer acreditar em uma coisa, que se sabe que é falsa, alguém se fatigue, horas inteiras junto a uma mesa? O prazer não valeria a pena!

Antes de concluir pela existência de fraude, é preciso, inicialmente, perguntar que interesse alguém pode ter em enganar. Ora, o senhor há de convir que existem situações que excluem qualquer suspeita de fraude, e pessoas cujo caráter já é uma garantia de probidade.

Seria diferente se se tratasse de uma especulação, porque a atração pelo ganho é má conselheira; porém, mesmo admitindo-se que, neste último caso, um fato de manobra fraudulenta seja positivamente constatado, isso não provaria nada contra a realidade do princípio, visto que se pode abusar de tudo. O fato de existirem pessoas que vendem vinho adulterado, não quer dizer que não haja vinho puro. O Espiritismo não é mais responsável por aqueles que abusam desse nome e o exploram do que a ciência médica o é pelos charlatães que propagam suas drogas, nem a religião pelos sacerdotes que abusam do seu ministério.

O Espiritismo, pela sua novidade e por sua própria natureza, devia prestar-se a abusos, mas ele deu os meios de reconhecê-los, definindo claramente seu

⁵ As **mesas girantes** (falantes, giratórias, rodantes ou dançantes) foi o nome dado a uma nova forma de comunicação, indicada pelos próprios espíritos, em 1850, nos Estados Unidos. Para que o fenômeno ocorresse bastava que os médiuns se posicionassem ao redor de uma mesa e colocassem as mãos sobre ela. O móvel, mediante a ação fluidica que sobre ele era exercida, e o comando dos espíritos que presidiam ao fenômeno, fazia movimentos circulares que podiam aumentar e ganhar grande rapidez. Mesmo com os médiuns afastados, e sem nenhum contato com ela, a mesa podia erguer-se, ora num pé ora em outro, e voltar à sua posição; elevar-se até o teto e descer suavemente ou cair e se quebrar de encontro ao chão. Note-se que esse fenômeno pode ocorrer com qualquer outro objeto, e que o nome *mesas girantes* predominou porque era com esse móvel que mais se realizavam essas experiências. (N.T.)

verdadeiro caráter e recusando qualquer solidariedade com aqueles que o exploravam ou o desviavam de seu objetivo exclusivamente moral para fazer dele um negócio, um instrumento de adivinhação ou de pesquisas fúteis.

Desde que o próprio Espiritismo traça os limites nos quais se encerra, determina o que diz e o que não diz, o que pode e o que não pode, o que está ou o que não está em suas atribuições, o que ele aceita e o que repudia, o erro pertence a aqueles que, não se dando ao trabalho de estudá-lo, julgam-no pelas aparências; aos que, porque encontram saltimbancos vestindo-se com o nome de *espíritas* para atrair os transeuntes, dirão gravemente: “Eis aí o que é o Espiritismo”. Sobre quem, definitivamente, recai o ridículo? Não é sobre o saltimbanco que exerce a sua profissão, nem sobre o Espiritismo cuja doutrina escrita desmente semelhantes afirmações, mas sobre os críticos convencidos a falar sobre o que não sabem, ou a alterar conscientemente a verdade.

Aqueles que atribuem ao Espiritismo o que está contra a sua própria essência, o fazem, ou por ignorância ou com intenção; no primeiro caso, existe leviandade, no segundo, má-fé. Neste último caso, eles se assemelham a certos historiadores que alteram os fatos históricos no interesse de um partido ou de uma opinião. Um partido sempre se desacredita pelo emprego de semelhantes meios, e não consegue o seu objetivo.

Repare bem que eu não pretendo que a crítica deva, necessariamente, aprovar nossas idéias, mesmo após havê-las estudado; não censuramos, de modo algum, aqueles que não pensam como nós. O que é evidente para nós, pode não ser para todo mundo; cada um julga as coisas sob o seu ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram os mesmos resultados. Se um pintor, por exemplo, coloca em seu quadro um cavalo branco, qualquer pessoa poderá dizer que esse cavalo fez um mau efeito, e que um preto seria mais conveniente; haverá erro, porém, se ela disser que o cavalo é branco, quando ele é preto; é assim que procede a maioria dos nossos adversários.

Em resumo, cada um é perfeitamente livre para aprovar ou para criticar os princípios do Espiritismo, dele deduzir conseqüências boas ou más que lhe agradem, mas a consciência obriga a todo crítico sério não dizer o contrário do que é na realidade, ora, para isso, a primeira condição é não falar do que não sabe.

Visitante: — Voltemos, eu lhe peço, às mesas que se movem e que falam. Elas não poderiam ter sido preparadas?

A. K.: — É sempre a questão da boa-fé a qual respondi. No momento em que o embuste for provado, eu o deixarei aos seus cuidados; se o senhor assinalar *atos evidenciados de fraude*, de charlatanismo, de exploração ou de abuso de confiança, eu os entrego ao seu castigo, declarando desde já que não os defenderei, porque o Espiritismo sério é o primeiro a repudiá-los, e porque denunciar o abuso é ajudar a preveni-los e prestar um serviço à Doutrina. Porém, generalizar essas acusações, estender sobre uma multidão de pessoas honradas a reprovação que alguns indivíduos isolados merecem, é um abuso de outro gênero, porquanto é uma calúnia.

Admitindo-se que as mesas fossem preparadas, seria necessário um mecanismo bem engenhoso para que elas pudessem fazer movimentos e ruídos tão variados. Como é que ainda não se conhece o nome do hábil fabricante que os confecciona? Entretanto, ele deveria ter uma grande celebridade, pois que esses aparelhos estão espalhados nas cinco partes do mundo. Também é preciso convir que seu procedimento é bem sutil, pois que ele pode se adaptar a qualquer mesa sem deixar nenhum traço exterior. Como é que, desde Tertuliano⁶ (ele também falou das mesas girantes e falantes) até o presente, ninguém pôde ver nem descrever tal aparelho?

Visitante: — Eis aí o que o engana. Um célebre cirurgião reconheceu que certas pessoas podem, pela contração de um músculo da perna, produzir um ruído semelhante àquele que o senhor atribui à mesa, de onde se conclui que os seus médiuns se divertem à custa da credulidade.

A.K.: — Então, se é um estalo do músculo, não é a mesa que está preparada. A prova mais evidente de que nem uns nem outros conhecem a verdadeira causa dessa pretensa fraude é que cada um a explica à sua maneira.

Eu respeito a ciência desse sábio cirurgião, só que algumas dificuldades se apresentam para a aplicação da sua teoria às mesas falantes. A primeira é que é singular que essa faculdade, excepcional até o momento e vista como um caso patológico, tenha, de repente, se tornado tão comum; a segunda é que é preciso ter um enorme desejo de mistificar para fazer seu músculo estalar durante duas ou três horas consecutivas, quando isso não lhe oferece mais que fadiga e dor; a terceira é que eu não entendo como esse músculo entra em relação com as portas e as paredes nas quais as batidas se fazem ouvir; a quarta, finalmente, é que é preciso a esse músculo estalador uma propriedade bem maravilhosa para fazer mover uma pesada mesa, levantá-la, abri-la, fechá-la, mantê-la em suspensão sem ponto de apoio, e, depois, fazê-la quebrar ao cair. Ninguém desconfiava, nem de leve, que esse músculo tivesse tantas virtudes. (*Revue Spirite*, junho de 1859, p. 141: “O músculo estalador”).

O célebre cirurgião do qual o senhor falou, estudou o fenômeno da *tiptologia*⁷ naqueles que o produzem? Não; ele constatou um efeito fisiológico anormal, entre alguns indivíduos que nunca se ocuparam com mesas que batem, e, achando certa analogia com o efeito que se produz nas mesas, e sem um exame mais amplo, concluiu, com toda a autoridade da sua ciência, que todos aqueles que fazem as mesas falarem⁸ devem ter a propriedade de fazer estalar seu músculo curto perônio,

⁶ **Tertuliano:** doutor da Igreja, nascido em Cartago (aproximadamente 155-220 d. C.) gênio poderoso, absoluto e sombrio, apologista de grande valor. (N.T.)

⁷ **Tiptologia:** (Do grego: *typto* = eu bato, (+) *logos* = discurso) Comunicação dos espíritos através de uma linguagem convencional por pancadas, ruídos ou batimentos; por exemplo, uma batida que dizer sim, duas, não. L. Palhano Jr. In *Dicionário de Filosofia Espírita*, Léon Denis – Gráfica e Editora. (N.T.)

⁸ Diz-se que **as mesas falavam** porque “elas respondiam” às perguntas que lhes eram dirigidas mediante sinais convencionados como, por exemplo, a mesa elevar-se e, com um dos pés, dar uma batida ao responder *sim* e



e que eles não são mais que impostores, quer sejam príncipes ou operários, quer sejam pagos ou não.

Pelo menos ele estudou o fenômeno da tiptologia em todas as suas fases? Ele verificou se, com a ajuda desses estalos musculares, poder-se-ia produzir todos os efeitos tiptológicos? Não, nada mais, do contrário ele se teria convencido da insuficiência do seu procedimento; mas isso não o impediu de proclamar sua descoberta em pleno Instituto. Este não é, para um sábio, um julgamento muito grave? O que resta dele hoje em dia? Eu lhe confesso, se eu tivesse de sofrer uma operação cirúrgica, hesitaria muito em me confiar a esse médico porque temeria que ele não julgasse minha doença com mais perspicácia.

Já que esse julgamento é um dos argumentos sobre os quais o senhor parece ter de se apoiar para sustentar um ataque contra o Espiritismo, isso me tranquiliza completamente sobre a força dos outros argumentos que o senhor fará valer, se não for buscá-los em fontes mais autênticas.

Visitante: — Vê-se, porém, que a moda das mesas girantes, que durante algum tempo foi um furor, já passou; atualmente ninguém se ocupa mais com elas. Por que isso acontece, se esse é um assunto sério?

A.K.: — Porque das mesas girantes saiu algo mais sério ainda; delas saiu toda uma ciência, toda uma doutrina filosófica muitíssimo interessante para aqueles que refletem. Quando essas pessoas não tiveram mais nada a aprender diante de uma mesa que se movia, não se ocuparam mais com esse fenômeno.

Para os fúteis, os que nada investigam, isso era um passatempo, um brinquedo que largaram depois de usá-lo bastante; para a Ciência, essas pessoas não são consideradas.

O período da curiosidade teve o seu tempo, depois foi sucedido pelo da observação. O Espiritismo, então, entrou no domínio das pessoas sérias, que não se divertem com ele, mas que se instruem. As pessoas que o consideram como algo importante não se prestam a nenhuma experiência movida pela curiosidade, e, ainda menos, para aqueles que viriam a elas com pensamentos hostis. Como não se divertem, elas não estão dispostas a servir de divertimento para os outros; eu pertenço a esse número.

Visitante: — Porém, não há nada que possa convencer melhor que a experiência, mesmo àqueles que, inicialmente, tinham como objetivo apenas a curiosidade. Se o senhor só trabalha em presença de pessoas convictas, permita que lhe diga que convence convertidos.

duas batidas ao responder *não*, ou dar uma batida todas as vezes que fossem ditas as letras do alfabeto (que alguém presente à experiência ia falando) correspondentes às palavras que o espírito queria formar. Embora muito lenta, essa forma de comunicação deu excelentes resultados. Deve-se observar que essas experiências também foram muito importantes porque levaram os pesquisadores a buscar a causa dos movimentos realizados pelas mesas: os *espíritos*. Modernamente, denomina-se de *sematologia* (do grego *sema* = sinal (+) *logos* = discurso) a comunicação dos espíritos por sinais produzidos por meio de batidas ou movimentos de corpos inertes. (N.T.)

A.K.: — Diferente de estar convencido, é estar disposto a se convencer, é a estes últimos que eu me dirijo e não àqueles que crêem rebaixar a sua inteligência vindo escutar o que eles chamam de fantasia. Com esses eu não tenho a mínima preocupação do mundo. Quanto àqueles que dizem ter o desejo sincero de se esclarecerem, a melhor maneira de provarem suas palavras é mostrar perseverança; eles são reconhecidos por outros sinais além da vontade de assistir a uma ou duas experiências: esses querem trabalhar seriamente.

A convicção só é obtida com o tempo, com uma série de observações feitas com um cuidado todo especial. Os fenômenos espíritas diferem essencialmente dos que as nossas ciências exatas⁹ apresentam: eles não se produzem à vontade. É preciso compreendê-los no momento em que ocorrem; é observando-os muito, e por muito tempo, que se descobre uma quantidade de provas que escapam à primeira vista, principalmente quando a pessoa não está familiarizada com as condições nas quais elas podem se encontrar, e ainda mais quando se chega cheio de prevenção. Para o observador assíduo que reflete, as provas afluem; para ele, uma palavra, um fato insignificante em aparência pode ser um raio de luz, uma confirmação. Para o observador superficial e casual, para o simples curioso, elas são nulas; eis por que eu não me presto a experiências sem resultado provável.

Visitante: — Porém, para tudo é preciso um começo. O iniciante que nada sabe, que nada viu, mas que deseja se esclarecer, como pode fazê-lo se o senhor não lhe dá os meios?

A.K.: — Eu faço uma grande diferença entre o incrédulo por ignorância e o incrédulo sistemático. Quando vejo em alguém as disposições favoráveis, nada me custa esclarecê-lo, mas há pessoas nas quais o desejo de se instruir é apenas aparente; com elas perde-se o tempo porque, se não acham logo o que parecem procurar, e que talvez os aborrecesse se encontrassem, o pouco que vêem é insuficiente para destruir suas prevenções; elas julgam mal e fazem do que viram um objeto de zombaria que é inútil lhes fornecer.

Àquele que tem o desejo de se instruir, eu direi: “Não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química, já que nunca se é senhor de produzir os fenômenos por livre determinação, e porque as inteligências que são os agentes desses fenômenos muitas vezes frustram todas as nossas previsões. Aqueles que, acidentalmente, o senhor pudesse ver, não apresentando nenhuma seqüência, nenhuma ligação necessária, lhes seriam pouco inteligíveis. Instrua-se primeiro pela teoria; leia e medite as obras que tratam dessa ciência, nelas aprenderá seus princípios, encontrará a descrição de todos os fenômenos, compreenderá sua possibilidade pela explicação que é dada sobre eles, e pela narração de inúmeros fatos espontâneos, dos quais o senhor pode ter sido testemunha sem se dar conta, e que lhe voltarão à memória. O senhor se

⁹ **Ciências exatas:** são assim denominadas as ciências matemáticas, e seus diferentes ramos, porque têm precisão rigorosa, perfeita, exata, segundo as regras, o modelo ou a verdade. (N.T.)

esclarecerá sobre todas as dificuldades que podem se apresentar e formará, assim, uma primeira convicção moral. Então, quando a oportunidade de ver ou de operar pessoalmente se apresentar, compreenderá, qualquer que seja a ordem na qual os fatos se apresentem, porque nada lhe será estranho.”

Eis aí o que aconselho a qualquer pessoa que afirme querer se instruir, e, de acordo com a resposta recebida, é fácil perceber se existe nela algo além da curiosidade.

Segunda Conversação

— O CÉTICO —

Visitante: — Eu compreendo a utilidade do estudo prévio do qual acaba de falar. Como predisposição pessoal, eu não sou pró nem contra o Espiritismo, mas esse assunto, por ele mesmo, instiga ao máximo o meu interesse. No círculo dos meus conhecimentos encontram-se partidários dele, mas também, adversários; tenho ouvido, a esse respeito, os argumentos mais contraditórios. Eu me proporia submeter-lhe algumas das objeções que têm sido feitas em minha presença, e que me parecem ter um certo valor, pelo menos para mim que confesso minha ignorância.

A.K.: — É um prazer responder às questões que me apresentam, quando são feitas com sinceridade e sem segundas intenções, sem me gabar, entretanto, de poder resolvê-las todas. O Espiritismo é uma ciência que acaba de nascer e onde há ainda muito a aprender; portanto, seria muito pretensioso para mim pretender acabar com todas as dificuldades; só posso dizer o que sei.

O Espiritismo liga-se a todos os ramos da Filosofia, da Metafísica, da Psicologia e da Moral; é um campo imenso que não pode ser percorrido em algumas horas. Ora, o senhor compreende que me seria materialmente impossível repetir de viva voz, e a cada um em particular, tudo o que escrevi sobre esse assunto para uso de todas as pessoas. Aliás, em uma leitura prévia, feita seriamente, se encontrará a resposta para a maioria das questões que naturalmente vêm ao pensamento; ela tem uma dupla vantagem: evitar repetições inúteis e provar uma vontade sincera de se esclarecer. Se, após essa leitura, ainda restam dúvidas ou pontos obscuros, a sua explicação torna-se mais fácil porque já existe algo em que se apoiar, e não se perde mais tempo revendo os princípios mais elementares. Portanto, se o senhor o permitir, eu me limitarei, por agora, a algumas questões gerais.

Visitante: — Seja; queira, por favor, me chamar à ordem se eu me afastar dela.

Espiritismo e Espiritualismo

Pergunto inicialmente que necessidade havia de criar as novas palavras *espírita* e *Espiritismo* para substituir *espiritualista* e *espiritualismo* que pertencem à língua comum e são compreendidas por todas as pessoas? Já ouvi alguém qualificar esses termos de barbarismos.¹⁰

¹⁰ **Barbarismo:** emprego de vocábulos, expressões e construções alheios ao idioma. Bechara, Evanildo. In *Moderna Gramática Portuguesa*. (N.T.)

A.K.: — A palavra *espiritualista* tem, há muito tempo, uma acepção bem determinada; é a Academia¹¹ quem a dá: *Espiritualista é aquele ou aquela cuja doutrina é oposta ao materialismo*. Todas as religiões são, necessariamente, fundadas sobre o *espiritualismo*. Todo aquele que crê que há em nós outra coisa além da matéria é *espiritualista*, o que não traz como consequência a crença nos espíritos e nas suas manifestações. Como o senhor o distinguiria daquele que acredita nisso? É preciso então empregar uma perífrase¹² e dizer: é um *espiritualista* que crê, ou um *espiritualista* que não crê em espíritos. Para coisas novas precisamos de palavras novas, se queremos evitar os equívocos.

Se eu tivesse dado à minha *Revista*¹³ a qualificação de *Espiritualista*, não teria, de modo algum, especificado o seu objetivo, porque, sem me esquivar do meu título, eu poderia não dizer uma palavra sobre os espíritos e até mesmo combatê-los. Há algum tempo li, em um jornal, a respeito de uma obra filosófica, um artigo em que era dito que o autor havia escrito sob o ponto de vista *espiritualista*; ora, os partidários do Espiritismo ficariam singularmente desapontados se, confiando nessa indicação, tivessem acreditado que iriam encontrar nessa obra a mínima concordância com suas idéias. Portanto, se eu adotei as palavras *espírita* e *Espiritismo* é porque elas exprimem, sem equívoco, as idéias relativas aos espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*, mas isso não quer dizer que todos os *espiritualistas* sejam *espíritas*.

Se os espíritos fossem uma quimera ainda seria útil encontrar termos especiais para o que a eles se refere, porquanto são necessárias palavras para as idéias falsas como para as idéias verdadeiras. Aliás, essas palavras não são mais bárbaras que todas aquelas que as ciências, as artes e a indústria criam diariamente. Certamente elas não o são mais do que aquelas que Gall¹⁴ imaginou para a sua nomenclatura das faculdades, tais como: *amatividade*, *combatividade*, *alimentividade*, *afetividade*, etc.¹⁵

Há pessoas que, por espírito de contradição, criticam tudo o que não provém delas, tomando ares de oposição; aqueles que assim suscitam tão lamentáveis tramóias só provam uma coisa, a pequenez de suas idéias. Criticar semelhantes bagatelas é provar que se está desprovido de boas razões.

¹¹ Trata-se da Academia Francesa, fundada em 1635 pelo cardeal Richelieu, composta de 40 membros, e que era encarregada da redação do Dicionário da Língua Francesa, com um repertório de palavras admitidas por seus membros. A 1ª edição do Dicionário da Academia Francesa apareceu no ano de 1694. (N.T.)

¹² **Perífrase:** procedimento que consiste em exprimir com muitas palavras o que se poderia dizer com apenas uma. (N.T.)

¹³ Trata-se da **Revista Espírita** (*Revue Spirite*), que teve a sua primeira edição em 1858. (N.T.)

¹⁴ François-Joseph Gall (1758-1828), médico alemão, criador da frenologia, teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseando-se na conformação do crânio. (N.T.)

¹⁵ Estas palavras, como relata o Autor, foram imaginadas por Gall. No dicionário Lello Universal (em dois volumes) encontramos, no verbete *frenologia*, o seu significado. **Combatividade** é a tendência que os indivíduos têm para a luta, o combate; **amatividade** é a disposição para amar; **afetividade** é a qualidade do que é afetivo; **alimentatividade** ou **alimentividade** é o instinto que leva os indivíduos a procurar alimentos. (N.T.)

Espiritualismo e *espiritualista* são as palavras inglesas empregadas nos Estados Unidos desde o começo das manifestações. No início, durante algum tempo, elas também foram utilizadas na França, mas desde que apareceram *Espiritismo* e *espírita*, compreendeu-se tão bem a sua utilidade que elas foram aceitas imediatamente pelo público. Hoje o seu uso está de tal forma consagrado que os próprios adversários, aqueles que chamavam esses termos de barbarismo, não empregam outros.

Os sermões e as pastorais que atacam o *Espiritismo* e os *espíritas* não poderiam anatematizar, ou seja, condenar o *Espiritualismo* e os *espiritualistas* sem causar a confusão das idéias.

Bárbaros ou não, esses termos estão, daqui em diante, inseridos na língua usual e em todas as línguas da Europa; são os únicos empregados em todas as publicações, pró ou contra, feitas em todos os países. Eles formam a cabeça da coluna da nomenclatura da nova ciência; para exprimir os fenômenos especiais dessa ciência, eram necessários termos especiais. O *Espiritismo* tem, doravante, a sua nomenclatura como a Química tem a sua.¹⁶

As palavras *Espiritualismo* e *espiritualista*,¹⁷ aplicadas às manifestações dos espíritos, só são empregadas atualmente pelos adeptos da chamada escola americana.

Dissidências

Visitante: — Essa diversidade na crença disso que o senhor chama de uma ciência é, parece-me, a sua condenação. Se essa ciência estivesse estabelecida sobre fatos positivos não deveria ser a mesma na América e na Europa?

A.K.: — Inicialmente responderei que essa divergência é mais na forma que na essência; na realidade, ela consiste na maneira de encarar alguns pontos da Doutrina, mas não constitui um antagonismo radical nos princípios, como se apressam em afirmar os nossos adversários, sem haverem estudado a questão.

¹⁶ Essas palavras, aliás, têm atualmente direito de burguesia; elas estão no suplemento do *Petit Dictionnaire des Dictionnaires Français*, resumo de Napoléon Landais, obra que se imprimiu com vinte mil exemplares. Nela se encontra a definição e a etimologia das palavras: erraticidade, medianímico, médium, mediunidade, perispírito, pneumatografia, pneumatofonia, psicógrafo, psicografia, psicofonia, reencarnação, sematologia, espírita, *Espiritismo*, *espiritista*, *estereotita* e *tiptologia*. Elas se encontram também, com todos os desdobramentos que comportam, na nova edição do *Dictionnaire Universel*, de Maurice Lachâtre. (Nota de Kardec).

¹⁷ Ao final deste item, sintetizamos as seguintes definições:

Espiritismo: doutrina codificada por Allan Kardec, baseada nas evidências da sobrevivência da alma e da comunicação dos espíritos com os homens, por meio da mediunidade. A existência de Deus, a existência do Espírito, a pluralidade das vidas sucessivas, a pluralidade dos mundos habitados e a comunicabilidade dos espíritos são princípios básicos da Doutrina Espírita.

Espiritualismo: doutrina filosófica que tem por base a existência de Deus e do espírito; crença na existência da alma espiritual e imaterial. O *Espiritualismo* é a base de todas as religiões.

Espírita: Relativo ou pertencente ao *Espiritismo*; que é partidário, militante ou adepto do *Espiritismo*.

Espiritualista: que se refere ao *espiritualismo*; adepto do *espiritualismo*; aquele que acredita que em nós nem tudo é matéria, no entanto é um erro utilizar-se o termo *espiritualista* para designar o adepto do *Espiritismo* ou o *espírita*. L. Palhano Jr. In *Dicionário de Filosofia Espírita*, Léon Denis – Gráfica e Editora. (N.T.)

Diga-me, porém, qual é a ciência que, no seu início, não provocou dissidências até que seus princípios fossem claramente estabelecidos? Essas dissidências não existem, ainda hoje, nas ciências melhores constituídas?

Todos os sábios estão de acordo sobre o mesmo ponto? Eles não têm as suas teorias particulares? As sessões do Instituto¹⁸ apresentam sempre o quadro de um perfeito entendimento cordial?

Em Medicina não há a Escola de Paris e a Escola de Montpellier?

Cada descoberta, em uma ciência, não significa a oportunidade de ocorrer um cisma, ou seja, uma dissidência de opiniões, entre aqueles que querem ir adiante e aqueles que querem ficar parados?

No que se refere ao Espiritismo, não é natural que, ao aparecerem os primeiros fenômenos, enquanto se ignoravam as leis que os regem, cada um haja dado a sua teoria e os tenha encarado à sua maneira? O que aconteceu a todas essas teorias primitivas isoladas? Caíram diante de uma observação mais completa dos fatos. Alguns anos foram suficientes para estabelecer a unidade grandiosa que prevalece hoje em dia na Doutrina e que reúne a imensa maioria dos adeptos, excetuando-se algumas individualidades que, aqui como em todas as coisas, se agarram às idéias primitivas e morrem com elas.

Qual é a ciência, qual é a doutrina filosófica ou religiosa que oferece um exemplo semelhante? O Espiritismo jamais apresentou a centésima parte das divisões que dilaceraram a Igreja durante muitos séculos e que a dividem ainda hoje.

Realmente, é curioso ver as puerilidades a que se apegam os adversários do Espiritismo. Isso não é a indicação da ausência de razões sérias? Se eles as tivessem, não deixariam de fazê-las valer.

O que opõem ao Espiritismo? Zombarias, negações, calúnias, mas nenhum argumento decisivo. A prova de que ainda não lhe encontraram nenhum ponto vulnerável é que nada deteve a sua marcha ascendente e que, após dez anos, ele conta mais adeptos do que jamais contou qualquer seita após um século. Esse é um fato comprovado e reconhecido por seus próprios adversários.

Para destruí-lo, não basta dizer: isso não acontece, isso é absurdo; é preciso provar categoricamente que os fenômenos não existem, que não podem existir. É o que, até agora, nenhuma pessoa fez.

¹⁸ Trata-se do **Instituto de França**, órgão formado pela reunião de cinco Academias: *Academia Francesa* (vide rodapé no 11); *Academia das Inscrições e Belas Letras*, com 40 membros, fundada por Colbert em 1663, e que se ocupa de trabalhos de erudição histórica ou arqueológica; *Academia de Ciências Morais e Políticas*, com 40 membros, fundada em 1795, consagrada ao estudo das questões de Filosofia, Economia, Política, Direito, História Geral, etc.; *Academia das Ciências*, fundada em 1666, por Colbert, com 66 membros e 2 secretários perpétuos, destinada ao estudo das questões das Matemáticas, da Química, da Física, etc.; *Academia de Belas-Artes*, composta de pintores, escultores, gravadores, músicos, e cujas diversas seções foram reunidas em uma só sociedade em 1795. Cada uma dessas Academias é formada por meio de eleição e distribui prêmios. (N.T.)

Fenômenos Espíritos Simulados

Visitante: — Não está provado que se podia produzir esses mesmos fenômenos fora do Espiritismo? Daí pode-se concluir que eles não têm a origem que lhe atribuem os espíritos.

A.K.: — Do fato de se poder imitar uma coisa, resulta que essa coisa não existe? Que diria o senhor da lógica daquele que pretendesse que todo vinho de Champagne é água de Seltz só porque se fez vinho de Champagne com água de Seltz. Esse é o privilégio de todas as coisas que têm a propriedade de engendrar reproduções fraudulentas. Os prestidigitadores pensaram que o nome *Espiritismo*, por causa da sua popularidade e das controvérsias de que era motivo, podia ser facilmente explorado, e, para atrair o povo, simularam, mais ou menos grosseiramente, alguns fenômenos de mediunidade, como recentemente fizeram com a clarividência sonambúlica. Então todos os zombadores aplaudiram, gritando: *Eis aí o que é o Espiritismo!*

Quando apareceu a engenhosa produção dos espectros em cena, eles não proclamaram por toda a parte que seria um tiro de misericórdia no Espiritismo? Antes de pronunciar uma sentença tão positiva, teriam de pensar que as afirmações de um escamoteador não são palavras do Evangelho, e se assegurarem de que havia identidade real entre a imitação e a coisa imitada. Ninguém compra um brilhante antes de certificar-se de que ele não é uma imitação.

Um estudo, ainda que pouco profundo, os teria convencido de que os fenômenos espíritos se apresentam em condições totalmente diferentes. Além disso, eles saberiam que os espíritos não se dedicam a fazer aparecer espectros nem a ler a sorte de ninguém.

Só a malevolência e uma grande má-fé puderam comparar o Espiritismo à magia e à feitiçaria quando ele lhes repudia o objetivo, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas. O mesmo ocorre quando comparam as reuniões espíritos às assembleias do Sabá¹⁹ onde esperavam a hora fatal da meia-noite para fazer aparecer os fantasmas.

Um dia, um de meus amigos espíritos encontrava-se presente em uma representação de *Macbeth*,²⁰ ao lado de um jornalista que ele não conhecia. Quando chegou a cena das feiticeiras, ele entendeu o jornalista dizer ao seu vizinho: “Vamos assistir a uma sessão de Espiritismo, é justamente o que me falta para o meu próximo artigo, eu vou saber como as coisas se passam. Se houvesse aqui um desses loucos eu lhe perguntaria se ele se reconhece nesse quadro.” — “Eu sou um desses loucos, disse-lhe o espírita, e posso lhe garantir que ali não me reconheço, absolutamente, porque se bem que eu tenha assistido a centenas de reuniões espíritos, nunca vi nada parecido a isto. Se é aqui que o senhor vem buscar os esclarecimentos para o seu artigo, ele não vai se distinguir pela verdade.”

¹⁹ **Sabá:** assembleia secreta de bruxos e bruxas que, segundo superstição da Idade Média, se reunia no sábado, à meia-noite, sob a presidência do diabo. (N.T.)

²⁰ **Macbeth:** drama escrito em 1605 por William Shakespeare, dramaturgo e poeta inglês. (N.T.)

Muitos críticos não têm uma base mais séria. Sobre quem cai no ridículo, senão sobre aqueles que avançam tão levemente? Quanto ao Espiritismo, o seu crédito, longe de ser atingido, tem crescido pela divulgação que todas essas manobras lhe têm dado, chamando a atenção de uma multidão de pessoas que não havia escutado falar dele; elas provocaram o exame e aumentaram o número de adeptos porque se reconheceu que, em lugar de uma brincadeira tratava-se de uma coisa séria.

A Impotência dos Detratores

Visitante: — Eu concordo que entre os detratores do Espiritismo há os inconseqüentes, como esse que o senhor acabou de citar, mas, ao lado deles, não existem homens de real valor cuja opinião tem uma certa importância?

A.K.: — De modo algum eu o contesto. A isso eu respondo que o Espiritismo também conta, entre os seus adeptos, com homens de um valor não menos real, e, digo mais, que a imensa maioria dos espíritas se compõe de homens de inteligência e de estudo. Só a má-fé pode dizer que eles são recrutados entre as mulheres simples e os ignorantes.

Aliás, um fato decisivo responde a essa objeção: o de que, apesar do seu saber ou sua posição oficial, nenhum conseguiu deter a marcha do Espiritismo, entretanto não existe um detrator, desde o mais insignificante folhetinista, que não se tenha gabado de lhe dar o golpe mortal; todos, sem exceção, têm ajudado, sem que o desajassem, a divulgá-lo.

Uma idéia que resiste a tantos ataques, que avança sem titubear através da saraivada de dardos que lhe lançam, não prova a força e a profundidade de suas raízes? Esse fenômeno não merece a atenção dos pensadores sérios? Por isso, alguns dizem, hoje em dia, que ali deve haver qualquer coisa, talvez um desses grandes movimentos irresistíveis que, de tempos em tempos, abalam as sociedades para transformá-las.

Assim tem ocorrido sempre com todas as idéias novas convocadas a revolucionar o mundo. Elas encontram obstáculos porque têm de lutar contra os interesses, os preconceitos, os abusos que vêm aniquilar; mas, como estão nos desígnios de Deus, para cumprir a lei do progresso da humanidade, quando a hora é chegada, nada poderia detê-las; é a prova de que elas são a expressão da verdade.

Essa impotência dos adversários do Espiritismo prova, inicialmente, como eu disse, a ausência de boas razões, visto que as que eles lhe opõem não convencem; ela provém de uma outra causa que frustra todas as suas combinações. Eles se admiram da expansão do Espiritismo, e, apesar de tudo o que fazem para detê-lo, ninguém encontra a causa dessa expansão, já que vão procurá-la onde ela não está. Uns a vêem no grande poder do diabo, que se mostraria assim mais forte que eles, e também mais forte que Deus, outros no aumento da loucura humana.

O erro de todos é crer que a fonte do Espiritismo é única e que ela se baseia na opinião de um homem, daí a idéia de que, contradizendo a opinião desse homem,

poderão destruir o Espiritismo. Eles procuram essa fonte sobre a Terra, entretanto ela está no espaço; ela não está sobre um ponto, mas por toda a parte, porque os espíritos se manifestam por toda a parte, em todos os países, no palácio como na choupana.

A verdadeira causa está, pois, na própria natureza do Espiritismo que não recebe o seu impulso apenas de uma fonte, mas que permite a toda pessoa receber diretamente as comunicações dos espíritos e assim assegurar-se da realidade dos fatos.

Como convencer a milhões de indivíduos que tudo isso é trapaça, charlatanismo, escamoteação, destreza, quando são eles mesmos que obtêm esses resultados sem o concurso de ninguém?

Como convencê-los de que eles são seus próprios cúmplices e que, completamente sós, fazem uso do charlatanismo e da escamoteação?

Essa universalidade das manifestações dos espíritos, que ocorrem sobre todos os pontos do globo, veio dar um desmentido aos detratores e confirmar os princípios da Doutrina, é uma força que aqueles que não conhecem o mundo invisível não podem compreender, tanto quanto aqueles que não conhecem a lei da eletricidade não podem compreender a rapidez da transmissão telegráfica. É contra essa força que vêm se quebrar todas as negações, porquanto é exatamente como se alguém dissesse às pessoas que recebem os raios solares que o Sol não existe.

Não se considerando as qualidades da Doutrina, que agradam mais que aquelas que se lhe opõem, aí está a causa dos fracassos que atingem aqueles que tentam deter a sua marcha. Para terem êxito, seria preciso que encontrassem o meio de impedir os espíritos de se manifestarem. Eis por que os espíritos tomam tão pouco cuidado com as manobras dos seus oponentes; os espíritos têm a seu favor a experiência e a autoridade dos fatos.

O Maravilhoso e o Sobrenatural

Visitante: — Evidentemente o Espiritismo tende a fazer reviver as crenças fundamentadas sobre o maravilhoso e o sobrenatural; ora, neste nosso século positivo,²¹ isso me parece difícil, porque seria o mesmo que dar crédito às superstições e aos erros populares que a razão condenou.

A.K.: — Uma idéia é supersticiosa porque é falsa, mas, quando é reconhecida como verdadeira, deixa de ser supersticiosa. A questão, pois, é saber se há ou não manifestações de espíritos, ora, o senhor não pode qualificar esse fenômeno de superstição enquanto não houver provado que elas não existem. O senhor dirá que sua razão se recusa a aceitá-las, mas todos aqueles que acreditam nelas, e que não são nenhuns tolos, também invocam a sua razão, e ainda os fatos; qual das duas razões deve ser considerada?

²¹ O autor se referia ao século XIX. (N.T.)

Aqui, o grande juiz é o futuro, como o tem sido em todas as questões científicas e industriais, taxadas de absurdas e de impossíveis em sua origem. O senhor julga *a priori*, de acordo com a sua opinião, nós só julgamos após ter visto e observado durante muito tempo. Não nos esqueçamos de que o Espiritismo esclarecido, como o é atualmente, tende, ao contrário, a destruir as idéias supersticiosas, porque ele mostra o que há de verdadeiro ou de falso nas crenças populares, e tudo quanto de absurdo foi acrescido nelas pela ignorância e pelos preconceitos.

Eu vou mais longe, digo que é precisamente o positivismo do século que nos faz adotar o Espiritismo, e que é a ele que se deve em parte a sua rápida propagação, e não, como pretendem alguns, a uma recrudescência do amor ao maravilhoso e ao sobrenatural. O sobrenatural desaparece diante da luz da Ciência, da Filosofia e da Razão, como os deuses do Paganismo desapareceram diante da luz do Cristianismo.

O sobrenatural é o que está fora das leis da Natureza. O Positivismo não admite nada fora dessas leis, mas ele conhece todas elas? Em todos os tempos, os fenômenos cuja causa era desconhecida foram considerados sobrenaturais; cada nova lei descoberta pela Ciência tem recuado os limites do sobrenatural. Pois bem, o Espiritismo vem revelar uma lei segundo a qual a conversação com o espírito de um morto está baseada numa lei também tão natural quanto a conversação que a eletricidade permite estabelecer entre duas pessoas que se encontram a quinhentas léguas²² de distância uma da outra, o mesmo ocorrendo com todos os outros fenômenos espíritas.

O Espiritismo repudia, no que lhe diz respeito, todo efeito maravilhoso, isto é, fora das leis da Natureza. Ele não faz nem milagres nem prodígios, mas explica, em consequência de uma lei, certos efeitos considerados, até hoje, milagres e prodígios, demonstrando, por isso mesmo, a sua possibilidade. Ele amplia, assim, o domínio da Ciência, e é nisso que ele mesmo é uma ciência; mas, com a descoberta dessa nova lei, trazendo consequências morais, o código dessas consequências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica.

Nesse último ponto de vista, o Espiritismo responde às aspirações do homem, no que se refere ao futuro, sobre bases positivas e racionais, é por isso que ele convém ao espírito positivista do século. É o que o senhor compreenderá quando tomar o cuidado de estudá-lo. (*O Livro dos Médiuns*, cap. II; *Revista Espírita*, dezembro de 1861, p. 393, e janeiro de 1862, p. 21. Ver também, mais adiante, o capítulo II).

Oposição da Ciência

Visitante: — O senhor diz que se apóia em fatos, mas a opinião dos sábios lhe é contrária; eles contestam ou explicam esses fatos de forma diferente da sua. Por que os sábios não se dedicaram ao fenômeno das mesas girantes? Se nele tivessem visto alguma coisa de sério, é o que me parece, não iriam negligenciar fatos tão extraordinários, e ainda menos repeli-los com desdém, no entanto eles estão todos contra o senhor.

²² **Léguas:** antiga unidade de medida itinerária, equivalente a 6.600 metros. (N.T.)

Os sábios não são o farol das nações, e o seu dever não é difundir a luz? Por que, então, o senhor acha que teriam desprezado uma tão bela ocasião que se apresentava a eles para revelarem ao mundo uma nova força?

A.K.: — O senhor acaba de traçar, de uma forma admirável, o dever dos sábios, é deplorável que eles o tenham esquecido em mais de uma ocasião. Porém, antes de responder a essa judiciosa observação, devo reparar um erro grave que o senhor cometeu ao dizer que todos os sábios são contra nós.

Como lhe disse há pouco, é precisamente na classe instruída, e isso em todas as regiões do mundo, que o Espiritismo faz mais adeptos; ele conta com um grande número deles entre os médicos de todas as nações, ora, os médicos são homens de ciência; os magistrados, os professores, os artistas, os homens de letras, os oficiais, os altos funcionários, os grandes dignitários, os eclesiásticos, etc., que se reúnem sob a sua bandeira, todos são pessoas as quais não se pode negar uma certa dose de cultura. Não há sábios senão na ciência oficial e nos órgãos constituídos?

O fato de o Espiritismo não ter ainda o direito de cidade²³ na ciência oficial é motivo para condená-lo? Se a Ciência nunca houvesse se enganado, sua opinião aqui poderia ser considerada; infelizmente, a experiência prova o contrário. Ela não rechaçou como quimeras inúmeras descobertas que, mais tarde, tornaram célebres os seus autores? Não foi em razão de um relatório da nossa primeira associação de sábios que a França teve de se privar da iniciativa do emprego do vapor como força motriz?

Quando Fulton²⁴ veio ao campo de Boulogne apresentar seu sistema a Napoleão I, que recomendou o seu exame imediato ao Instituto, este não concluiu que aquele sistema era um *sonho impraticável* e que Napoleão não deveria ocupar-se com ele? Daí devemos concluir que os membros do Instituto são ignorantes? Que tal atitude justificaria os apelidos banais com que, por conta do mau gosto, algumas pessoas se comprazem em chamá-los?

É certo que não, não há pessoa sensata que não faça justiça ao seu eminente saber, reconhecendo, entretanto, que eles não são infalíveis e que, assim, seus julgamentos não são definitivos, principalmente quando se referem a fatos de idéias novas.

Visitante: — Eu admito, perfeitamente, que eles não são infalíveis, mas a verdade é que, em razão do seu saber, a opinião deles é importante, e se ela estivesse de acordo com o senhor isso daria um grande valor ao seu sistema.

A.K.: — Admita, também, que ninguém é bom juiz fora do que é sua competência. Se o senhor quiser construir uma casa, vai contratar um músico? Se estiver doente, irá tratar-se com um arquiteto? Buscará o parecer de um dançarino se

²³ **Ter o direito de cidade:** capacidade adquirida por uma pessoa para desfrutar dos privilégios comuns aos cidadãos de uma cidade. (N.T.)

²⁴ **Robert Fulton:** mecânico americano. (Pensilvânia, 1765 – Nova Iorque, 1815). Inventor do barco movido a vapor, do submarino e da mina submarina. (N.T.)

estiver envolvido em um processo? Enfim, tratando-se de uma questão de teologia, o senhor pedirá a um químico ou a um astrônomo para resolvê-la?

Não, pois, cada um tem seu ofício.

As ciências comuns repousam sobre as propriedades da matéria que se pode manipular à vontade, os fenômenos que ela produz têm por agentes as forças materiais. Os fenômenos do Espiritismo têm como agentes inteligências que possuem a sua independência, o seu livre-arbítrio e não estão submissas aos nossos caprichos, escapando, assim, aos nossos procedimentos de laboratório e aos nossos cálculos, e, em consequência, não são mais da alçada da Ciência propriamente dita.

A Ciência equivocou-se quando quis experimentar os espíritos como uma pilha voltaica:²⁵ ela fracassou, e isso devia acontecer porque agiu em vista de uma analogia que não existe. Depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo, diariamente, se encarrega de corrigir, como já corrigiu muitos outros. Para aqueles que fizeram esse pronunciamento, ficará a vergonha de haverem se manifestado tão irrefletidamente contra o poder infinito do Criador.

As comunidades científicas não podem, e jamais poderão, se pronunciar nessa questão, que está fora da sua competência tanto quanto a de decretar se Deus existe; é, pois, um erro fazer delas os seus juízes.

O Espiritismo é uma questão de crença pessoal que não pode depender do voto de uma assembleia, visto que esse voto, mesmo lhe sendo favorável, não pode forçar as convicções. Quando a opinião pública se tiver formado a esse respeito, eles a aceitarão como indivíduos, e suportarão a força dos fatos.

Deixem passar uma geração e, com ela, os preconceitos do amor-próprio que se obstina, e verão que acontecerá com o Espiritismo o mesmo que a tantas outras verdades que foram combatidas, e que agora seria ridículo colocar em dúvida. Hoje os crentes são tratados de loucos, amanhã será a vez daqueles que não crêem, exatamente como outrora chamou-se de loucos àqueles que acreditavam que a Terra girava.

Entretanto, nem todos os sábios julgaram da mesma forma, e, por sábios, considero os homens de estudo e de ciência, com ou sem título oficial. Muitos têm feito o seguinte raciocínio:

“Não há efeito sem causa, e os efeitos mais simples podem levar à solução dos maiores problemas. Se Newton²⁶ não tivesse dado atenção à queda de uma maçã;

²⁵ **Pilha voltaica:** pilha elétrica, inventada por Alessandro Volta (1745-1827), físico italiano, autor de notáveis trabalhos sobre eletricidade. (N.T.)

²⁶ **Isaac Newton:** matemático, físico, astrônomo e filósofo inglês (Lincolnshire, 1642 - Kensington, 1727). Descobriu em 1687 as leis da atração universal. Ao observar a queda de uma maçã, Newton foi obrigado a refletir nessa força singular que atrai os corpos para o centro da Terra, e perguntou a si mesmo se uma força da mesma natureza não poderia explicar o fato de a Lua se manter na órbita da Terra. Estendeu esse raciocínio aos planetas do sistema solar e, assim, de dedução em dedução, chegou à concepção da grande teoria, que os seus cálculos permitiram confirmar rigorosamente. (N.T.)

se Galvani²⁷ tivesse repellido seu ajudante, tratando-o de louco e de visionário, quando ele lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda não conhecêssemos a admirável lei da gravitação universal e as numerosas propriedades da pilha. O fenômeno que se designa sob o nome burlesco de dança das mesas não é mais ridículo que a dança das rãs, e talvez também contenha alguns desses segredos da Natureza que fazem revolução na humanidade quando se tem a sua solução."

Além disso, eles disseram: "Visto que tantas pessoas se ocupam com esse fenômeno, e que homens sérios o estudaram, é preciso que nele exista alguma coisa. Uma ilusão, uma mania se o quiserem, não pode ter esse caráter de generalidade; ela pode seduzir um círculo de pessoas, uma sociedade, mas não pode fazer a volta ao mundo. Evitemos, pois, negar a possibilidade do que não compreendemos sob pena de receber, cedo ou tarde, um desmentido que não louvaria a nossa perspicácia."

Visitante: — Muito bem, eis um sábio que raciocina com sabedoria e prudência, e, sem ser sábio, eu penso como ele; observe, porém, que ele não afirma nada: ele duvida. Ora, sobre que se baseia a crença na existência dos espíritos e, principalmente, na possibilidade de comunicação com eles?

A. K.: — Essa crença se apóia sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu mesmo só a adotei depois de um exame criterioso. Tendo adquirido o hábito das coisas positivas no estudo das ciências exatas, eu examinei, pesquisei essa nova ciência nos seus pontos mais ocultos; quis perceber a causa de tudo, porquanto só aceito uma idéia depois de lhe conhecer o como e o porquê.

Eis o raciocínio que um sábio médico, antes incrédulo e hoje adepto fervoroso, me fazia:

"Dizem que os seres invisíveis se comunicam; e por que não? Antes da invenção do microscópio, poder-se-ia supor a existência desses milhares de seres minúsculos que causam tantos danos no organismo? Onde está a impossibilidade material de que haja no espaço seres que escapam aos nossos sentidos?

Teríamos por acaso a ridícula pretensão de saber tudo e de dizer a Deus que ele não pode nos ensinar mais nada? Se esses seres invisíveis que nos cercam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco?

Se eles estão em relação com os homens, certamente devem representar um papel no destino, nos acontecimentos. Quem sabe? Talvez eles sejam uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas de que nem suspeitamos. Que novo horizonte isso abriria ao pensamento! Que vasto campo de observação!

A descoberta do mundo dos invisíveis seria bem diferente da do mundo dos infinitamente pequenos; isso seria mais que uma descoberta, seria uma revolução nas

²⁷ **Luigi Galvani:** físico e médico italiano (Bolonha, 1737-1798). Um dia, um de seus ajudantes observou que ao aproximar a ponta de um escalpelo dos nervos crurais (da coxa) de uma rã, ela sofreu uma contração violenta. Repetindo a experiência sob diversas formas, Galvani atribuiu aos animais uma electricidade particular. Essa teoria levou Alessandro Volta a formular a hipótese de uma electricidade produzida pelo contato dos metais. (N.T.)

idéias. Quanta luz ela pode projetar! Quantas coisas misteriosas seriam explicadas! Aqueles que acreditam nele são ridicularizados, mas o que é que isso prova? Não aconteceu o mesmo com todas as grandes descobertas? Cristovão Colombo não foi rejeitado, coberto de desgostos, tratado como insensato?

Dizem que essas idéias são tão estranhas que não se pode acreditar nelas, mas, aquele que tivesse afirmado, há somente meio século, que em alguns minutos poderíamos nos corresponder de um ponto ao outro da Terra; que em algumas horas se atravessaria a França; que com o vapor de um pouco de água fervendo um navio se movimentaria contra o vento; que se tiraria da água os meios para nos iluminar e nos aquecer; que tivesse proposto iluminar toda Paris em um instante, com um único reservatório de uma substância invisível, esse alguém seria ridicularizado.

Então, o fato de o espaço ser povoado de seres pensantes que, após terem vivido na Terra, deixaram seu envoltório material, é algo mais prodigioso que as realizações que acabamos de citar?

Não se encontra nesse fato a explicação de inúmeras crenças que remontam à antiguidade? Semelhantes coisas valem bem a pena ser aprofundadas."

Eis as reflexões de um sábio, mas de um sábio sem pretensão; são também as reflexões de muitos homens esclarecidos, que viram, não superficialmente e com prevenção, mas que estudaram seriamente e sem opinião preconcebida. Eles tiveram a modéstia de não dizer: "Eu não compreendo, então isto não existe", e sua convicção se formou pela observação e pelo raciocínio. Se essas idéias fossem quimeras, o senhor crê que todos esses homens eminentes as tivessem adotado? Que pudessem ser vítimas de uma ilusão durante tanto tempo?

Portanto, não há impossibilidade material para o fato de existirem seres, invisíveis para nós, povoando o espaço, e só esta consideração deveria levar a uma maior ponderação.

Há algum tempo atrás, quem poderia pensar que uma gota de água límpida pudesse conter milhares de seres de dimensões tão minúsculas que confundem a nossa imaginação? Ora, eu digo que era mais difícil para a nossa razão conceber seres de uma tal sutileza, providos de todos os órgãos e funcionando como nós, que admitir aquelas a quem denominamos espíritos.

Visitante: — Sem dúvida, mas do fato de uma coisa ser possível não se conclui que ela existe.

A.K.: — De acordo, mas o senhor há de convir que, desde que ela deixa de ser impossível, já representa um ponto importante, porque então ela não tem mais nada que a razão possa rejeitar. Basta, portanto, constatá-la pela observação dos fatos. Esta observação não é nova; a história, tanto sacra como profana, prova a antiguidade e a universalidade dessa crença, que se perpetuou através de todas as vicissitudes do mundo, e que se acha, entre os povos mais selvagens, em estado de idéias inatas e intuitivas, gravadas no pensamento como a do Ser Supremo e a da existência futura.

O Espiritismo, portanto, não é de criação moderna, muito ao contrário; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem ou talvez melhor que nós; só que ele era ensinado com precauções misteriosas que o tornavam inacessível ao comum dos homens, deixado de propósito no lamaçal da superstição.

Quanto aos fatos, eles são de duas naturezas: uns são espontâneos e outros, provocados. Entre os primeiros se incluem as visões e aparições, que são muito freqüentes, as batidas, os ruídos, a movimentação de objetos sem causa material e uma quantidade de efeitos insólitos que eram considerados sobrenaturais e que hoje nos parecem tão simples, visto que, para nós, não existe nada de sobrenatural, já que tudo está submetido às leis imutáveis da Natureza. Os fatos provocados são aqueles que se obtêm por intermédio dos médiuns.

Falsas Explicações dos Fenômenos

- **Alucinação**
- **Fluido magnético**
- **Reflexo do pensamento**
- **Sobreexcitação cerebral**
- **Estado sonambúlico dos médiuns**

Visitante: — É principalmente contra os fenômenos provocados que a crítica se manifesta. Coloquemos de lado qualquer suposição de charlatanismo e admitamos uma completa boa-fé; não se poderia pensar que os próprios médiuns são vítimas de uma alucinação?

A.K.: — Que eu saiba, ainda não se explicou claramente o mecanismo da alucinação. Porém, tal como é entendida, é um efeito muito singular e bem digno de estudo. Como, então, aqueles que pretendem explicar a causa dos fenômenos espíritos por meio da alucinação, não podem esclarecer a sua explicação? Aliás existem fatos que afastam essa hipótese: quando uma mesa ou um outro objeto se move, se eleva ou bate; quando ela passeia à vontade em um aposento sem o contato de pessoa alguma; quando se afasta do solo e se sustém no espaço sem ponto de apoio; enfim, quando se quebra ao cair no chão, isso, certamente, não é uma alucinação.

Supondo-se que o médium, por um efeito da sua imaginação, acredite ver o que não existe, é possível que toda uma sociedade seja presa do mesmo desvario? E que esse fato se repita por todos os lados, em todos os países? A alucinação, nesse caso, seria mais prodigiosa que o fato.

Visitante: — Admitindo-se a realidade do fenômeno das mesas que giram e que batem, não é mais racional atribuí-lo à ação de um fluido qualquer, do fluido magnético, por exemplo?

A.K.: — Esse foi o primeiro pensamento que eu tive, como tantos outros. Se os efeitos se limitassem a efeitos materiais, não há dúvida de que se poderia explicá-los assim, mas quando esses movimentos e essas batidas dão provas de

inteligência, quando se reconhece que eles respondem ao pensamento com inteira liberdade, chega-se a seguinte conclusão: *Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente*. A menos que se diga que esse fluido é inteligente, pode-se aceitá-lo como causador de um efeito inteligente?

Quando se vê os braços do telégrafo²⁸ fazerem os sinais que transmitem o pensamento, sabe-se muito bem que esses braços de madeira ou de ferro não são inteligentes, mas que uma inteligência os faz mover. O mesmo ocorre com a mesa. Ali há ou não efeitos inteligentes? Essa é a questão. Aqueles que o contestam são pessoas que não viram nada e que se precipitam tirando conclusões de acordo com as suas próprias idéias e uma observação superficial.

Visitante: — A isso se responde dizendo que se há um efeito inteligente ele não é outra coisa senão a própria inteligência, seja do médium, seja do interrogador, seja dos assistentes, visto que, segundo afirmam, a resposta está sempre no pensamento de alguém.

A.K.: — É ainda um erro devido à falta de observação. Se aqueles que pensam dessa forma se dessem ao trabalho de estudar o fenômeno em todas as suas fases, teriam, a cada passo, reconhecido a independência absoluta da inteligência que se manifesta. Como essa tese poderia se conciliar com as respostas que estão fora da capacidade intelectual e da instrução do médium? Que contradizem as suas idéias, seus desejos, suas opiniões ou que anulam completamente as previsões dos assistentes? Com o fato de médiuns escreverem em uma língua que não conhecem, ou na sua própria língua quando não sabem ler nem escrever?

Essa opinião, à primeira vista, não tem nada de irracional, tenho de convir, ela, porém, é desmentida por fatos tão numerosos e tão concludentes que a dúvida não é mais possível. Não obstante, mesmo admitindo-se essa teoria, o fenômeno, longe de ser simplificado, seria muito mais prodigioso. Como?!... Então o pensamento se refletiria sobre uma superfície como a luz, o som, o calor?! Em verdade, ali haveria motivo em que exercer a sagacidade da Ciência. E depois, o que ainda aumentaria o maravilhoso, é que, entre vinte pessoas reunidas, o pensamento desta ou daquela é que seria refletido, e não o pensamento de uma outra. Um semelhante sistema é insustentável. É verdadeiramente curioso ver os contraditores se esforçando em buscar causas cem vezes mais extraordinárias e difíceis de compreender do que aquelas que lhes são apresentadas.

Visitante: — Não se poderia admitir, segundo a opinião de alguns, que o médium está em um estado de crise e goze de lucidez que lhe dá uma percepção

²⁸ **Telégrafo:** aparelho que, por meio de sinais convencionais, o alfabeto Morse, por exemplo, transmite mensagens rapidamente e à distância. O Alfabeto Morse é uma série de sinais, formados por pontos e traços, correspondentes às letras e aos algarismos, e que foi inventado por Samuel Morse, pintor e físico norte-americano (Charlestown, 1791 - Nova Iorque, 1827). Modernamente, fica difícil compreender a exemplificação feita por Kardec referindo-se aos braços de um telégrafo, quando se tem a telefonia fazendo uso de satélites, porém, o que não deixa dúvidas é o fato de que não existem instrumentos inteligentes porquanto só o homem ou um espírito proporcionam os meios de fazê-los funcionar. (N.T.)

sonambúlica, uma espécie de dupla vista, o que explicaria a extensão momentânea das faculdades intelectuais, visto que, dizem, as comunicações obtidas pelos médiuns não ultrapassam o alcance daquelas que se obtêm pelos sonâmbulos?

A.K.: — Esse é um desses sistemas que ainda não suportam um exame aprofundado. O médium não está em crise, nem dormindo, mas perfeitamente acordado, agindo e pensando como todas as pessoas, sem nada haver de extraordinário. Foram certos efeitos particulares que deram origem a esse equívoco; porém, quem não se limitar a julgar os acontecimentos apenas por um de seus ângulos, reconhecerá, sem dificuldade alguma, que o médium é dotado de uma faculdade própria que não permite que ele seja confundido com o sonâmbulo, a completa independência do seu pensamento é provada por fatos de grande evidência.

Não se considerando as comunicações escritas, qual foi o sonâmbulo que alguma vez fez sair um pensamento de um corpo inerte? Produziu aparições visíveis e mesmo tangíveis? Que pôde manter um corpo pesado no espaço, sem nenhum ponto de apoio?

Foi por efeito sonambúlico que um médium desenhou, um dia, em minha casa, em presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem morta há dezoito meses, e que ele jamais havia visto, retrato reconhecido pelo pai da jovem, que estava presente à sessão?

É por um efeito sonambúlico que uma mesa responde, com precisão, as questões propostas, mesmo mentalmente? Certamente, se admitirmos que o médium esteja em estado magnético, parece-me difícil acreditar que a mesa seja sonâmbula.

Dizem, ainda, que os médiuns só falam claramente de coisas conhecidas. Como explicar o fato seguinte e cem outros da mesma espécie?

Um de meus amigos, muito bom médium escrevente, perguntou a um espírito se uma pessoa que ele perdera de vista há quinze anos ainda estava neste mundo. “Sim, ele vive ainda, respondeu-lhe o espírito, mora em Paris, na rua tal, número tal.” Meu amigo foi a Paris e encontrou a pessoa no endereço indicado. Isso foi uma ilusão? Seu pensamento não podia lhe sugerir esta resposta visto que, em razão da idade da pessoa por quem ele perguntava, havia toda a probabilidade de que ela não existisse mais.

Se, em certos casos, vimos respostas de acordo com o pensamento de quem faz a pergunta, é racional concluirmos que isso seja uma regra geral? Nisso, como em todas as coisas, os julgamentos precipitados sempre são perigosos, porque podem ser anulados por fatos que não foram observados.

Não Basta aos Incrédulos Verem para se Convencerem

Visitante: — O que os incrédulos querem ver, o que mais solicitam, e que, na maior parte do tempo, não se pode fornecer, são os fatos positivos. Se todas as pessoas pudessem ser testemunhas desses fatos, a dúvida não seria mais permitida.

Como se explica, então, que tanta gente não tenha conseguido ver nada, apesar da sua boa vontade? Dizem eles que o motivo apontado é a sua falta de fé; a isso eles respondem, com razão, que não podem ter uma fé antecipada, e que se querem que eles acreditem é preciso lhes dar os meios de acreditarem.

A.K.: — A razão é bem simples. Eles querem os fatos sob o seu comando, e os espíritos não obedecem às suas ordens; é necessário aguardar a sua boa vontade. Portanto, não é suficiente dizer: mostrem-me tal fato e eu acreditarei. É preciso haver a vontade de perseverar, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem pretender forçá-los ou dirigi-los; aquele fato que mais desejam talvez seja, precisamente, o que não obterão; outros, porém, se apresentarão, e aquele, que tanto querem, virá no momento em que menos o esperarem.

Aos olhos do observador atento e assíduo, eles surgirão em massa, corroborando-se uns aos outros, mas quem julga que é suficiente apenas girar uma manivela para fazer a máquina se mover, está completamente enganado.

Que faz o naturalista que quer estudar os hábitos de um animal? Manda que ele faça isto ou aquilo para ter todo o tempo de observá-lo à sua vontade? Não; porque sabe muito bem que o animal não o obedecerá; ele observa as manifestações espontâneas de seu instinto; espera por elas e as aproveita de passagem. O simples bom senso mostra que, com muito mais razão, deve-se proceder da mesma forma com os espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais.

É um erro acreditar que a fé seja necessária; mas a boa-fé é outra coisa; ora, há céticos que negam até a evidência e aos quais os prodígios não poderiam vencer. Quantos existem que, após terem visto, persistem em explicar os fatos à sua maneira, dizendo que aquilo não prova nada. Essas pessoas só servem para levar a perturbação às reuniões, sem proveito algum para elas mesmas; é por isso que são afastadas, e que não se quer perder tempo com elas. Existem mesmo as que ficarão bem irritadas por serem forçadas a acreditar, porque seu amor-próprio sofreria ao confessarem que se haviam enganado. Que responder a pessoas que só vêm por toda parte a ilusão e o charlatanismo? Nada; é preciso deixá-las tranquilas e dizer, tanto quanto queiram, que elas não viram nada, e mesmo que nada se pôde ou nada se quis mostrar a elas.

Ao lado desses céticos empedernidos, há aqueles que querem ver à sua maneira; que, tendo formado uma opinião, querem a ela tudo relacionar. Eles não compreendem que os fenômenos não possam obedecer à sua vontade; não sabem ou não querem se colocar nas condições necessárias. Aquele que quer observar de boa-fé deve, eu não digo crer sob palavra, mas se despojar de toda idéia preconcebida; deve aguardar, seguir, observar com uma paciência infatigável; esta mesma condição é também favorável aos adeptos, porquanto ela prova que a sua convicção não se fez levianamente. O senhor tem essa paciência? Não, diz o senhor, eu não tenho tempo. Então, não se ocupe nem fale mais nesse assunto, ninguém o obriga a isso.

Boa ou Má Vontade dos Espíritos para Convencer

Visitante: — No entanto, os espíritos devem ter vontade de fazer prosélitos; por que não se dedicam, mais do que o que fazem, aos meios de convencer certas pessoas cuja opinião seria de grande influência?

A.K.: — É porque, aparentemente, naquele momento, eles não têm que convencer pessoas cuja importância não consideram da forma que elas mesmas fazem. É pouco lisonjeiro, reconheço, mas nós não podemos comandar a opinião deles, porquanto os espíritos têm uma maneira de julgar as coisas que nem sempre é idêntica à nossa. Eles vêem, pensam e agem segundo outros elementos; enquanto a nossa visão está restringida pela matéria, limitada pelo estreito círculo no meio do qual nós nos encontramos, eles abrangem o conjunto. O tempo, que nos parece tão longo, para eles é um instante; a distância não é mais que um passo; certos detalhes, que nós consideramos de uma importância extrema, são, aos seus olhos, apenas infantilidades; em compensação, julgam importantes coisas cujo alcance não conseguimos perceber.

Para compreendê-los, é preciso que nos elevemos, pelo pensamento, acima do nosso horizonte material e moral, e nos coloquemos no ponto de vista deles; não são os espíritos que devem descer até nós, somos nós que temos de subir até eles, e é ao que nos conduzem o estudo e a observação.

Os espíritos apreciam os observadores assíduos e conscienciosos e, para estes, multiplicam as fontes de luz; o que os afasta não é a dúvida que nasce da ignorância, é a presunção desses pretensos observadores que não observam nada, que pretendem colocá-los no banco dos réus, e manobrá-los como se fossem marionetes, é, principalmente, o sentimento de hostilidade e de descrédito que eles carregam, sentimento que está em seu pensamento, se não está em suas palavras. Para estes os espíritos não fazem nada, e se inquietam muito pouco com o que eles podem dizer ou pensar, porque a vez deles também chegará. É por isso que eu disse: o que é necessário não é a fé, mas a boa-fé.

Origem das Idéias Espíritas Modernas

Visitante: — Uma coisa que eu desejava saber, é o ponto de partida das idéias espíritas modernas, são elas o ato de uma revelação espontânea dos espíritos ou o resultado de uma crença prévia na existência deles? O senhor compreende a importância da minha pergunta, visto que, neste último caso, poder-se-ia acreditar que a imaginação ali se encontra presente.

A.K.: — Essa pergunta, como o senhor disse, é importante nesse ponto de vista, ainda que seja difícil admitir, supondo-se que essas idéias tenham nascido de uma crença antecipada, que a imaginação tenha produzido todos os resultados materiais observados.

Com efeito, se o Espiritismo fosse fundado sobre o pensamento preconcebido da existência dos espíritos, seria possível, com alguma aparência de razão, duvidar

da sua realidade, porque, se a causa é uma quimera, as conseqüências também devem ser quiméricas, mas as coisas não se passaram assim.

Observe inicialmente que esse andamento seria totalmente ilógico; os espíritos são uma causa e não um efeito; quando se vê um efeito pode-se procurar a causa, mas não é natural imaginar uma causa *antes de haver visto os efeitos*. Portanto, não se poderia conceber a idéia dos espíritos se não se fizessem presentes os efeitos que achariam a sua provável explicação na existência de seres invisíveis. Muito bem, não foi mesmo dessa maneira que essa idéia surgiu, quer dizer, isso não foi uma hipótese imaginada com o fim de explicar certos fenômenos; a primeira suposição que se fez deles foi a de uma causa totalmente material.

Assim, longe de pensar que os espíritos fossem uma idéia preconcebida, partiu-se do ponto de vista materialista. Sendo, esse ponto de vista, insuficiente para tudo explicar, só a observação conduziu à causa espiritual. Eu falo das idéias espíritas modernas, pois que nós sabemos que esta crença é tão velha quanto o mundo.

Eis o andamento das coisas:

Fenômenos espontâneos se produziram, tais como ruídos estranhos, pancadas, movimentos de objetos, etc., sem causa aparente conhecida, e esses fenômenos puderam ser reproduzidos sob a influência de certas pessoas. Até aí, nada autorizava a que se lhes procurasse a causa fora da ação de um fluido magnético ou um outro cujas propriedades eram ainda desconhecidas. Porém, não se tardou a reconhecer nesses ruídos e nesses movimentos um caráter intencional e inteligente, de onde se concluiu, como eu já o disse, que *“se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.”* Essa inteligência não podia estar no próprio objeto, porque a matéria não é inteligente. Seria ela o reflexo da inteligência da pessoa ou das pessoas presentes? Assim se pensou no início, como eu também já falei; só a experiência podia se pronunciar, e a experiência demonstrou por provas irrecusáveis, em muitas circunstâncias, a completa independência dessa inteligência. Ela estava fora do objeto e fora da pessoa. Quem era ela então? Foi a própria inteligência quem respondeu; declarou pertencer à ordem dos seres incorpóreos, designados sob o nome de espíritos. Portanto, a idéia dos espíritos não preexistia, nem mesmo foi consecutiva; em uma palavra, ela não saiu do cérebro, foi dada pelos próprios espíritos, e tudo o que soubemos depois a respeito deles, nos foi ensinado por eles mesmos.

Revelada a existência dos espíritos, e estabelecidos os meios de comunicação com eles, pôde-se ter conversas seguidas e obter ensinamentos sobre a natureza desses seres, as condições de sua existência, seu papel no mundo visível. Se, da mesma forma, pudéssemos interrogar os seres do mundo dos infinitamente pequenos, quantas coisas curiosas não aprenderíamos sobre eles!

Suponhamos que, antes da descoberta da América, existisse um fio elétrico através do Atlântico, e que na sua extremidade européia se tivesse observado sinais inteligentes, teríamos concluído desse fato que na outra extremidade havia seres inteligentes que procuravam se comunicar, então poderíamos interrogá-los

e eles nos responderiam. Assim conseguiríamos a certeza da sua existência, o conhecimento dos seus costumes, de seus hábitos, de sua maneira de ser, sem jamais os termos visto. O mesmo aconteceu nas relações com o mundo invisível; as manifestações materiais foram como sinais, meios de aviso que nos levaram a comunicações mais regulares e mais seguidas. E, coisa notável, à medida que os meios mais fáceis de comunicação estão ao nosso alcance, os espíritos abandonam os meios primitivos, insuficientes e incômodos, como o mudo que recupera a palavra e renuncia à linguagem dos sinais.

Quem eram os habitantes desse mundo? Eram seres à parte, fora da humanidade? Eram bons ou maus? Foi ainda a experiência que se encarregou de resolver essas questões; mas, até que numerosas observações tivessem lançado a luz sobre esse assunto, o campo das conjeturas e dos sistemas esteve aberto, e Deus sabe quantos surgiram! Uns acreditaram que os espíritos eram superiores em tudo, outros, só demônios viam neles; era pelas suas palavras e pelos seus atos que se podia julgá-los.

Suponhamos que entre os habitantes transatlânticos desconhecidos, de que acabamos de falar, uns tinham dito coisas muito boas, enquanto que outros se fizeram notar pelo cinismo de sua linguagem, por certo teríamos concluído que havia bons e maus entre eles. Foi o que aconteceu com os espíritos; foi assim que se reconheceu entre eles todos os graus de bondade e de maldade, de ignorância e de saber.

Uma vez bem esclarecidos sobre os defeitos e as qualidades que se encontram entre eles, a nossa prudência deveria fazer a distinção entre o bom e o mau, o verdadeiro e o falso nas suas relações conosco, exatamente como fazemos em relação aos homens.

A observação não nos esclareceu somente sobre as qualidades morais dos espíritos, mas também sobre sua natureza e sobre o que nós poderíamos chamar seu estado fisiológico. Soube-se por esses próprios espíritos que uns são felizes e outros muito infelizes; que eles não são seres à parte, de uma natureza excepcional, mas sim as almas daqueles que viveram na Terra onde deixaram o seu invólucro corporal; que povoam os espaços, nos cercam e nos acotovelam incessantemente, e, entre eles, cada um pôde reconhecer, por sinais incontestáveis, *seus parentes, seus amigos e aqueles que conheceu aqui na Terra*. Pôde-se segui-los em todas as fases da sua existência no além-túmulo, desde o instante em que deixaram seu corpo, e observar sua situação segundo seu gênero de morte e a forma pela qual viveram na Terra.

Soube-se, enfim, que não são seres abstratos, imateriais no sentido absoluto do termo; eles têm um invólucro a que damos o nome de *perispírito*, espécie de corpo fluidoico, vaporoso, diáfano, invisível no estado normal, mas que, em certos casos, e por uma espécie de condensação ou de disposição molecular, pode tornar-se momentaneamente visível e mesmo tangível, ficando explicado, em conseqüência, o fenômeno das aparições e o fato de poderem ser tocadas. Esse invólucro existe durante a vida do corpo: é o vínculo entre o espírito e a matéria; na morte do corpo,

a alma ou o espírito, o que é a mesma coisa, só se despe do envoltório grosseiro, o corpo, e conserva o segundo, o perispírito, como quando tiramos uma vestimenta exterior e conservamos as interiores, como o germe²⁹ de um fruto se despoja do invólucro cortical³⁰ e conserva apenas o perisperma.³¹ É esse invólucro semimaterial do espírito que é o agente dos diferentes fenômenos por meio dos quais ele manifesta a sua presença.

Esta é, em poucas palavras, a história do Espiritismo; o senhor pode ver, e reconhecerá ainda melhor quando o estudar minuciosamente, que nele tudo é o resultado da observação e não de um sistema preconcebido.

Meios de Comunicação

Visitante: — O senhor falou de meios de comunicação; poderia me dar uma idéia desse assunto, porquanto é difícil compreender como esses seres invisíveis podem conversar conosco?

A.K.: — Com muito prazer, entretanto vou fazê-lo resumidamente, porque isso exigiria um longo desenvolvimento que o senhor pode encontrar particularmente no *O Livro dos Médiuns*. Porém, o pouco que eu lhe falar agora, será o suficiente para ajudá-lo a compreender o mecanismo e servirá, principalmente, para fazê-lo entender melhor algumas das experiências as quais poderá assistir aguardando a sua iniciação completa.

A existência desse *invólucro semimaterial*, ou *perispírito*, já é uma chave que explica muitas coisas e mostra a possibilidade de certos fenômenos. Quanto aos meios, eles são muito variados e dependem, seja da natureza mais ou menos depurada dos espíritos, seja das disposições particulares às pessoas que lhe servem de intermediários. O mais comum, aquele que se pode chamar universal, consiste na intuição, isto é, nas idéias e nos pensamentos que eles nos sugerem, mas esse meio é muito pouco apreciado na totalidade dos casos; existem outros meios mais materiais.

Alguns espíritos se comunicam por batidas, respondendo por *sim* e por *não* ou designando as *letras que devem formar as palavras*. As batidas podem se obter pelo movimento de oscilação de um objeto, uma mesa, por exemplo, que bate com o pé. Muitas vezes as batidas se fazem ouvir na própria substância dos corpos, sem que estes se movimentem. Esse método primitivo é demorado e dificilmente se presta ao desenvolvimento de uma idéia de certa extensão; ele foi substituído pela escrita, que se obtém de diferentes maneiras.

Utilizou-se inicialmente, e algumas vezes ainda se utiliza, um objeto móvel, como uma pequena prancheta, uma cesta, uma caixa, à qual se adapta um lápis com a ponta pousada sobre o papel. A natureza e a substância do objeto são

²⁹ **Germe:** parte da semente que deve formar a planta. (N.T.)

³⁰ **Invólucro cortical:** invólucro externo. (N.T.)

³¹ **Perisperma:** tecido nutritivo que certas sementes possuem. (N.T.)

indiferentes. O médium coloca as mãos sobre esse objeto, ao qual transmite a influência que recebe do espírito, e o lápis traça os caracteres.

Esse objeto, propriamente falando, não é mais que um apêndice da mão, uma espécie de porta-lápis. Posteriormente, reconheceu-se a inutilidade desse intermediário, que é apenas uma complicação dos meios de obter a escrita e cujo único mérito era o de constatar, de uma maneira mais tangível, a independência do médium; este último pode escrever segurando ele mesmo o lápis.

Os espíritos ainda podem se manifestar transmitindo seus pensamentos por sons articulados que ressoam, seja no ar seja nos ouvidos, pela voz do médium, pela vista, por desenhos, pela música e por outros meios que um estudo completo faz conhecer. Os médiuns têm, para esses diferentes meios de comunicação aptidões especiais que são inerentes à sua organização. Temos, assim, *médiuns de efeitos físicos*, isto é, aqueles que são aptos a produzir fenômenos materiais, como as batidas, o movimento de corpos, etc.; *os médiuns auditivos, falantes, videntes, desenhistas, músicos e escreventes*. Esta última faculdade é a mais comum, a que melhor se desenvolve pelo exercício, é também a mais preciosa, porque é a que permite as comunicações mais freqüentes e as mais rápidas.

O *médium escrevente* apresenta numerosas variedades das quais duas muito distintas. Para compreendê-las é preciso entender a maneira pela qual se produz o fenômeno. O espírito, algumas vezes, age diretamente sobre a mão do médium à qual ele dá um impulso, completamente independente da vontade do médium, e sem que ele tenha consciência do que escreve: é o *médium escrevente mecânico*. De outras vezes, ele age sobre o cérebro, seu pensamento atravessa o do médium que, então, ainda que escrevendo de forma involuntária, tem uma consciência mais ou menos clara do que obtém: é o *médium intuitivo*; seu papel é exatamente o de um intérprete que transmite um pensamento que não é o seu e que, entretanto, ele deve compreender. Ainda que, neste caso, o pensamento do espírito e o do médium algumas vezes se confundam, a experiência ensina a distingui-los facilmente.

Por esses dois tipos de médiuns obtêm-se comunicações igualmente boas; a preferência por aqueles que são *mecânicos* existe principalmente nas pessoas que ainda não estão convencidas. Não obstante, a qualidade essencial de um médium está muito mais na natureza dos espíritos que o assistem e nas comunicações que ele recebe do que nos meios de execução.

Visitante: — O procedimento parece-me dos mais simples. Seria possível eu mesmo experimentá-lo?

A.K.: — Perfeitamente; e digo mais, se o senhor for dotado da faculdade mediúcnica, esse seria o melhor meio de convencê-lo, porque o senhor não poderia desconfiar da sua boa-fé. Somente o conselho, firmemente, a não tentar nenhum ensaio antes de haver estudado o assunto com cuidado. As comunicações de alémtúmulo são cercadas de mais dificuldades do que se pensa; elas não estão livres de inconvenientes nem mesmo de perigos para os que não possuem a experiência necessária. Neste caso, aconteceria o mesmo que a uma pessoa que quisesse

fazer manipulações químicas sem saber Química, certamente correria o risco de queimar os dedos.

Visitante: — Há algum sinal com que se possa reconhecer essa aptidão?

A.K.: — Até o momento não se conhece nenhum diagnóstico para a mediunidade; todos aqueles que se julgou pudessem reconhecê-la, são sem valor; experimentar é o único meio de saber se a mediunidade existe. Além disso, os médiuns são muito numerosos, e é muito raro que, se nós mesmos não o formos, não se encontre um deles em algum membro da nossa família ou do nosso círculo de amizades.

O sexo, a idade e o temperamento são indiferentes; a mediunidade se encontra entre os homens e entre as mulheres, as crianças e os velhos, as pessoas que estão bem de saúde e as que estão doentes.

Se a mediunidade se traduzisse por um sinal exterior qualquer, isso faria supor que a faculdade é permanente, enquanto que ela é essencialmente móvel e fugidia. Sua causa física está na assimilação mais ou menos fácil dos fluidos perispirituais do encarnado e do espírito desencarnado. Sua causa moral está na vontade do espírito, que se comunica quando lhe agrada, e não de acordo com a nossa vontade, de onde resulta que, primeiro, nem todos os espíritos podem se comunicar indiferentemente por todos os médiuns; segundo, todo médium pode perder sua faculdade ou vê-la suspensa no momento em que menos espera.

Estas poucas palavras são suficientes para lhe mostrar que há, nesse assunto, todo um estudo a fazer, para que se possa perceber a causa das variações que esse fenômeno apresenta.

Seria, pois, um erro acreditar que todo espírito pode atender ao apelo que lhe é feito e comunicar-se pelo primeiro médium que apareça. Para que um espírito se comunique, primeiro é preciso que lhe seja conveniente fazê-lo; depois, que sua posição ou suas ocupações o permitam e, por último, que ele ache no médium um instrumento propício, apropriado à sua natureza.

Em princípio, podemos nos comunicar com os espíritos de todas as ordens, com nossos parentes e amigos, com os espíritos mais elevados como com os mais vulgares. Porém, independente das condições individuais de possibilidade, eles vêm mais ou menos voluntariamente segundo as circunstâncias e, principalmente, em razão da sua simpatia pelas pessoas que os chamam, não atendendo ao pedido de uma pessoa qualquer que tenha a fantasia de evocá-los por um sentimento de curiosidade; neste caso, se quando eram encarnados, eles não se incomodariam com esse tipo de pessoas, após a morte também não lhe darão importância.

Os espíritos sérios só vêm às reuniões sérias onde são chamados com *recolhimento e por motivos sérios*; eles não se prestam a nenhuma questão de curiosidade, de prova ou com um objetivo fútil, nem a nenhuma experiência.

Os espíritos frívolos vão a toda a parte, porém, nas reuniões sérias, eles se calam e se conservam de parte, para escutar, como escolares o fariam em uma douta assembléia. Nas reuniões frívolas, eles retomam suas brincadeiras, se divertem

com tudo, muitas vezes zombam dos assistentes e respondem a todas as perguntas sem se importarem com a verdade.

Os espíritos denominados batedores, e geralmente todos aqueles que produzem manifestações físicas, são de uma ordem inferior, sem serem essencialmente maus por esse motivo; eles têm uma aptidão de algum modo especial para os efeitos materiais. Os espíritos superiores não se ocupam mais dessas coisas, assim como os nossos sábios em relação aos grandes esforços físicos, mas se têm necessidade de tais efeitos, servem-se desses espíritos de ordem inferior, assim como nós nos servimos de trabalhadores para o serviço mais pesado.

Os Médiuns Interesseiros

Visitante: — Antes de se entregarem a um estudo mais prolongado, certas pessoas desejariam ter a certeza de que não irão perder o seu tempo, certeza essa que um fato concludente lhes daria, mesmo que fosse obtido por dinheiro.

A.K.: — Naquele que não quer se dar ao trabalho de estudar, existe muito mais curiosidade do que desejo real de se instruir; ora, os espíritos não gostam dos curiosos tanto quanto eu mesmo. Aliás, para eles, a cobiça é profundamente antipática, e eles não se prestam a nada que possa satisfazê-la. Seria preciso fazer-se deles uma idéia bem falsa para acreditar que espíritos superiores como Fénelon,³² Bossuet,³³ Pascal,³⁴ Santo Agostinho,³⁵ por exemplo, se ponham às ordens do primeiro que

³² **Fénelon:** François de Salignac de Mothe-Fénelon, escritor e prelado francês (1651-1715). Foi arcebispo da cidade de Cambrai, pregador e depois missionário. Possuía caráter e tendências muito aristocráticas e se opunha ao absolutismo do rei Luiz XIV. Em 1699, caiu em desagrado, após a publicação de seu livro, *Telémaco*, cheio de alusões e indiretas ao governo. Fénelon foi um dos espíritos que se comunicava com o grupo de estudos de que Kardec participava e várias de suas mensagens se encontram no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. (N.T.)

³³ **Bossuet, Jacques Bénigne:** prelado francês, escritor e orador (Dijon, 1627 - Paris, 1704). Chegou a Paris em 1659 e logo se tornou o mais renomado orador sacro. Foi nomeado bispo de Condom em 1669, bispo de Meaux em 1681, de onde recebeu o nome de “Águia de Meaux”, apoiou a política religiosa de Luiz XIV e combateu os protestantes. Sua obra oratória e suas obras históricas e polêmicas fazem dele um dos grandes escritores clássicos. In *Nouveau Petit Larousse Illustré*. (N.T.)

³⁴ **Pascal, Blaise:** matemático, físico, filósofo e escritor francês (Clermont, Auvergne, 1623 - Paris, 1662). Desde criança interessou-se pelas ciências; aos dezessete anos escreveu seu primeiro livro, aos dezoito inventou uma máquina de calcular. Entre outros trabalhos seus temos: as leis da pressão atmosférica e do equilíbrio dos líquidos, o cálculo das probabilidades, a prensa hidráulica, etc. Após um período mundano, converteu-se na noite de 23 de novembro de 1654 e retirou-se para a abadia de Port-Royal des Champs, onde viveu asceticamente. Pascal, que tornou a prosa francesa um meio de expressão flexível, claro e rigoroso, e orientou o pensamento do seu século para o estudo das imperfeições e dos vícios de que alma e a razão humanas são dotadas, preparou o classicismo francês.

O Espírito Pascal também se comunicava com o grupo de estudos de Kardec e no *O Evangelho Segundo o Espiritismo* encontram-se duas mensagens de sua autoria. (N.T.)

³⁵ **Santo Agostinho** (Tagasta, África romana, 354 - Hipona, 430), era filho de Santa Mônica e, depois de uma mocidade agitada, foi atraído para a vida religiosa pelas prédicas de Santo Ambrósio. Foi bispo de Hipona e tornou-se o mais célebre padre da Igreja latina. Teólogo, filósofo, moralista, dialético, procurou conciliar o platonismo e o dogma cristão, a inteligência e a fé.

Várias mensagens do Espírito Santo Agostinho, que se comunicava com o grupo de estudos de Kardec, encontram-se no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. (N.T.)

apareça a tanto por hora. Não, as comunicações com o além-túmulo são um assunto muito sério, e que exige grande respeito, para servirem de exibição.

Nós sabemos, por outro lado, que os fenômenos espíritas não funcionam como as rodas de um mecanismo, visto que eles dependem da vontade dos espíritos; mesmo admitindo a aptidão mediúnica, ninguém pode afirmar obtê-los em um momento determinado.

Se os incrédulos são levados a suspeitar da boa-fé dos médiuns em geral, seria bem pior se neles houvesse o incentivo do interesse; de uma forma justa se poderia suspeitar que o médium remunerado mudasse a realidade dos fatos quando o espírito não se fizesse presente, porque seria preciso, antes de tudo, ganhar seu dinheiro.

Além de o desinteresse absoluto ser a melhor garantia de sinceridade, a nossa razão seria contrária a evocar, por dinheiro, os espíritos das pessoas que nos são queridas, supondo-se que eles consentissem nisso, o que é mais que duvidoso. Em todos os casos, só haveria espíritos de baixa categoria, pouco escrupulosos com relação aos meios, e que não mereceriam nenhuma confiança; esses mesmos espíritos ainda sentem, muitas vezes, um prazer maldoso em frustrar as combinações e os cálculos de quem os evoca.

A natureza da faculdade mediúnica, portanto, se opõe a que ela se torne uma profissão, pois que ela depende de uma vontade estranha à do médium, e que pode lhe faltar no momento em que precisa dela, a menos que ele a substitua pela astúcia. Porém, mesmo se admitindo uma inteira boa-fé, desde que os fenômenos não se obtêm à vontade, seria um efeito do acaso se, em uma sessão que tivesse sido paga, se produzisse exatamente aquilo que alguém desejasse ver para se convencer. O senhor poderia dar cem mil francos a um médium, e isso não o faria obter dos espíritos o que eles não quisessem fazer; esse incentivo, que iria desnaturar a intenção e transformá-la em um violento desejo de lucro, seria, muito ao contrário, um motivo para que ele não conseguisse o que deseja.

Quando se está bem compenetrado desta verdade: que a afeição e a simpatia são os mais poderosos motivos de atração para os espíritos, compreende-se que eles não podem ser solicitados pelo pensamento de quem deseja servir-se deles para ganhar dinheiro.

Portanto, aquele que tem necessidade de fatos para se convencer, deve provar aos espíritos a sua boa vontade por uma observação séria e paciente; porém, se é verdade que a fé não se impõe, não é menos verdadeiro dizer que ela não se compra.

Visitante: — Eu compreendo esse raciocínio sob o ponto de vista moral, entretanto não é justo que aquele que dá o seu tempo no interesse da causa seja compensado por esse tempo, se isso o impede de trabalhar para viver?

A. K.: — Em primeiro lugar: é no interesse da causa que ele o faz ou no seu próprio? Se ele deixou seu emprego, é porque não estava satisfeito e esperava ganhar mais ou ter menos aborrecimentos na nova profissão. Não há nenhuma abnegação

em dar seu tempo quando se espera tirar proveito disso. É exatamente como se alguém dissesse que é no interesse da humanidade que o padeiro fabrica o pão.

A mediunidade não é o único recurso; sem ela, essas pessoas seriam obrigadas a ganhar a vida de outra maneira. Os médiuns verdadeiramente sérios e devotos, quando não têm uma existência independente, procuram os meios de viver no trabalho ordinário e não deixam seu emprego; eles só consagram à mediunidade o tempo que lhe podem dar sem prejuízo para as suas vidas; se usam o tempo do seu lazer e do seu repouso o fazem de boa vontade e devido ao seu devotamento, por isso são mais estimados e respeitados.

Por outro lado, a multiplicidade dos médiuns nas famílias torna os médiuns profissionais inúteis, mesmo supondo-se que eles ofereçam todas as garantias desejáveis, o que é muito raro.

Sem o descrédito que se liga a esse gênero de exploração, e do qual eu me felicito por muito haver contribuído, teríamos visto os médiuns mercenários se multiplicarem e os jornais se cobrirem com as suas propagandas; ora, para um que pudesse ser leal, haveria cem charlatães que, abusando de uma faculdade real ou *simulada*, teriam causado o maior prejuízo ao Espiritismo.

É, pois, como princípio que todos aqueles que vêm no Espiritismo algo mais que uma exibição de fenômenos curiosos, que compreendem e se interessam vivamente pela dignidade, consideração e verdadeiros interesses da Doutrina, reprovam toda espécie de especulação sob qualquer forma ou disfarce com que ela se apresente.

Os médiuns sérios e sinceros, e eu dou esse nome àqueles que compreendem a santidade do mandato que Deus lhes confiou, evitam até as aparências do que poderia fazer pairar sobre eles a menor suspeita de cobiça; a acusação de tirar um proveito qualquer da sua faculdade, seria olhada por eles como uma injúria.

Por mais incrédulo que o senhor seja, admita que um médium nessas condições causaria uma impressão totalmente diferente da que o senhor teria se houvesse pago uma entrada para vê-lo operar, ou mesmo se houvesse obtido uma entrada de favor, sabendo que por trás de tudo aquilo havia uma questão de dinheiro. Admita que, vendo o médium animado de um verdadeiro sentimento religioso, estimulado somente pela fé, e não pelo incentivo do ganho, involuntariamente ele lhe imporia respeito, mesmo que fosse o mais humilde proletário, e lhe inspiraria mais confiança porque o senhor não teria nenhum motivo para suspeitar da sua lealdade.

Pois bem, como esse médium o senhor encontrará mil outros, contra um diferente dele, e essa é uma das causas que têm contribuído eficazmente para o crédito e a propagação da Doutrina, enquanto que, se ela só tivesse intérpretes interessados, não contaria com a quarta parte dos adeptos que possui atualmente.

Compreende-se muito bem que os médiuns profissionais sejam muito raros, pelo menos na França; que sejam desconhecidos na maioria dos centros espíritas da província, onde a reputação de mercenários seria suficiente para excluí-los de todos os grupos sérios, e onde a atuação deles não lhes seria lucrativa em razão do

descrédito de que seriam alvo e da concorrência dos médiuns desinteressados que se encontram por toda a parte.

Para suprir, seja a faculdade que lhes falta, seja a incapacidade da clientela, existem supostos médiuns que lançam mão de todos os meios, jogos de cartas, clara de ovo, borra de café, etc., para satisfazer todos os gostos, esperando dessa forma, na falta dos espíritos, persuadir aqueles que ainda acreditam nessas tolices.

Se eles só prejudicassem a si mesmos, o mal seria pequeno, mas há pessoas que, sem maiores informações, confundem o abuso com a realidade, e desse fato se aproveitam os mal-intencionados para dizer que é disso que o Espiritismo se constitui. Portanto, pode-se constatar que, se a exploração da mediunidade conduz a abusos prejudiciais à Doutrina, o Espiritismo sério tem razão em desaprová-la e em repudiá-la como auxiliar.

Visitante: — Admito que tudo isso é muito lógico, mas os médiuns desinteressados não estão à disposição do primeiro que aparece, e ninguém se permite ir incomodá-los, enquanto que não existem escrúpulos em ir chamar aquele que recebe pagamento, porquanto sabe-se que ele não vai perder o seu tempo. Se houvesse *médiuns públicos* seria muito mais fácil para as pessoas que querem se convencer.

A. K.: — Entretanto, se os *médiuns públicos*, como o senhor os denomina, não oferecem as garantias necessárias, que utilidade podem ter para a convicção? O inconveniente que o senhor citou não destrói aqueles muito mais graves de que falei. Iriam buscá-los mais por divertimento ou para que lhes lessem a sorte, do que para se instruírem. Aquele que quer, seriamente, se convencer encontra os meios, mais cedo ou mais tarde, se tiver perseverança e boa vontade; mas não é porque assistiu a uma sessão que ele ficará convencido, se para isso não estiver preparado. Se ele tiver uma impressão desfavorável dessa sessão, sairá menos convencido do que quando entrou e talvez desanimado em prosseguir um estudo onde não viu nada de sério, é isso que a experiência prova.

Porém, ao lado das considerações morais, os progressos da ciência espírita nos mostram atualmente uma dificuldade material, da qual não se suspeitava no início, nos fazendo conhecer melhor as condições em que se produzem as manifestações. Essa dificuldade se refere às afinidades fluidicas que devem existir entre o espírito evocado e o médium.

Eu afasto todo pensamento de fraude e de trapaça, e suponho a maior lealdade. Para que um médium de profissão possa oferecer toda segurança às pessoas que vêm consultá-lo é preciso que ele possua uma faculdade permanente e universal, isto é, que possa comunicar-se facilmente com qualquer espírito e a todo momento que for solicitado, para estar constantemente à disposição do público, como um médico, e satisfazer a todas as evocações que lhe forem solicitadas. Ora, isso é o que não existe em nenhum médium, tanto entre os desinteressados como entre os outros, e por causas independentes da vontade do espírito, mas que eu não posso desenvolver aqui, porque não estou lhe dando um curso de Espiritismo.

Eu me limitarei a dizer que as afinidades fluidicas, que são o próprio princípio das faculdades mediúnicas, são *individuais* e não *gerais*; que elas podem existir do médium para um determinado espírito e não para outro; que sem essas afinidades, cujas nuanças são muito numerosas, as comunicações são incompletas, falsas ou impossíveis; que a maior parte das vezes a assimilação fluidica entre o espírito e o médium só se estabelece com o tempo, e que somente uma vez em dez acontece que ela seja completa desde a primeira vez.

A mediunidade, como o senhor a vê, está subordinada a leis de algum modo orgânicas, às quais todo médium está sujeito; ora, não se pode negar que isto não seja um obstáculo para a mediunidade de profissão, visto que a possibilidade e a exatidão das comunicações provêm de causas independentes do médium e do espírito. (Ver mais adiante, capítulo II, parágrafo “Dos Médiuns”.)

Portanto, se repelimos a exploração da mediunidade, não é por capricho nem por hábito, mas porque os próprios princípios que regem as relações com o mundo invisível, se opõem à regularidade e à precisão necessárias para aquele que se põe à disposição do público, e a quem o desejo de satisfazer uma clientela pagante conduz ao abuso. Disso eu não concluo que todos os médiuns interesseiros são charlatães, mas afirmo que o incentivo ao ganho conduz ao charlatanismo e autoriza a suposição de fraude, se não a justifica. Aquele que deseja se convencer deve, antes de tudo, procurar os elementos de sinceridade.

Os Médiuns e os Feiticeiros

Visitante: — Desde o instante em que a mediunidade consiste em nos colocarmos em relação com as potências ocultas, parece-me que médiuns e feiticeiros são mais ou menos sinônimos.

A.K.: — Em todas as épocas existiram médiuns naturais e inconscientes que, somente porque produziram fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; o mesmo aconteceu com a maioria dos sábios que possuíam conhecimentos acima do comum. A ignorância exagerou o seu poder, e eles mesmos muitas vezes abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação de que têm sido objeto.

É suficiente comparar o poder atribuído aos feiticeiros e a faculdade dos verdadeiros médiuns para se verificar a diferença, mas a maioria dos críticos não se dá a esse trabalho. O Espiritismo não ressuscitou a feitiçaria, ao contrário, ele a destruiu para sempre, despojando-a do seu pretense poder sobrenatural, de suas fórmulas, livros de magia, amuletos e talismãs, reduzindo os possíveis fenômenos ao seu justo valor, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer, provém do erro em que elas se encontram ao julgar que os *espíritos estão às ordens dos médiuns*; a crença de que possa depender do primeiro médium que apareça, fazer vir, à sua vontade, e no momento oportuno, o espírito deste ou daquele personagem mais ou menos ilustre, não é aceita pela razão dessas pessoas. Nesse ponto elas estão inteiramente certas, e se, antes de censurarem o Espiritismo, tivessem tomado o

cuidado de descobrir as suas causas, saberiam que ele diz positivamente *que os espíritos não estão sob os caprichos de pessoa alguma, e que ninguém pode fazê-los vir a seu bel-prazer e contra a vontade deles*, de onde se conclui que os médiuns não são feiticeiros.

Visitante: — Em consequência disso, todos os efeitos que certos médiuns acreditados obtêm, à vontade e em público, seriam segundo o senhor, apenas charlatanice?

A.K.: — Eu não o falo de uma maneira absoluta. Tais fenômenos não são impossíveis porque há espíritos de baixa categoria que podem se prestar a essa espécie de fatos, e que se divertem com isso, tendo, talvez, exercido a profissão de prestidigitador quando vivos na Terra, e também médiuns especialmente aptos a esse gênero de manifestações; porém, o mais comum bom senso repudia a idéia de que os espíritos, embora pouco elevados, viessem fazer exhibições e façanhas para distrair os curiosos.

A obtenção desses fenômenos à vontade, e sobretudo em público, é sempre suspeita; nesses casos a mediunidade e a prestidigitação se tocam a tal ponto que é bem difícil distingui-las; antes de se ver ali a atuação dos espíritos, é preciso minuciosas observações, e ter em conta seja o caráter e os antecedentes do médium, seja um grande número de circunstâncias que só um estudo aprofundado da teoria dos fenômenos espíritas pode fazer apreciar.

É preciso observar que esse gênero de mediunidade, quando existe mediunidade, é limitada à produção do mesmo fenômeno, com algumas variantes, o que não é próprio para dissipar as dúvidas. Um desinteresse absoluto seria a melhor garantia de sinceridade.

Qualquer que seja a realidade desses fenômenos, como efeitos mediúnicos, eles têm um bom resultado, porque dão divulgação à idéia espírita. A controvérsia que se estabelece a esse respeito leva muitas pessoas a um estudo mais aprofundado. Certamente não é ali que é preciso ir buscar as instruções sérias do Espiritismo, nem a filosofia da Doutrina, mas é um meio de chamar a atenção dos indiferentes e obrigar os mais recalcitrantes a falarem dele.

Diversidade nos Espíritos

Visitante: — O senhor fala de espíritos bons ou maus, sérios ou frívolos; confesso que não compreendo essa diferença; parece-me que, deixando o envoltório corporal, eles deveriam se despojar das imperfeições inerentes à matéria; que a luz deve se fazer para eles sobre todas as verdades que estão ocultas para nós, e que eles devem ser libertos dos preconceitos terrestres.

A.K.: — Sem dúvida eles estão livres das imperfeições físicas, isto é das doenças e das enfermidades do corpo, porém as imperfeições morais pertencem ao espírito e não ao corpo. Entre eles existem os que são mais ou menos avançados intelectualmente e moralmente. Seria um erro acreditar que os espíritos, deixando seu corpo material, sejam subitamente banhados pela luz da verdade. O senhor

acredita, por exemplo, que, quando morrer, não haverá nenhuma diferença entre vosso espírito e o de um selvagem ou de um malfeitor? Se assim fosse de que lhe serviria haver trabalhado para a sua instrução e para o seu melhoramento, já que um velhaco seria tanto quanto o senhor após a morte?

O progresso dos espíritos só se faz gradualmente e, algumas vezes, bem lentamente. Entre eles, e isso depende do seu aperfeiçoamento, há os que vêm as coisas sob um ponto de vista mais justo do que quando estavam vivos; outros, ao contrário, têm ainda as mesmas paixões, os mesmos preconceitos e os mesmos erros, até que o tempo e novas provas permitam que eles se esclareçam. Note bem que isso é o resultado da experiência, porquanto é assim que eles se apresentam a nós nas suas comunicações. É pois um princípio elementar do Espiritismo que existem espíritos de todos os graus de inteligência e de moralidade.

Visitante: — Por que os espíritos não são todos perfeitos? Deus, então, os têm criado de todas as espécies de categoria.

A.K.: — Seria o mesmo que perguntar por que todos os alunos de um colégio não estudam Filosofia. Os espíritos têm todos a mesma origem e o mesmo destino. As diferenças que existem entre eles não constituem espécies distintas, mas graus diversos de adiantamento.

Os espíritos não são perfeitos porque eles são as almas dos homens, e os homens não são perfeitos; pela mesma razão, os homens não são perfeitos porque são a encarnação de espíritos mais ou menos adiantados.

O mundo corporal e o mundo espiritual se inclinam incessantemente um sobre o outro; pela morte do corpo, o mundo corporal fornece seu contingente ao mundo espiritual; pelos nascimentos, o mundo espiritual alimenta a humanidade.

A cada nova existência, o espírito progride mais ou menos, e quando ele adquire, sobre a Terra, a soma de conhecimentos e de elevação moral que o nosso globo comporta, ele o deixa e passa para um mundo mais elevado, onde adquire novos conhecimentos.

Os espíritos que formam a população invisível da Terra são, de algum modo, o reflexo do mundo corporal; ali se encontram os mesmos vícios e as mesmas virtudes; entre eles há sábios, ignorantes e falsos eruditos, os prudentes e os irresponsáveis, os filósofos, os argumentadores, os sistemáticos; não tendo eles se libertado de seus preconceitos, todas as opiniões políticas e religiosas ali têm os seus representantes; cada um fala segundo suas idéias e o que eles dizem é, muitas vezes, apenas a sua opinião pessoal; eis por que não se deve crer cegamente em tudo que os espíritos dizem.

Visitante: — Se é assim, eu percebo uma imensa dificuldade; como distinguir o que é erro do que é verdade nesse conflito de opiniões diversas? Eu vejo que os espíritos não servem de grande coisa para nós e não sei o que podemos ganhar com a sua conversa.

A.K.: — Os espíritos serviriam para nos ensinar que existem espíritos, e que esses espíritos são as almas dos homens, isto não seria de uma grande importância para todos aqueles que duvidam que têm uma alma, e que não sabem em que se tornarão após a morte?

Como todas as ciências filosóficas, o Espiritismo exige longos estudos e minuciosas observações, pois só assim é que se aprende a distinguir a verdade da impostura, e os meios de afastar os espíritos enganadores. Acima dessa turba de baixa categoria, há os espíritos superiores, que só têm em vista o bem e por missão conduzir os homens pelo bom caminho; cabe a nós saber apreciá-los e compreendê-los. Os espíritos superiores nos ensinam coisas importantes, mas não pensem que o estudo dos outros seja inútil; para conhecer bem um povo é preciso vê-lo sob todos os seus aspectos.

O senhor mesmo é a prova do que afirmo; porquanto pensava que era suficiente aos espíritos deixarem o seu invólucro corporal para se libertarem das suas imperfeições; ora, são as comunicações com eles que nos têm ensinado o contrário, e nos têm feito conhecer o verdadeiro estado do mundo espiritual, que interessa ao máximo a todos nós, porque todos devemos ir para lá.

Quanto aos erros que podem nascer da divergência de opinião entre os espíritos, eles desaparecem por si mesmos, à medida que se aprende a distinguir os bons dos maus, os sábios dos ignorantes, os sinceros dos hipócritas, exatamente como entre nós; então o bom senso faz justiça às falsas doutrinas.

Visitante: — Minha observação subsiste sempre no ponto de vista das questões científicas e outras que se podem submeter aos espíritos. A divergência de suas opiniões sobre as teorias que dividem os sábios nos deixa na incerteza. Eu compreendo que, não tendo todos o mesmo grau de instrução, eles não podem saber tudo; então, de que valor pode ser para nós a opinião daqueles que sabem, se nós não podemos verificar quem está em erro ou com a razão? Tanto vale nos dirigirmos aos homens quanto aos espíritos.

A.K.: — Essa reflexão ainda é uma conseqüência do desconhecimento do verdadeiro caráter do Espiritismo. Aquele que acredita encontrar nele um meio fácil de tudo saber, de tudo descobrir, comete um grande erro. Os espíritos não estão encarregados de vir nos trazer a Ciência totalmente pronta; isso seria, realmente, muito cômodo, se nós tivéssemos apenas que pedir para sermos servidos, e nos poupar, assim, do trabalho das pesquisas.

Deus quer que nós trabalhemos, que o nosso pensamento se exercite; só por esse preço iremos adquirir o conhecimento. Os espíritos não vêm nos livrar dessa necessidade; *elas são o que são, o Espiritismo tem por objetivo estudá-los* a fim de saber, por analogia, o que nós seremos um dia, e não de nos dar a conhecer o que nos deve ser oculto, ou nos fazer revelações antes do tempo.

Os espíritos não vêm mais fazer predições do futuro, e todo aquele que se gabe de obter certos segredos que se prepare para estranhas decepções da parte dos espíritos zombadores; em uma palavra, *o Espiritismo é uma ciência de observação*

e não uma ciência de adivinhação ou de especulação. Nós o estudamos para conhecer o estado das individualidades do mundo invisível, as relações que existem entre eles e nós, sua ação oculta sobre o mundo visível, e não pela utilidade material que possamos tirar dele. Sob esse ponto de vista, não há nenhum espírito cujo estudo nos seja inútil, nós sempre aprendemos alguma coisa com todos eles. Suas imperfeições, seus defeitos, sua insuficiência, e mesmo sua ignorância são outros tantos objetos de observação que nos iniciam na natureza íntima desse mundo. Quando não são eles que nos instruem pelo seu ensinamento, somos nós que nos instruímos ao estudá-los, como o fazemos quando observamos os costumes de um povo que não conhecemos.

Quanto aos espíritos esclarecidos, eles nos ensinam muito, porém no limite das coisas possíveis, e não convém perguntar-lhes o que não podem ou não devem nos revelar; é preciso que nos contentemos com o que nos dizem; querer ir além, é nos expormos às mistificações de espíritos levianos sempre prontos a responder a tudo. A experiência nos ensina a julgar o grau de confiança que nós podemos lhes conceder.

Utilidade Prática das Manifestações

Visitante: — Supondo que o fato esteja constatado e o Espiritismo reconhecido como uma realidade, qual pode ser a sua utilidade prática? Se até agora se passou sem ele, parece-me que assim se poderia continuar, e viver mais tranqüilamente.

A.K.: — O mesmo se poderia dizer das estradas de ferro e do vapor sem os quais se vivia muito bem.

Se o senhor entende por utilidade prática, os meios de viver bem, de fazer fortuna, de conhecer o futuro, de descobrir minas de carvão ou tesouros escondidos, recuperar heranças, livrar-se do trabalho das pesquisas, o Espiritismo não serve para nada. Ele não pode fazer aumentar nem abaixar a Bolsa de Valores, nem se transformar em ações, nem mesmo dar invenções já prontas, prestes a serem exploradas. Sob esse ponto de vista, quantas ciências seriam inúteis! Quantas existem que não dariam vantagens, comercialmente falando!

Os homens também passavam muito bem antes da descoberta de todos os novos planetas; antes que se soubesse que é a Terra que gira e não o Sol; antes que se calculassem os eclipses; antes que se conhecesse o mundo microscópico e cem outras coisas.

O camponês, para viver e fazer brotar o seu trigo, não tem necessidade de saber o que é um cometa. Por que, então, os sábios se entregam a essas pesquisas, e quem ousaria dizer que eles perdem o seu tempo?

Tudo o que serve para levantar uma ponta do véu, ajuda o desenvolvimento da inteligência, alarga o círculo das idéias, fazendo-nos aprofundar no conhecimento das leis da Natureza. Ora, o mundo dos espíritos existe em virtude de uma dessas leis da Natureza e o Espiritismo nos faz conhecer essa lei; ele nos ensina a influência que o mundo invisível exerce sobre o mundo visível, e as relações que existem

entre eles, como a Astronomia nos ensina as relações dos astros com a Terra; ele o mostra como uma das forças que regem o universo e contribuem para a manutenção da harmonia geral.

Supondo que a sua utilidade se limitasse a isso, a revelação de uma tal potência já não seria bastante, abstraindo-se toda doutrina moral? Não representa nada o fato de todo um mundo novo se revelar a nós, principalmente se o conhecimento desse mundo nos dá a solução de uma série de problemas até agora insolúveis, se ele nos inicia nos mistérios do além-túmulo, que nos interessam bastante, visto que todos nós que aqui estamos, mais cedo ou mais tarde, daremos o passo fatal?

Entretanto, existe uma outra utilidade do Espiritismo mais positiva, é a influência moral que ele exerce pela própria força dos fatos. O Espiritismo é a prova patente da existência da alma, da sua individualidade após a morte, da sua imortalidade, da sua sorte futura; é, pois, a destruição do materialismo, não pelo raciocínio, mas pelos fatos.

Não é necessário perguntar ao Espiritismo o que ele pode dar, e nem buscar nele o que está além de seu objetivo providencial. Antes dos progressos sérios da Astronomia, acreditava-se na Astrologia. Seria razoável afirmar-se que a Astronomia não serve para nada, porque não se pode mais encontrar na influência dos astros o prognóstico do destino? Assim como a Astronomia destronou os astrólogos, o Espiritismo destronou os adivinhos, os feiticeiros e os leitores da sorte. Ele é para a magia o que a Astronomia é para a Astrologia, a Química, para a Alquimia.

Loucura, Suicídio, Obsessão

Visitante: — Certas pessoas encaram as idéias espíritas como capazes de perturbar as faculdades mentais, e, por essa razão, acham que a propagação de tais idéias deve ser impedida.

A.K.: — O senhor conhece o provérbio: “quando se quer matar um cachorro, diz-se que ele está raivoso”, portanto, não é de admirar que os inimigos do Espiritismo busquem se apoiar em todos os pretextos. Esse lhes pareceu próprio para despertar receios e suscetibilidades, então o aproveitaram com desvelo, mas ele desaparece diante do mais ligeiro exame. Escute, pois, sobre essa loucura, o raciocínio de um louco.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura; as ciências, as artes, a própria religião fornecem seu contingente. A loucura tem por princípio um estado patológico do cérebro, instrumento do pensamento; o instrumento estando desorganizado, o pensamento fica alterado. Portanto, a loucura é um efeito consecutivo, cuja origem é uma predisposição orgânica que torna o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões; e isso é tão verdadeiro que se vêem pessoas que pensam de forma excessiva e, no entanto, não se tornam loucas, enquanto outras enlouquecem sob o efeito da menor sobreexcitação.³⁶

³⁶ **Sobreexcitação:** excitação nervosa acima da normal. (N.T.)

Quando existe uma predisposição para a loucura, ela toma o caráter de preocupação principal, que se torna, então, uma idéia fixa. Essa idéia fixa poderá ser a dos espíritos naquela pessoa que ocupou seus pensamentos com eles de uma forma exagerada, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se tornasse um louco espírita, se o Espiritismo fosse a preocupação que o dominasse.

É verdade que um jornal afirmou que, em uma única localidade da América, da qual não me lembro mais o nome, contavam-se quatro mil casos de loucura espírita; mas sabe-se que, entre nossos adversários, existe a *idéia fixa* de se acreditarem os únicos dotados de razão, e essa é uma mania como outra qualquer. Aos seus olhos nós somos todos dignos de um manicômio e, conseqüentemente, os quatro mil espíritas da localidade em questão deviam ser o mesmo que loucos. Iguais a esses, os Estados Unidos têm centenas de milhares, e todos os outros países do mundo um número bem maior. Essa brincadeira de mau gosto começa a se desprestigiar desde que se vê essa loucura alcançar as classes mais elevadas da sociedade.

Fez-se grande alvoroço em torno de um exemplo conhecido, o de Victor Hennequin,³⁷ mas se esquecem de que, antes de se ocupar com os espíritos, ele já havia dado provas de excentricidade nas suas idéias; se não aparecessem as mesas girantes, que, segundo um jogo de palavras bem espirituoso dos nossos adversários, lhe fizeram girar a cabeça, sua loucura teria tomado um outro caminho.

Portanto, eu afirmo que o Espiritismo não tem relação alguma com esse fato, e vou mais além, digo que bem compreendido ele é um preventivo contra a loucura e o suicídio.

Entre as causas mais numerosas de superexcitação cerebral, é preciso incluir as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, as causas mais freqüentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado que as atribuições não são para ele mais

³⁷ **Victor Hennequin** foi político, filósofo, advogado, literato e ensaísta francês, contemporâneo de Allan Kardec. Seu drama pessoal ocupou a imprensa da época e veio a ser contado, com detalhes, na obra de Eugène Nus, *Choses de l'autre Monde*, págs. 134 a 141 da 2ª edição francesa, sem data. Foi destacado defensor das idéias cooperativistas do utopista Charles Fourier e amigo íntimo de Victor Hugo. De temperamento solitário, nunca participava de palestras e reuniões. Era deputado à época do golpe de Estado de 1851 e teve o mandato cassado. Preso, viu ser fechado o *Démocratie Pacifique*, jornal do qual era redator. A queda da República — comenta Eugène Nus — e a vitória do despotismo causaram-lhe profundo choque. Já vinha sofrendo de clara esquizofrenia, que se agravou quando deixou a prisão de Mazas. Sem emprego, teve de voltar à banca de advocacia, que ele detestava, aumentando-lhe então a angústia. Foi por essa época que passou a realizar sessões com as mesas girantes, em sua própria residência. No entanto, em meio aos seus transtornos mentais e inteiramente despreparado, começou como médium a se considerar missionário e porta-voz da "alma da Terra". Em 1853 publicou dois livros: *Sauvons le Genre Humain e Religion*, este em especial completamente desarrazoado. No ano seguinte, em dezembro de 1854, Hennequin desencarnou, em real estado de loucura. Registre-se que sua perturbação final acabou influenciando negativamente o amigo Victor Hugo que, por algum tempo, em vista disso, se afastou das atividades espíritas. Por último, assinalo que também León Denis se refere a Victor Hennequin, na nota de rodapé nº 253 de *No Invisível*, terceira parte, item XXII - Práticas e perigos da mediunidade. (Com os agradecimentos da Editora ao confrade Luciano dos Anjos por esta nota.)

que incidentes desagradáveis de uma viagem. O que, em outra pessoa, produziria uma violenta emoção, afeta-o de uma forma comum. Aliás, ele sabe que os sofrimentos da vida são as provas que servem para o seu adiantamento, se as sofrer sem reclamar, porque ele será recompensado segundo a coragem com a qual ele as tiver suportado.

Suas convicções lhe dão uma resignação que o preserva do desespero, e, por conseqüência, de uma causa incessante de loucura e suicídio. Ele sabe, além disso, pelo que pode constatar nas comunicações com os espíritos, o destino deplorável daqueles que abreviam voluntariamente os seus dias, e esse quadro é bem próprio para fazê-lo refletir; também é considerável o número daqueles que foram detidos nessa inclinação funesta. Esse é um dos resultados do Espiritismo.

No número das causas da loucura, ainda é preciso colocar o medo, e o medo do diabo tem transtornado a razão de muitas pessoas. Sabe-se o número de vítimas que se tem feito, impressionando imaginações fracas com esse quadro que se esforçam em tornar mais assustador com detalhes hediondos? O diabo, dizem, só amedronta às crianças, é um freio para torná-las bem comportadas, assim como o “bicho-papão” e o “lobisomem”, e quando elas não mais sentem medo, ficam piores do que antes; porém, para esse belo resultado, ou seja, uma criança comportada, não se tem conta do número de epilepsias causadas pela perturbação de um cérebro delicado diante do medo.

É preciso não confundir a *loucura patológica* com a *obsessão*, que não vem de nenhuma lesão cerebral, mas da subjugação que os espíritos malignos exercem sobre certos indivíduos. Às vezes, essa subjugação tem as aparências da loucura propriamente dita. Essa afecção, que é muito freqüente, é independente de qualquer crença no Espiritismo e existiu em todos os tempos. Nesse caso, a medicação comum é impotente e mesmo nociva.

O Espiritismo, fazendo conhecer esta nova causa de perturbação do organismo, dá, ao mesmo tempo, o único meio de vencê-la, atuando, não sobre o doente, mas sobre o espírito obsessivo. O Espiritismo é o remédio e não a causa do mal.

Esquecimento do Passado

Visitante: — Eu não compreendo como o homem pode aproveitar a experiência adquirida nas suas existências anteriores, se não se lembra delas; porquanto, desde que não as recorda, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira, estando, assim, sempre a recomençar.

Vamos supor que, a cada dia, ao despertar, nós perdêssemos a lembrança do que fizemos na véspera; aos setenta anos não teríamos avançado mais do que aos dez anos, enquanto que lembrando nossas faltas, nossas imperícias e as punições que sofreremos, nos esforçaríamos para não mais repeti-las.

Servindo-me da comparação que o senhor fez do homem sobre a Terra com o aluno de um colégio, eu não compreenderia que esse aluno pudesse, por exemplo,

aproveitar as lições da 5ª série se ele não se lembrasse do que aprendeu na 4ª série.³⁸ Essas soluções de continuidade na vida do espírito, interrompem todas as relações e, de alguma forma, fazem dele um novo ser; de onde pode-se dizer que nossos pensamentos morrem a cada existência, para renascermos sem consciência do que fomos. É uma espécie de redução a nada.

A. K.: — De pergunta em pergunta o senhor está me levando a lhe dar um curso completo de Espiritismo; todas as objeções que lhe faz são naturais entre aqueles que nada sabem, entretanto, em um estudo sério, seria encontrada uma solução bem mais explícita do que a que eu posso dar em uma explicação tão sumária que, por sua vez, deve provocar, incessantemente, novas perguntas.

No Espiritismo tudo se encadeia e quando se segue o conjunto vê-se que os princípios provêm uns dos outros e se servem mutuamente de apoio; então, o que parecia uma anomalia, contrária à justiça e à sabedoria de Deus, torna-se natural e vem confirmar essa justiça e essa sabedoria.

Assim é o problema do esquecimento do passado que se liga a outras questões de igual importância, eis por que não vou aqui me aprofundar no assunto.

Se, a cada existência, um véu é jogado sobre o passado, o espírito não perde nada do que adquiriu anteriormente, ele só esquece a forma pela qual fez as aquisições. Para me servir da comparação do aluno, eu diria que pouco importa para ele saber onde, como, e com quais professores ele fez a 4ª série se, chegando na 5ª, ele sabe o que se aprende na 5ª. Que lhe importa saber se foi castigado por sua preguiça e sua insubordinação, se essas punições o tornaram trabalhador e dócil? É assim que, ao reencarnar, o homem traz, por intuição e como idéias inatas, o que adquiriu em ciência e em moralidade. Eu digo em moralidade porque, se durante uma existência ele se aperfeiçoou, se tirou proveito das lições da experiência, quando retornar ele será instintivamente melhor; seu espírito, amadurecido na escola do sofrimento e pelo trabalho, terá mais firmeza; longe de ter de recomeçar tudo, ele possui uma base cada vez mais fértil, sobre a qual se apóia para alcançar mais.

A segunda parte da sua objeção, referente ao aniquilamento do pensamento, não está melhor embasada, visto que esse esquecimento só ocorre durante a vida corporal e, ao deixá-la, o espírito recupera a lembrança do seu passado; ele pode então julgar o caminho que fez e o que ainda lhe resta fazer; de maneira que não há solução de continuidade na vida espiritual, que é a vida normal do espírito.

O esquecimento temporário é um benefício da Providência; a experiência é muitas vezes adquirida por provas rudes e expiações terríveis, cuja lembrança seria muito penosa e viria se juntar às angústias das atribulações da vida presente.

Se os sofrimentos da vida parecem longos, que aconteceria se a sua duração aumentasse com a lembrança dos sofrimentos do passado?

³⁸ A tradução literal do texto é: "... aproveitar as lições da 4ª série se ele não se lembrasse do que aprendeu na 5ª". A aparente troca de numeração das séries deve-se ao fato de, nos estabelecimentos de ensino francês, as séries escolares serem determinadas em ordem decrescente. O aluno entra na 11ª série e vai, sucessivamente, até a 1ª série. (N.T.)

O senhor, por exemplo, hoje é um homem honesto, mas talvez isso se deva aos rudes castigos que sofreu pelas faltas que agora repugnariam a sua consciência. Seria agradável lembrar que por causa delas foi enforcado? A vergonha não o perseguiria ao lembrar que o mundo sabia das faltas que cometeu?

Que lhe importa o que fez e o que sofreu para expiar seus erros se hoje é um homem estimável! Aos olhos do mundo, é um homem novo, aos olhos de Deus, um espírito reabilitado.

Liberto da lembrança de um passado importuno, o senhor age com mais liberdade; tem um novo ponto de partida; suas dívidas anteriores estão pagas, importa agora não contrair outras.

Quantos homens desejariam, durante a vida, poder colocar, do mesmo modo, um véu sobre os seus primeiros anos! Quantos disseram a si mesmos, ao final de seus percursos: "Se eu fosse recomeçar, eu não faria o que fiz." Pois bem, o que eles não podem refazer nesta vida, o farão em uma outra; em uma nova existência, seu espírito trará, em estado de intuição, as boas resoluções que tiverem tomado. É assim que se realiza gradualmente o progresso da humanidade.

Agora vamos supor, o que é um caso muito comum, que nas suas relações, na sua própria família, encontra-se um ser que o fez sofrer, que talvez o tenha arruinado ou desonrado em uma outra existência, e que, espírito arrependido, veio encarnar no seu meio, unir-se ao senhor por laços de família, para reparar os erros cometidos por seu devotamento e sua afeição. Não ficariam mutuamente na mais falsa posição, se ambos se lembrassem das suas inimizades? Em lugar de se apla- carem, os ódios se eternizariam.

Daí se conclui que a lembrança do passado traria perturbações às relações sociais e seria um entrave ao progresso. O senhor quer uma prova? Quando um homem que foi condenado às galés³⁹ toma a firme resolução de se tornar honesto, o que lhe acontece ao término da sua pena?

Ele é repellido pela sociedade, e essa repulsa quase sempre o lança novamente no vício. Supondo-se, ao contrário, que todo o mundo ignore os seus antecedentes, esse homem será bem acolhido; se ele mesmo pudesse esquecê-los, não seria menos honesto por isso, e poderia andar com a cabeça erguida, em vez de curvá-la sob a vergonha da sua lembrança.

Isso está perfeitamente de acordo com a doutrina dos espíritos sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado nada tem de penosa; eis por que neles as existências precedentes são lembradas da mesma forma que nós nos lembramos do que fizemos ontem. Quanto à estada que possa ter sido feita em mundos inferiores, não é mais que um sonho mau.

³⁹ **Galés:** em seu antigo significado, era a pena dos criminosos condenados a remar em galé, uma embarcação de guerra, comprida e estreita, impelida basicamente por grandes remos (de 15 a 30), manejado cada um deles por três a cinco homens, e auxiliada por três velas. Mais modernamente, diz-se de trabalhos forçados, executados por presos acorrentados pelos pés. (N.T.)

Elementos de Convicção

Visitante: — Eu admito que sob o ponto de vista filosófico a Doutrina Espírita é perfeitamente racional, mas resta sempre a questão das manifestações, que só pode ser resolvida por fatos; ora, é a realidade desses fatos que muitas pessoas contestam e o senhor não deve achar estranho o desejo que elas demonstram de testemunhá-los.

A. K.: — Eu o considero muito natural, apenas, como procuro que tirem proveito dessa oportunidade, explico em que condições convém que se coloquem para melhor observá-los, e, principalmente, para compreendê-los; aquele que não quer se colocar nessas condições demonstra não ter um verdadeiro desejo de se esclarecer, então é inútil perder tempo com ele.

O senhor também há de convir que seria estranho que uma filosofia racional tivesse saído de fatos ilusórios e controvertidos. Em boa lógica, a realidade do efeito traz como consequência a realidade da causa; se um é verdadeiro, o outro não pode ser falso, porque, onde não há árvore, não se pode colher frutos.

É verdade que nem todos puderam constatar os fatos, porque nem todos se colocaram nas condições exigidas para observá-los e não tiveram a paciência e a perseverança necessárias. Porém, neste caso é como em todas as ciências: o que uns não fazem, outros conseguem fazê-lo; todos os dias aceita-se o resultado de cálculos astronômicos, sem os haver feito pessoalmente. Seja como for, se o senhor acha a filosofia boa, pode aceitá-la como aceitaria uma outra, reservando sua opinião sobre as vias e os meios que a ela conduziram, ou, pelo menos, admitindo esses fatos apenas a título de hipótese até mais ampla constatação.

Os elementos de convicção não são os mesmos para todas as pessoas; o que convence uns, não causa nenhuma impressão sobre outros; eis por que é preciso um pouco de tudo. Porém, é um erro acreditar que as experiências físicas sejam o único meio de convencer. Já vi pessoas que não se impressionaram com os fenômenos mais dignos de nota, e nas quais uma simples resposta escrita venceu todas as dúvidas.

Quando se vê um fato que não se compreende, quanto mais extraordinário ele é, mais suspeito parece, e o pensamento sempre procura encontrar uma causa comum para esse fato; porém, quando sua causa é percebida, ele é admitido mais facilmente, porque tem uma razão de ser, o maravilhoso e o sobrenatural desaparecem.

Certamente, as explicações que acabo de lhe dar nesta conversa estão longe de ser completas, no entanto, por mais sumárias que sejam, estou persuadido de que elas o farão refletir, e, se as circunstâncias o fizerem testemunhar alguns fatos de manifestação, o senhor os verá com menos prevenção, porque poderá ter uma base onde firmar o seu raciocínio.

Há duas coisas no Espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica. Ora, eu sou visitado todos os dias por pessoas que nada têm visto e que crêem tão firmemente quanto eu, somente pelo estudo que fizeram da

parte filosófica. Para essas pessoas, o fenômeno das manifestações é acessório, a essência é a doutrina, é a ciência; elas a vêem tão grande, tão racional, que nela encontram tudo o que pode satisfazer suas aspirações interiores, à parte a ocorrência das manifestações, de onde elas concluem que, supondo-se que as manifestações não existissem, a doutrina não deixaria de ser aquela que melhor resolve uma multidão de problemas considerados insolúveis.

Quantos disseram que essas idéias haviam germinado em seu cérebro, mas que elas se conservavam confusas. O Espiritismo veio enunciá-las com precisão, deu-lhes corpo, e foi para eles como um raio de luz. É o que explica o número de adeptos que a simples leitura do *O Livro dos Espíritos* produziu. O senhor acredita que a situação seria a mesma se não tivéssemos nos afastado das mesas girantes e falantes?

Visitante: — O senhor tinha razão ao dizer que das mesas girantes havia saído uma doutrina filosófica, e eu estava longe de supor as conseqüências que podiam surgir de um fato que se considerava como um simples objeto de curiosidade. Vejo agora quanto é amplo o campo aberto pelo seu sistema.

A. K.: — Aqui eu o interrompo, o senhor me honrou ao me atribuir esse sistema, porquanto ele não me pertence. Ele foi inteiramente deduzido dos ensinamentos dos espíritos. Eu vi, observei, coordenei, e procuro fazer com que os outros compreendam o mesmo que eu compreendo; esta é toda a parte que me toca.

Existe entre o Espiritismo e os outros sistemas filosóficos uma diferença capital: todos esses sistemas são a obra de homens mais ou menos esclarecidos, enquanto que, naquele que me é atribuído, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio.

Diz-se: a filosofia de Platão,⁴⁰ de Descartes,⁴¹ de Leibniz;⁴² não se dirá nunca: a doutrina de Allan Kardec, e isso é excelente, pois que importância teria um nome em um assunto tão grave?

O Espiritismo tem auxiliares bem mais preponderantes e perto dos quais não somos mais que átomos.

⁴⁰ **Platão:** célebre filósofo grego (Atenas, 428 - 347 a. C.), foi discípulo de Sócrates (468 - 400 a. C.) e mestre de Aristóteles (384 - 322 a. C.), ambos também ilustres filósofos. O sistema filosófico criado por Platão, o *Platonismo*, preocupava-se com temas éticos, visando toda meditação filosófica ao conhecimento do bem, conhecimento este que se supõe suficiente para a implantação da justiça entre os estados e entre os homens. O *Platonismo* foi o primeiro sistema completo de filosofia espiritualista. In *Lello Universal*, Volume Terceiro. (N.T.)

⁴¹ **Descartes, René:** filósofo, matemático e físico francês (1596 - 1650), criador do método cartesiano ou *Cartesianismo*, doutrina filosófica caracterizada pelo racionalismo, isto é, baseada na razão, no domínio do conhecimento e da moral. In *Nouveau Petit Larousse Illustré*. (N.T.)

⁴² **Leibniz, Gottfried Wilhelm:** filósofo e matemático alemão (1646 - 1716). Desenvolveu uma filosofia ampla e profunda onde sustenta a teoria das idéias inatas e a da constituição de todos os seres por substâncias simples (as mônadas) entre as quais reina uma harmonia preestabelecida. Daí Leibniz afirmar com otimismo: "Tudo vai bem no melhor dos mundos possíveis". In *Koogan Larousse e Nouveau Petit Larousse Illustré*. (N.T.)

Sociedades Espíritas⁴³

Visitante: — O senhor tem uma Sociedade que se dedica a esses estudos, eu poderia fazer parte dela?

A. K.: — No momento, certamente, não, porque se não é necessário ser um doutor em Espiritismo para ser recebido, pelo menos é preciso ter sobre o assunto idéias mais firmes do que as suas. Como a Sociedade não quer ser perturbada nos seus estudos, ela não pode admitir aqueles que viriam fazê-la perder seu tempo com questões elementares, nem os que, não simpatizando com seus princípios e convicções, nela lançariam a desordem com discussões intempestivas ou um espírito de contradição.

É uma Sociedade científica, como tantas outras, que se dedica a aprofundar os diferentes pontos da ciência espírita e que procura se esclarecer, é o centro para onde tendem os esclarecimentos de todas as partes do mundo e onde se elaboram e coordenam as questões que se ligam ao progresso da Ciência; mas não é uma escola nem um curso de ensino elementar. Mais tarde, quando suas convicções, estiverem formadas pelo estudo, a Sociedade verá se há razões para admiti-lo.

Enquanto espera, o senhor poderá, no máximo, participar de uma ou duas sessões, como ouvinte, com a condição de não fazer nenhuma reflexão que possa melindrar alguém, sem o que, eu, que serei o responsável pela sua presença, ficaria sujeito às censuras dos meus colegas, e a entrada lhe seria proibida para sempre.

Ali o senhor verá uma reunião de homens sérios, pertencentes a uma Sociedade de pessoas cultas e educadas, cuja maioria se recomenda pela superioridade do seu saber e sua posição social, e que não permitiriam que aqueles que ali foram admitidos se afastassem, o mínimo que fosse, das conveniências; portanto, não acredite que ela convide o público e chame o primeiro recém-chegado para assistir às suas sessões. Como não faz demonstrações para satisfazer a curiosidade, ela afasta com cuidado os curiosos.

⁴³ Algumas edições em francês e em outras línguas intitulam este capítulo *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec - Rue de Lille nº 7*. No entanto, ele não consta — nem poderia constar — da 1ª e 2ª edições de *O que é o Espiritismo*, título este aliás que tinha a forma interrogativa (*Que é o Espiritismo?*). Isso porque aquela Sociedade passou a existir apenas a partir de 18 de outubro de 1873, quatro anos após a desencarnação de Allan Kardec. Este capítulo se intitulava apenas “*Sociedade Espírita de Paris*”. Edições posteriores a 1873 é que deram ao capítulo o nome extenso da nova Sociedade, cuja origem é a seguinte. Em 3 de julho de 1869, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas constituiu a *Société anonyme à parts d'intérêt et à capital variable de la caisse générale et centrale du Spiritisme*, conhecida abreviadamente como *Société Anonyme du Spiritisme*, cujo objetivo era levar a termo os planos editoriais traçados por Kardec. Contudo, devido ao cunho muito comercial, os espíritas não gostaram do título, inclusive Amélie Boudet, substituída do marido em todas as atividades. Foi ela quem propôs a modificação para *Sociedade para a Continuação das Obras de Allan Kardec*, o que foi aprovado na assembléia geral da SPEE de 18 de outubro de 1873. Quanto ao endereço, a Sociedade, a Livraria, a Revista e o Museu se transferiram para a Rue de Lille nº 7 a partir de 1º de abril de 1869, conforme anúncio feito pelo próprio Allan Kardec na primeira página da edição da revista daquele mês. Na véspera, ele desencarnou. Consumada a transferência, o nome da nova Sociedade e o novo endereço passaram a constar de muitos impressos e livros como, por exemplo, do título deste capítulo de *O que é o Espiritismo*. (Com os agradecimentos da Editora ao confrade Luciano dos Anjos por esta nota.)

Aqueles que julgam ali encontrar uma distração, uma espécie de espetáculo, ficarão desapontados e melhor farão se lá não aparecerem. Eis por que ela recusa admitir, mesmo como simples ouvintes, aqueles que ela não conhece ou cujas disposições hostis são notórias.

Interdição do Espiritismo

Visitante: — Uma última resposta, eu lhe peço. O Espiritismo tem inimigos poderosos, eles não poderiam fazer interditar o seu exercício, e também as Sociedades, e, por esse meio, impedir a sua propagação?

A.K.: — Esse seria o meio de perder a partida mais rapidamente, porque a violência é o argumento daqueles que não têm nada de bom para dizer. Se o Espiritismo é uma quimera, ele cairá por si mesmo sem que tenham muito trabalho; se o perseguem, é porque o temem, e só temem o que é sério. Se é uma realidade, ele está, como eu disse, na Natureza, e não se revoga uma lei da Natureza com um traço de caneta.

Se as manifestações espíritas fossem privilégio de um homem, não há dúvida de que, afastando-se esse homem, se daria fim às manifestações; infelizmente para os adversários, elas não são mistério para ninguém; não há nada de secreto, nada de oculto, tudo se passa à vista de todos; elas estão à disposição de todo mundo, e se realizam desde o palácio até a choupana. Pode-se proibir o seu exercício público, mas sabe-se com certeza que não é em público que elas mais se produzem e sim na intimidade; ora, cada um de nós podendo ser médium, quem pode impedir que uma família em sua casa, um indivíduo no silêncio do seu gabinete ou um prisioneiro em sua cela tenham comunicações com os espíritos, sem que se saiba, e mesmo sem considerar a presença da polícia?

Entretanto, vamos admitir que um governo fosse bastante forte para impedi-los de praticar o Espiritismo em suas casas; ele conseguiria impedir a sua prática na casa de seus vizinhos, no mundo inteiro, pois que não há um país, nos dois continentes, onde não existam médiuns?

O Espiritismo, além do mais, não tem sua fonte entre os homens, ele é obra dos espíritos que não podem ser queimados ou postos na prisão. Ele se funda na crença individual e não nas sociedades que, de maneira alguma, são necessárias. Se conseguissem destruir todos os livros espíritas, os espíritos os ditariam novamente.

Em resumo, atualmente o Espiritismo é um fato incontestável; ele conquistou seu lugar na opinião pública e entre as doutrinas filosóficas; portanto, é preciso que aqueles a quem ele não convém, se decidam a vê-lo ao seu lado, ficando, no entanto, inteiramente livres para não se interessarem por ele.

Terceira Conversação

— O PADRE⁴⁴ —

Um abade: — O senhor me permite, por minha vez, fazer-lhe algumas perguntas?

A.K.: — À vontade, reverendo, mas, antes de lhe responder, creio que lhe será útil tomar conhecimento da posição em que pretendo me colocar perante o senhor.

Devo inicialmente declarar que não procurarei, de forma alguma, convertê-lo para as nossas idéias. Se o senhor quiser conhecê-las detalhadamente, irá encontrá-las nos livros em que estão expostas; neles poderá estudá-las à vontade, e estará livre para aceitá-las ou recusá-las.

O Espiritismo tem por objetivo combater a incredulidade e suas funestas conseqüências, dando provas evidentes da existência da alma e da vida futura. Ele, portanto, se destina àqueles que não crêem em nada ou *que duvidam*, e o senhor sabe que o número dessas pessoas é grande. Aqueles que têm uma fé religiosa, e a quem *essa fé é suficiente*, não precisam dele. Àquele que diz: “eu creio na autoridade da Igreja, e me limito ao que ela ensina, sem nada procurar além,” o Espiritismo responde que não se impõe a ninguém e não vem forçar nenhuma convicção.

A liberdade de consciência é uma conseqüência da liberdade de pensar, que é um dos atributos da criatura humana; o Espiritismo estaria em contradição com os seus princípios de caridade e de tolerância, se não a respeitasse.

Aos seus olhos, toda crença, desde que seja sincera e não induza a fazer mal ao semelhante, é respeitável, ainda que seja errada. Se alguém conscientemente se empenhasse em crer, por exemplo, que é o Sol que gira em volta da Terra, nós lhe diríamos: se isso lhe agrada, acredite, porque sua crença não vai impedir a Terra de girar; mas, assim como não procuramos violentar a sua consciência, não procure violentar a dos outros. Se, de uma crença, inocente em si mesma, se fizer um instrumento de perseguição, ela se tornará nociva e pode ser combatida.

Esta é, senhor abade, a linha de conduta que eu tenho mantido com os ministros dos diversos cultos que me têm procurado. Quando me questionam sobre alguns

⁴⁴ “O Padre”. Assim está no original francês. Nosso entendimento de leitor há de ser dedutivo. No título temos “padre”; mas nos diálogos aparecem “reverendo” (duas vezes), “meu amigo” (uma vez) e “senhor abade” (três vezes), afora “um abade”, antes do primeiro travessão para indicar quem fala. Há ainda uma indagação feita por “um livre pensador”. Ora, como Kardec sabia diferenciar muito bem um padre de um abade, vale concluir que o título foi aplicado em sentido coletivo. Teriam sido mais de um os interlocutores? Relativamente aos prelados é de se concluir que eram um só. *Padre* (ou presbítero) é o representante e ministro do Cristo, em virtude de ordenação conferida por um bispo. *Abade* é o superior de um mosteiro, podendo conferir as ordens menores (abade regular); ou o que tem território próprio de pelo menos três paróquias (abade nullius). *Reverendo* é título dado a qualquer dignitário eclesiástico e, de modo geral, a todos os sacerdotes. Kardec — parece certo — está pois respondendo a um abade, que é também reverendo e, em sentido coletivo e mais abrangente, um padre. O livre pensador no meio da conversa é que é bastante estranho. Talvez Kardec tenha apenas aproveitado o assunto para inserir a pergunta, feita noutra ocasião qualquer. Salvo melhor interpretação. (Com os agradecimentos da Editora ao confrade Luciano dos Anjos por esta nota.)

pontos da Doutrina, eu lhes dou as explicações necessárias, sempre me abstendo de discutir certos dogmas com os quais o Espiritismo não tem de se preocupar, sendo cada pessoa livre nas suas apreciações, mas eu jamais fui procurá-los com o intuito de enfraquecer a sua fé por uma pressão qualquer.

Aquele que nos procura como um irmão, nós o acolhemos como um irmão, aquele que nos repudia, nós o deixamos em paz. Este é o conselho que dou incessantemente aos espíritas, visto que jamais aprovei aqueles que se atribuem a missão de converter o clero. Eu sempre lhes digo: semeiem no campo dos incrédulos, porque lá existe uma imensa colheita para fazer.

O Espiritismo não se impõe, porque, como eu já disse, ele respeita a liberdade de consciência; ele sabe, aliás, que toda crença imposta é superficial e só dá as aparências da fé, não a fé sincera. Ele expõe seus princípios aos olhos de todos, de maneira que cada um possa formar a sua opinião com conhecimento de causa. Aqueles que os aceitam, padres ou leigos, o fazem livremente, e porque os acham racionais; mas nós não queremos isso, de maneira alguma, daqueles que não são da nossa opinião. Se hoje existe luta entre a Igreja e o Espiritismo nós temos consciência de não a haver provocado.

O padre: — Se a Igreja, vendo surgir uma nova doutrina, nela encontra princípios que, em sua consciência, acredita que deve condenar, o senhor lhe contestaria o direito de discuti-los e combatê-los, de prevenir os fiéis contra o que ela considera como erros?

A. K.: — De maneira alguma contestamos um direito que reclamamos para nós mesmos. Se a Igreja tivesse se encerrado nos limites da discussão, nada melhor, mas leia a maioria dos escritos emanados dos seus membros ou publicados em nome da religião, os sermões que têm sido pregados, e verá neles a injúria e a calúnia transbordarem de todos os lugares, e os princípios da doutrina indigna e perversamente desfigurados em toda parte.

Não se tem ouvido, do alto dos púlpitos, os adeptos do Espiritismo serem qualificados de inimigos da sociedade e da ordem pública? E aqueles a quem a Doutrina reconduziu para a fé, serem amaldiçoados e rejeitados pela Igreja com a alegação de que ainda é preferível ser incrédulo a acreditar em Deus e na própria alma pelo Espiritismo?

Não se tem ouvido também ser lastimada a ausência das fogueiras da inquisição para os espíritas? Em certas localidades, os espíritas não têm sido marcados pelo ódio dos seus concidadãos, até o ponto de serem perseguidos e injuriados pelas ruas?

Não se tem ordenado, a todos os fiéis, que se afastem deles como de pestíferos, e impedido que as pessoas entrem a seu serviço?

As mulheres, não têm sido solicitadas a se separarem de seus maridos, e os maridos de suas mulheres por causa do Espiritismo?

Não se tem feito os empregados perderem o seu lugar, retirando de operários o pão do trabalho e dos necessitados a caridade, porque eles eram espíritas?

Não se tem retirado, de certos asilos, até cegos porque eles não querem abjurar a sua crença?

Diga-me, senhor abade, será isso uma discussão leal? Os espíritas responderam a injúria com a injúria e o mal com o mal?

Não. A tudo eles opuseram a calma e a moderação. A consciência pública já lhes fez a justiça de reconhecer que eles não foram os agressores.

O padre: — Todo homem sensato deplora esses excessos, mas a Igreja não poderia ser responsável pelos abusos cometidos por alguns de seus membros pouco esclarecidos.

A. K.: — Eu concordo, mas são membros pouco esclarecidos os príncipes da Igreja? Veja a pastoral do bispo de Argel⁴⁵ e alguns outros. Não foi um bispo que ordenou o auto-de-fé de Barcelona?⁴⁶

A autoridade superior eclesiástica não tem todo o poder sobre os seus subordinados? Se ela tolera sermões indignos do púlpito evangélico, se ela favorece a publicação de escritos injuriosos e difamatórios contra uma classe de cidadãos, se ela não se opõe às perseguições exercidas em nome da religião, é porque ela as aprova.

Em resumo, a Igreja, repelindo sistematicamente os espíritas que retornavam a ela, forçou-os a refletirem; pela violência e natureza de seus ataques, ela ampliou a discussão e levou-a para um novo terreno. O Espiritismo era uma simples doutrina filosófica, foi a própria Igreja que o ampliou, apresentando-o como um inimigo perigoso; foi ela, enfim que o proclamou nova religião. Foi uma falta de habilidade, mas a paixão não raciocina.

Um livre pensador: — O senhor proclamou, há pouco tempo, a liberdade do pensamento e da consciência e declarou que toda crença sincera é respeitável.

⁴⁵ **Carta circular** enviada pelo bispo de Argel, em 18 de agosto de 1863, a todos os padres da sua diocese "sobre a superstição dita Espiritismo". Argel, capital da Argélia, foi tomada pelos franceses em 1830, e durante a 2ª Guerra Mundial (1944) foi a sede do governo provisório da República Francesa. A Argélia tornou-se independente em 1ª de junho de 1962. (N.T.)

⁴⁶ O chamado **Auto-de-fé de Barcelona** foi a destruição, pelo fogo, de 300 volumes de obras espíritas, que o escritor e editor francês Maurice Lachâtre — que se refugiara naquela cidade, após ser condenado a 5 anos de prisão pelo governo de Bonaparte III, por haver publicado o *Dicionário Universal Ilustrado* — solicitara a Kardec para vender em sua livraria e fazer propagação do Espiritismo.

Os livros, ao passarem pela alfândega de Barcelona, e terem os respectivos impostos alfandegários pagos por Lachâtre, foram retidos para que o bispo da cidade, Antonio Palau y Termens, os examinasse e permitisse a sua liberação.

Após ler um exemplar de cada obra, e considerar que elas eram "imorais e contrárias à fé católica", o bispo sentenciou que os livros fossem confiscados pela "Santo Ofício" e queimados.

Assim, às 10h30min do dia 9 de outubro de 1861, no bairro de La Ribera, na esplanada da Cidadela de Barcelona — no mesmo lugar onde os criminosos condenados à morte eram executados — em uma cerimônia presidida por um padre, que tinha uma cruz em uma das mãos e uma tocha na outra, 300 livros espíritas, de Kardec e de outros autores, foram destruídos pelas chamas. (N.T.)

O materialismo é uma crença como outra qualquer, porque ele não pode gozar da liberdade que o senhor concede a todas as outras crenças?

A. K.: — Certamente cada um é livre para crer no que lhe agrada, ou de não crer em nada, e nós não perdoaríamos mais uma perseguição contra aquele que crê no nada após a morte do que contra um cismático⁴⁷ de uma religião qualquer. Combatendo o materialismo, nós atacamos, não os indivíduos, mas uma doutrina que, se é inofensiva para a sociedade, quando se encerra no foro íntimo da consciência de pessoas esclarecidas, é um flagelo social se ela se generaliza.

A crença de que, após a morte, tudo se acaba para o homem, e de que toda solidariedade cessa juntamente com a vida, leva-o a considerar o sacrifício do bem-estar presente em proveito de outros, como um absurdo, daí a máxima: “Cada um por si durante a vida, já que não há nada além dela.” A caridade, a fraternidade, a moral, em uma palavra, não têm nenhuma base, nenhuma razão de ser. Por que nos constrangermos, nos incomodarmos, sofrer privações hoje, quando amanhã, talvez, não seremos mais nada?

A negação do porvir, a simples dúvida sobre a vida futura, são os maiores estimulantes do egoísmo que é a fonte da maioria dos males da humanidade. É preciso muita virtude para não escorregar pela ladeira do vício e do crime, sem outro freio além da força de vontade. O respeito humano pode moderar o homem do mundo, mas não aquele para quem o temor da opinião não existe.

A crença na vida futura, mostrando a perpetuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não cessa no túmulo, ela muda, assim, o curso das idéias. Se essa crença fosse um simples espantalho não duraria muito tempo, mas como a sua realidade é incontestável pela experiência, é dever propagá-la e combater a crença contrária, no próprio interesse da ordem social. É o que faz o Espiritismo, e o faz com sucesso porque dá as provas e porque, definitivamente, o homem prefere a certeza de viver, e poder viver feliz em um mundo melhor, como compensação das misérias deste mundo, a crer estar morto para sempre.

A idéia de se ver para sempre destruído, de ter seus filhos e os seres que lhe são caros perdidos sem retorno, sorri a um número muito pequeno, de pessoas, acredite; é por isso que os ataques dirigidos contra o Espiritismo em nome da incredulidade têm tão pouco sucesso e não o abalaram um só instante.

O padre: — A religião ensina tudo isso; até hoje ela foi suficiente, portanto, qual a necessidade de uma nova doutrina?

A. K.: — Se a religião tem sido suficiente por que há tantos incrédulos, religiosamente falando? A religião nos ensina, é verdade, ela nos diz para crer, mas há muitas pessoas que não acreditam em palavras. O Espiritismo prova, e faz ver o que a religião ensina pela teoria. Aliás, de onde vêm essas provas? Da manifestação dos

⁴⁷ **Cismático:** aquele que participou de um cisma, isto é, do ato pelo qual alguém, ou um grupo de pessoas, se afasta de uma religião para formar uma nova. (N.T.)

espíritos. Ora, é provável que os espíritos só se manifestem com a permissão de Deus; portanto, se Deus, em sua misericórdia, envia aos homens esse socorro para tirá-los da incredulidade, é uma impiedade recusá-lo.

O padre: — Entretanto, o senhor há de convir que o Espiritismo não está de acordo com a religião em todos os pontos.

A. K.: — Meu Deus, senhor abade, todas as religiões dirão o mesmo: os protestantes, os judeus, os muçulmanos, do mesmo modo que os católicos!

Se o Espiritismo negasse a existência de Deus, da alma, da sua individualidade e da sua imortalidade, das penas e recompensas futuras, do livre-arbítrio do homem, se ele ensinasse que, aqui na Terra, cada um deve viver para si e pensar somente em si, ele seria não somente contrário à religião católica, mas a todas as religiões do mundo; seria a negação de todas as leis morais, que são a base das sociedades humanas.

Os espíritos, longe disso, proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável por seus atos, recompensado ou punido segundo o bem ou o mal que tenha feito; colocam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e esta regra sublime ensinada pelo Cristo: *Fazer aos outros como gostaríamos que fizessem conosco*. Não são esses os fundamentos da religião? Eles fazem mais: eles nos iniciam nos mistérios da vida futura, que para nós não é mais uma abstração, mas uma realidade visto que são aqueles mesmos que nós havíamos conhecido que nos vêm descrever sua atual situação, dizer como e por que sofrem ou são felizes. O que há nisso de anti-religioso? Essa certeza no futuro, de se reencontrar aqueles a quem se amou, não é uma consolação? Essa grandiosidade da vida espiritual, que é nossa essência, comparada às mesquinhas preocupações da vida terrestre, não é própria a elevar nossa alma e a nos encorajar para o bem?

O padre: — Eu admito que, nas questões gerais, o Espiritismo está de acordo com as grandes verdades do Cristianismo; mas, sob o ponto de vista dos dogmas, ocorre o mesmo? Ele não contradiz certos princípios que a Igreja nos ensina?

A. K.: — O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não se ocupa com questões dogmáticas. Essa ciência tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas; serão, essas conseqüências, boas ou más? Pode-se julgá-las pelos princípios gerais que acabo de lembrar. Algumas pessoas se enganam quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo. A questão é muito séria e merece alguns esclarecimentos.

Inicialmente façamos uma comparação: estando a eletricidade na natureza, ela sempre existiu, e sempre produziu os efeitos que nós conhecemos e muitos outros que ainda não são do nosso conhecimento. Os homens, desconhecendo a verdadeira causa, explicaram esses efeitos de uma maneira mais ou menos bizarra. A descoberta da eletricidade e de suas propriedades veio destruir uma série de teorias absurdas, esclarecendo vários mistérios da natureza. O que a eletricidade e

as ciências físicas em geral fizeram com certos fenômenos, o Espiritismo fez com fenômenos de outra ordem.

O Espiritismo está fundamentado na existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros globos onde deixaram seus envoltórios materiais. São os seres aos quais damos o nome de espíritos. Eles estão à nossa volta, incessantemente, e exercem sobre os homens, e sem que eles o saibam, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico.

O Espiritismo, portanto, está na Natureza, e pode-se dizer que, dentro de uma certa ordem de idéias, ele é uma potência, como a eletricidade o é em um outro ponto de vista, e a gravitação, em um outro. Os fenômenos cuja fonte é o mundo invisível se produziram em todos os tempos, eis por que a história de todos os povos faz menção a eles. Somente no seu desconhecimento, como ocorreu em relação à eletricidade, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos racionais, e deram, sob esse aspecto, livre curso à sua imaginação.

O Espiritismo, melhor observado depois que se propagou, veio trazer esclarecimento para um grande número de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. O seu verdadeiro caráter, portanto, é o de uma ciência e não o de uma religião, e a prova do que afirmamos é que ele conta, entre seus adeptos, com homens de todas as crenças, que não renunciaram às suas convicções por isso: são católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres do seu culto, quando não são repelidos pela Igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e bramanistas.

Portanto, o Espiritismo está estabelecido sobre princípios independentes de qualquer questão dogmática. Suas conseqüências morais são no sentido do Cristianismo, porque o Cristianismo é a mais esclarecida e a mais pura de todas as doutrinas, e é por essa razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreender o Espiritismo na sua verdadeira essência.

Pode-se censurá-lo por isso? Cada um pode, sem dúvida, fazer uma religião de suas opiniões, interpretar, à sua maneira, as religiões conhecidas, mas daí até a constituição de uma nova Igreja, a distância é muito grande.

O padre: — Entretanto, o senhor não faz as evocações de acordo com uma fórmula religiosa?

A. K.: — Certamente nos sentimos invadidos por um sentimento religioso nas evocações e nas reuniões, mas não temos fórmula sacramental alguma; para os espíritos, o pensamento é tudo e a forma é nada. Nós os chamamos em nome de Deus, porque acreditamos em Deus, e sabemos que sem a sua permissão nada se faz neste mundo, e que se Deus não permitir que venham eles não virão. Nós procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque é uma condição necessária para as observações, e também porque conhecemos o respeito que se

deve àqueles que não vivem mais sobre a Terra, qualquer que seja a sua condição no mundo dos espíritos, feliz ou infeliz.

Nós fazemos um apelo aos bons espíritos porque, sabendo que há bons e maus espíritos, não queremos que estes últimos venham se misturar fraudulentamente às comunicações que recebemos. O que é que tudo isso prova? Que não somos ateus, o que não implica, de forma alguma, que sejamos religiosos.

O padre: — Muito bem! Que dizem os espíritos superiores sobre a religião? Os bons devem nos aconselhar, nos guiar. Vamos supor que eu não tenha nenhuma religião e queira escolher uma. Se eu lhes pedir que me aconselhem para que eu seja católico,⁴⁸ protestante,⁴⁹ anglicano,⁵⁰ quacre,⁵¹ judeu,⁵² maometano⁵³ ou mórmon,⁵⁴ o que eles responderão?

A. K.: — Há dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a todas, e os princípios particulares a cada uma. Os primeiros são aqueles de que falamos há pouco, eles são proclamados por todos os espíritos, qualquer que seja a classe deles. Quanto aos segundos, os *espíritos vulgares*, sem serem maus, podem

⁴⁸ **Católico:** que pertence ao *Catolicismo*, religião dos cristãos que reconhecem o Papa (sucessor de São Pedro na chefia na Igreja Católica) como autoridade máxima, que se confirma e expande por meio dos sacramentos; que venera a Virgem Maria e os santos; que aceita os dogmas como verdades incontestáveis e fundamentais, e que tem como ato litúrgico mais importante a missa. (N.T.)

⁴⁹ **Protestante:** partidário do *Protestantismo* ou da Reforma religiosa. Ao conjunto das doutrinas e das seitas religiosas provenientes dessa Reforma, formadas nessa ocasião pelos católicos que se separaram da Igreja romana protestando em nome do Evangelho e da razão, dá-se o nome de *Protestantismo*. Ele é a religião dos Calvinistas, Luteranos e Anglicanos. (N.T.)

⁵⁰ **Anglicano:** adepto do *Anglicanismo*, a religião oficial da Inglaterra desde Henrique VIII (1491-1547), que cortou relações com o papa Clemente VII, por este lhe recusar a anulação do seu casamento com Catarina de Aragão, resolvendo colocar-se, ele próprio, à frente da Igreja Inglesa. O Anglicanismo conserva pontos de semelhança com o Catolicismo entre eles a hierarquia e o dogma. (N.T.)

⁵¹ **Quacre ou quaker:** membro de uma seita religiosa, fundada no século XVII, na Inglaterra e difundida principalmente na Escócia e nos Estados Unidos da América. Os quacres, também chamados tremedores, reúnem-se em salas sem nenhum ornato e, em recolhimento, esperam a vinda do Espírito Santo. Os quacres não admitem sacramentos, não prestam juramento em justiça, recusam-se ao serviço militar, pois consideram a guerra um fratricídio, tratam todos por tu, não reconhecem qualquer hierarquia eclesiástica. Os seguidores desta seita; que é um desvio do *Puritanismo*, se distinguem, em geral, por grande pureza moral e por sincera filantropia (N.T.)

⁵² **Judeu:** aquele que pratica a religião judaica, o *Judaísmo*, conjunto das instituições que o povo judeu recebeu de Deus, por intermédio de Moisés, no alto do Monte Sinai. O dogma da unidade de Deus, que é invisível, incorpóreo, eterno, todo poderoso, presente em todos os lugares, infinitamente justo e criador do céu e da terra, é a base da fé dos judeus. (N.T.)

⁵³ **Maometano:** aquele que professa o *Maometismo*, ou *Islamismo*, o mesmo que muçulmano. Ver rodapé nº 55 (N.T.)

⁵⁴ **Mórmon:** Sectarário do *Mormonismo* ou *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Seita fundada em 1827, por Joseph Smith, que publicou, com o nome de Livro de Mórmon, atribuído a um profeta judeu com este nome, uma pretensa narrativa divina que atribuía aos índios da América uma origem judaica. A doutrina dos mórmons é uma estranha mistura de elementos búdicos, gnósticos, maometanos e cristãos. Um decreto da justiça americana, publicado em 1887, proibiu a poligamia até então praticada pelos mórmons. (N.T.)

ter preferências, opiniões; podem preconizar esta ou aquela forma. Podem encorajar certas práticas, seja por convicção pessoal, seja porque conservaram as idéias da vida terrena, seja por prudência, para não amedrontar as consciências tímidas.

O senhor acredita, por exemplo, que um espírito esclarecido, mesmo que fosse Fênelon, dirigindo-se a um muçulmano, iria desastradamente dizer-lhe que Maomé⁵⁵ é um impostor, e que ele será condenado se não se tornar cristão? É claro que ele não agiria assim, porque seria repellido.

Os espíritos superiores geralmente, e quando não são solicitados a isso por alguma consideração especial, não se preocupam com questões de detalhes, eles se limitam a dizer: “Deus é bom e justo, ele só quer o bem”. A melhor de todas as religiões é, pois, aquela que ensina o que está de acordo com a bondade e a justiça de Deus; que dá a maior e a mais sublime idéia de Deus e não o rebaixa, emprestando-lhe as fraquezas e as paixões da humanidade; que torna os homens bons e virtuosos e os ensina a se amarem todos como irmãos; que condena todo o mal feito ao próximo; que não autoriza a injustiça sob qualquer forma ou pretexto que seja; que não prescreve nada de contrário às leis imutáveis da Natureza, visto que Deus não pode se contradizer; aquela cujos ministros dão o melhor exemplo de bondade, de caridade e de moralidade; aquela que melhor procura combater o egoísmo e lisonjear menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela enfim em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode ser o pretexto de um mal qualquer; ela não deve lhe deixar nenhuma porta aberta, nem diretamente nem pela interpretação. Veja, julgue e escolha.

O padre: — Eu suponho que certos pontos da Doutrina Católica sejam contestados pelos espíritos que o senhor considera como superiores; supondo-se que esses pontos estejam mesmo errados, aquelas pessoas para quem eles são, com ou sem razão, artigos de fé e que, conseqüentemente, praticam essa crença, poderão, segundo esses mesmos espíritos, ter a sua salvação prejudicada por causa dessa crença?

A. K.: — Certamente não, se essa crença não as impedir de praticar o bem, se ela, ao contrário, induzi-las a essa prática; enquanto que a mais bem fundada crença evidentemente prejudicará essas pessoas se lhes der a oportunidade de fazerem o mal, de faltarem com a caridade para o seu próximo, de torná-las duras e egoístas, porque então elas não estarão agindo segundo a lei de Deus, e Deus vê os pensamentos antes dos atos. Quem ousaria sustentar o contrário?

O senhor pensa, por exemplo, que a fé de um homem que crê inteiramente em Deus, e que, em nome de Deus, cometa atos desumanos ou contrários à caridade,

⁵⁵ **Maomé:** fundador do *Islamismo*, (Meca, 570 - Medina, 632). Após ter passado 15 anos meditando sobre uma reforma religiosa e social da nação árabe, baseada no monoteísmo e na sujeição à vontade divina, Maomé converteu numerosos discípulos, mas também fez muitos adversários, sendo obrigado a fugir para Medina em 622. Essa fuga deu início a era maometana, ou muçulmana, ou islâmica, designada sob o nome de hégira. Surgindo uma guerra com a população de Meca, Maomé tomou a cidade em 630; desde então, multiplicaram-se as submissões e as conversões e a Arábia foi conquistada para o *Islamismo*. (N.T.)

pode ser proveitosa para ele? Não é ele mais culpado quando tem mais meios de ser esclarecido?

O padre: — Portanto, o católico fervoroso que cumpre escrupulosamente os deveres do seu culto não é censurado pelos espíritos?

A. K.: — Não, se é para ele uma questão de consciência, se ele o faz com sinceridade; sim, mil vezes sim, se é por hipocrisia, se só tem dentro dele uma piedade aparente.

Os espíritos superiores, aqueles que têm por missão o progresso da humanidade, se colocam contra todos os abusos que podem retardar esse progresso, de qualquer natureza que eles sejam; e quaisquer que sejam os indivíduos ou as classes da sociedade que deles tirem proveito. Ora, o senhor não pode negar que a religião não tenha sempre tido exemplos disso; se, entre seus ministros, há os que cumprem sua missão com devotamento totalmente cristão, que a fazem grande, bela e respeitável, o senhor há de convir que nem todos têm compreendido sempre a santidade do seu ministério.

Os espíritos se opõem ao mal por toda a parte onde ele se encontre; assinalar os abusos da religião é atacá-la? Ela não tem maiores inimigos do que aqueles que os defendem, porque são esses abusos que fazem nascer a idéia de que qualquer coisa de melhor pode substituí-la.

Se a religião corresse um perigo qualquer, isso seria devido àqueles que dão uma falsa idéia sobre ela, transformando-a em uma arena das paixões humanas, e que a exploram em proveito de sua ambição.

O padre: — O senhor disse que o Espiritismo não discute os dogmas, contudo ele admite certos pontos combatidos pela Igreja, como, por exemplo, a reencarnação e a presença do homem sobre a Terra antes de Adão; e nega a eternidade das penas, a existência dos demônios, o purgatório e o fogo do inferno.

A. K.: — Esses pontos são discutidos há muito tempo, e não foi o Espiritismo quem os colocou em questão; são opiniões das quais algumas são contestadas mesmo pela teologia e que o futuro julgará. Um grande princípio domina a todos: a prática do bem, que é a lei superior, a condição *sine qua non*⁵⁶ do nosso futuro, assim nos prova o estado dos espíritos que se comunicam conosco.

Enquanto espera que a luz se faça sobre essas questões, acredite, se quiser, nas chamadas e nas torturas materiais, se isso pode impedi-lo de fazer o mal: sua crença não as torna mais reais, se elas não existem. Creia que não temos mais que uma existência corporal, se lhe agrada: isso não o impedirá de renascer aqui ou em outra parte, se tiver de acontecer, e apesar do senhor. Creia que o mundo foi criado, por completo, em seis vezes vinte e quatro horas, se é a sua opinião: isso não impedirá que a Terra presente nas suas camadas geológicas a prova do contrário.

⁵⁶ **Sine qua non:** expressão latina cuja tradução é "sem a qual não" e que indica uma condição ou uma cláusula sem a qual não se fará determinada coisa. (N.T.)

Creia, se quiser, que Josué parou o Sol: isso não impedirá que a Terra continue a girar. Creia que o homem está sobre a Terra há apenas 6.000 anos: isso não impedirá que os fatos demonstrem a impossibilidade dessa afirmativa. E o que o senhor dirá se, um belo dia, essa inexorável geologia vier a demonstrar, por traços evidentes, a anterioridade do homem, como já o fez com tantas outras coisas?

Creia, então, em tudo que o senhor quiser, mesmo no diabo, se essa crença pode fazê-lo bom, humano e caridoso para os seus semelhantes. O Espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de fazer o bem e nunca fazer o mal. É uma ciência de observação que, eu o repito, tem conseqüências morais, e essas conseqüências são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias ele as deixa para a consciência de cada um.

Observe bem, reverendo, que alguns dos pontos divergentes que o senhor acaba de citar, o Espiritismo, em princípio, não os contesta. Se o senhor houvesse lido tudo quanto escrevi sobre o assunto, teria visto que o Espiritismo se limita a lhes dar uma interpretação mais lógica e mais racional que aquela que comumente lhes é dada. É assim, por exemplo, que ele não nega o purgatório, ao contrário, demonstra sua necessidade e sua justiça; porém, ele faz mais, ele o define. O inferno foi descrito como uma imensa fornalha; mas é assim que o entende a alta teologia? Evidentemente não; ela diz muito bem que é uma figura, que o fogo no qual se queimam as almas é um fogo moral, símbolo das maiores dores.

Quanto à eternidade das penas, se fosse possível fazer-se uma votação, para conhecer a opinião íntima de todos os homens em estado de raciocinar ou de compreender, mesmo entre os mais religiosos, poder-se-ia ver de que lado está a maioria, porque a idéia de uma eternidade de suplícios é a negação da misericórdia infinita de Deus.

Não obstante, eis aqui o que diz a Doutrina Espírita a esse respeito:

A duração do castigo está subordinada à melhoria do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a *reparação*, em uma palavra, uma melhoria séria, efetiva, e um retorno sincero ao bem. O espírito é assim o árbitro da sua própria sorte; ele pode prolongar seus sofrimentos pela obstinação no mal, suavizá-los ou abreviá-los por seus esforços em praticar o bem.

Estando a duração do castigo subordinada ao arrependimento, daí resulta que o espírito culpado que não se arrependesse e nunca melhorasse, sofreria sempre e, para ele, a pena seria eterna. A eternidade das penas deve, portanto, ser entendida no sentido relativo e não no sentido absoluto.

Uma condição inerente à inferioridade dos espíritos é a de não verem o fim da situação em que crêem que sofrerão para sempre, para eles isso é um castigo. Porém, desde que sua alma se abre ao arrependimento, Deus lhes faz entrever um raio de esperança.

Essa doutrina está, evidentemente, mais de acordo com a justiça de Deus que pune enquanto se persiste no mal, que perdoa quando se entra no bom caminho. Quem a imaginou? Fomos nós? Não, foram os espíritos que a ensinam e a provam pelos exemplos que diariamente põem aos nossos olhos.

Os espíritos, portanto, não negam as penas futuras pois eles descrevem os seus próprios sofrimentos, e essa descrição nos toca mais profundamente que a das chamadas serpêtuas, porque então tudo é perfeitamente lógico. Compreende-se que aquilo é possível, que deve ser assim, que essa situação é uma consequência natural dos fatos; ela pode ser aceita pelo pensador filósofo, porque ali nada pode contrariar a sua razão. Eis por que as crenças espíritas têm conduzido para o bem uma multidão de pessoas, mesmo materialistas, a quem o medo do inferno, conforme era descrito, não havia podido deter.

O padre: — Admitindo o seu raciocínio, não lhe parece que faltam, ao homem comum, imagens mais impressionantes em lugar de uma filosofia que ele não pode compreender?

A.K.: — Isso é um erro que tem criado vários materialistas ou, pelo menos, desviado alguns homens da religião. Surge um momento em que essas imagens não impressionam mais e, então, as pessoas que não se aprofundam no fato, rejeitando uma parte dele, rejeitam o todo, dizendo para si mesmas: “Se me ensinaram como uma verdade incontestável uma afirmativa que é falsa, se me deram uma imagem, uma figura, em lugar da realidade, quem me garante que o resto é mais verdadeiro?”

Se, ao contrário, a razão cresce e não repele nada, a fé se fortalece. A religião sempre ganhará ao seguir o progresso das idéias, se algum dia ela correr algum perigo será porque os homens teriam avançado enquanto ela teria ficado parada. Acreditar que atualmente pode-se conduzir os homens pelo medo do demônio e das torturas eternas é enganar-se quanto à época em que vivemos.

O padre: — Realmente, a Igreja hoje reconhece que o inferno material é uma imagem, mas isso não exclui a existência dos demônios, sem eles, como explicar a influência do mal que não pode vir de Deus?

A.K.: — O Espiritismo não admite os demônios no sentido vulgar da palavra, mas admite os maus espíritos que não são melhores que eles e que, do mesmo modo, fazem o mal, suscitando maus pensamentos; ele apenas afirma que os demônios não são seres à parte, criados para o mal e perpetuamente voltados para ele, uma espécie de párias da criação e carrascos do gênero humano; são seres atrasados, ainda imperfeitos, mas aos quais Deus reserva o futuro. Nisso o Espiritismo está de acordo com a Igreja Católica Grega, que admite a conversão de Satã, alusão à melhoria dos maus espíritos.

Observe ainda que a palavra *demônio* só implica a idéia de mau espírito pela acepção moderna que lhe é dada, visto que a palavra grega *daimôn* significa *gênio*, *inteligência*. Ora, admitir a comunicação dos maus espíritos é, em princípio, reconhecer a realidade das manifestações. É preciso saber se eles são os únicos

que se comunicam, como o afirma a Igreja, para dar motivo a que ela proibisse as comunicações com os espíritos. Aqui nós invocamos o raciocínio e os fatos.

Se os espíritos, quaisquer que sejam, se comunicam, isto só acontece com a permissão de Deus: será que ele só permitiu que os maus se comuniquem? Como? Deixando a esses espíritos toda a liberdade de vir enganar os homens, enquanto impedia que os bons viessem contrabalançar, neutralizar suas perniciosas doutrinas? Acreditar nessa possibilidade, não seria contestar o seu poder e a sua bondade e fazer de Satã um rival da Divindade?

A Bíblia, o Evangelho, os doutores da Igreja reconhecem perfeitamente a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, e desse mundo os bons não foram excluídos, então, por que o seriam hoje em dia? Aliás, ao admitir a autenticidade de certas aparições e comunicações de santos, a Igreja exclui a idéia de que só pode haver contato com os maus espíritos. Certamente, quando as comunicações só contêm coisas boas, quando nelas só se prega a mais pura e a mais sublime moral evangélica, a abnegação, o desinteresse e o amor ao próximo; quando nelas se combate o mal, sob qualquer forma em que ele se disfarce, será racional acreditar que o espírito maligno proceda desse modo?

O padre: — O Evangelho nos ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo de luz para seduzir os homens.

A.K.: — Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real, é a personificação do mal, como outrora Saturno era a personificação do tempo. A Igreja prende à letra essa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu não discutirei. Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real; a Igreja, à força de exagerar seu poder, com o objetivo de intimidar, chega a um resultado totalmente contrário, ou seja, à destruição, não somente de todo o medo, mas também de toda a crença nessa pessoa, pois, segundo o provérbio, “quem muito quer provar, não prova nada”. Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e astuto, e na questão do Espiritismo ela o faz representar o papel de um tolo e de um desastrado.

Já que o objetivo de Satã é alimentar o inferno com suas vítimas e arrancar as almas a Deus, compreende-se que ele se dirija àqueles que estão no bem para induzi-los ao mal e que, para isso, ele se transforme, segundo uma bela alegoria, em anjo de luz, isto é, que ele faça o hipócrita simulando a virtude; mas que ele deixe escapar aqueles que já estavam em suas garras, é o que não se pode compreender.

Aqueles que não crêem em Deus nem em sua própria alma, que desprezam a prece e estão jogados no vício são dele tanto quanto é possível ser; ele não tem nada a acrescentar para afundá-los mais no lamaçal. Ora, instigá-los a voltar para Deus, a orar, a se submeterem à sua vontade, encorajá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos eleitos, e a triste sorte que aguarda os perversos, seria o ato de um ingênuo, mais bobo do que se dar liberdade a pássaros de gaiola com a idéia de tornar a agarrá-los em seguida.

Portanto, na teoria da comunicação exclusiva dos demônios, há uma contradição que impressiona todo homem sensato, porque ninguém se convencerá nunca de que os espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, ao bem aqueles que faziam o mal, que consolam os aflitos, dão força e coragem aos fracos, que, pela sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, sejam os cúmplices de Satã, e que, por esse motivo, deve-se impedir toda relação com o mundo invisível.

O padre: — Se a Igreja proíbe as comunicações com os espíritos dos mortos é porque são contrárias à religião, assim como são formalmente condenadas pelo Evangelho e por Moisés.⁵⁷ Pronunciando a pena de morte contra essas práticas, Moisés prova quanto elas são repreensíveis aos olhos de Deus.

A.K.: — Eu lhe peço desculpas, mas essa proibição não se encontra em parte alguma do Evangelho, ela está somente na lei mosaica. Trata-se, então, de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da lei evangélica; falando de uma forma diferente: se ela é mais judaica do que cristã. Deve-se mesmo observar que, de todas as religiões, a que tem feito menos oposição ao Espiritismo, é a Judaica, e que ela não recorreu à lei de Moisés, sobre a qual se apóiam as seitas cristãs, contra as evocações. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que vetar a leitura da Bíblia? O que se diria se fosse proibido a um cidadão estudar o código das leis do seu país?

A proibição feita por Moisés tinha, na época, a sua razão de ser, porque o legislador hebreu queria que o seu povo rompesse com todos os costumes herdados dos egípcios, ainda mais que, aquele a que nos referimos aqui, era motivo de abusos. Os mortos não eram evocados pelo respeito e afeição a eles, nem com sentimento de piedade, mas como um meio de adivinhação, o objeto de um tráfico odioso explorado pelo charlatanismo e a superstição; Moisés, portanto, teve razão ao proibi-lo. Se ele decretou uma penalidade severa contra esse abuso, é porque eram necessários meios rigorosos para disciplinar aquele povo; a pena de morte também era muito empregada na sua legislação. Provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos, apoiando-se na severidade do castigo, é um erro.

Se a proibição de evocar os mortos vem mesmo de Deus, como a Igreja afirma, deve ter sido Deus quem ordenou a pena de morte contra os delinquentes. Essa

⁵⁷ **Moisés:** a mais importante figura do Antigo Testamento, guerreiro, estadista, libertador, moralista e legislador dos hebreus. Segundo a Bíblia, havendo o faraó ordenado a morte das crianças de sexo masculino nascidas de judeus do Egito, uma mulher da tribo de Levi, lançou seu filho no Rio Nilo, dentro de uma cesta que foi recolhida por Termúti, filha do faraó Ramsés II, e que deu ao menino o nome de Moisés, que significa "salvo das águas". Sendo criado principescamente, recebeu uma cultura especial que aperfeiçoou os dotes naturais que possuía. Obrigado, aos quarenta anos, a se refugiar no deserto do Sinai, por ter assassinado um egípcio que espancava um hebreu, Moisés teve uma visão: Deus se mostrou a ele no meio de uma sarça ardente e ordenou-lhe que tirasse seu povo da escravidão, que o levasse do Egito para Canaã. Então começou o êxodo. Moisés, tendo duvidado da palavra de Deus em uma ocasião solene, foi condenado a não penetrar na Terra Prometida, vendo Canaã apenas de longe, do alto do Monte Nebo, local onde, posteriormente, morreria. Moisés deu aos hebreus o Decálogo, ou os dez mandamentos da lei de Deus, que recebera do Senhor no alto do Monte Sinai, onde se encontrava jejuando. O Decálogo se constituiria no código civil e religioso da monoteísta Canaã. (N.T.)

pena, portanto, tem uma origem tão sagrada quanto a proibição, por que não a conservaram? Moisés promulgou todas essas leis em nome de Deus, e por sua ordem; por que elas não são mais observadas se acreditam que Deus seja o seu autor? Se a lei de Moisés é, para a Igreja, um artigo de fé sobre um ponto, por que não o é sobre todos? Por que recorrem a ela no que têm necessidade e a repudiam no que não convém? Por que não seguem todas as suas prescrições, a circuncisão entre outras, que Jesus sofreu e não aboliu?

Havia na lei mosaica duas partes: primeiro, a lei de Deus, resumida nas tábuas do Sinai; esta lei permaneceu porque é divina e o Cristo apenas a desenvolveu; segundo, a lei civil ou disciplinar apropriada aos costumes do tempo, e que o Cristo aboliu.

Hoje as circunstâncias não são mais as mesmas, e a proibição de Moisés não tem sentido. Aliás, se a Igreja proíbe chamar os espíritos, ela poderá impedir que eles venham sem serem chamados? Diariamente não se vêem pessoas que jamais se ocuparam com o Espiritismo, e que nem o conheciam antes que ele fosse divulgado, terem manifestações de todos os gêneros?

Outra contradição: se Moisés proibiu evocar os espíritos dos mortos, então é porque esses espíritos podem vir, caso contrário a sua proibição seria inútil. Se, na época de Moisés, eles podiam vir, ainda hoje eles podem fazê-lo; se são os espíritos dos mortos, logo não são exclusivamente demônios. É preciso ser lógico antes de tudo.

O padre: — A Igreja não nega que bons espíritos possam se comunicar, já que reconhece que os santos se manifestam; no entanto ela não pode considerar como bons aqueles que vêm contradizer seus princípios imutáveis. Os espíritos ensinam as penas e as recompensas futuras, mas eles não as ensinam da mesma forma que a Igreja, somente ela pode julgar seus ensinamentos e discernir os bons dos maus.

A. K: — Eis a grande questão. Galileu⁵⁸ foi acusado de heresia e de ser inspirado pelo demônio, porque veio revelar uma lei da Natureza provando o erro de uma crença que se julgava inatacável. Se fossem considerados como “bons” aqueles que vieram contradizer todos os pontos que estão de acordo com a opinião exclusiva da Igreja ou se não tivessem proclamando a liberdade de consciência e

⁵⁸ **Galileu:** seu nome completo era Galileu Galilei; matemático, físico e astrônomo italiano (1564-1642) nascido na cidade de Pisa. Foram inúmeras as suas descobertas e invenções, entre elas o termômetro, a balança hidrostática, o microscópio e, em 1609, a luneta que traz o seu nome por meio da qual descobriu as oscilações aparentes da Lua. Suas observações levaram-no a adotar o sistema proposto por Copérnico e, assim sendo, proclamou que o centro do mundo planetário era o Sol e não a Terra, e que a Terra girava em torno do Sol assim como os outros planetas que refletem a luz solar. Por esta afirmativa recebeu a repreensão e a repulsa da Cúria romana, que, para atingi-lo, considerou o sistema de Copérnico como herético, intimidando Galileu a abandoná-lo. Aparentemente, ele se submeteu; mas, de volta a Florença, reuniu em um livro (1632) todas as provas da verdade do sistema. Essa bela obra foi denunciada à Inquisição, e Galileu, então com mais de 70 anos, para escapar à fogueira, teve de abjurar, de joelhos, perante aquele tribunal, a sua pretendida heresia (1633). Depois de escapar da fogueira, foi conservado num semicativeiro, ficando sempre sob severa vigilância da Inquisição, morrendo cedo. In *Lello Universal*, volume segundo. (N.T.)

condenado certos abusos, eles teriam sido os bem-vindos e não seriam qualificados de demônios. É essa também a razão pela qual todas as religiões, os muçulmanos como os católicos, se acreditam de posse exclusiva da verdade absoluta, olhando como obra do demônio toda doutrina que, do seu ponto de vista, não seja inteiramente ortodoxa.

Ora, os espíritos não vêm derrubar a religião, mas, da mesma forma que Galileu, revelar novas leis da Natureza. Se alguns pontos de fé são atingidos, é porque, da mesma forma que a crença no movimento do Sol em torno da Terra, eles estão em contradição com essas leis. A questão é saber se um artigo de fé pode anular uma lei da Natureza que é a obra de Deus, e se, sendo essa lei reconhecida, não é mais sensato interpretar o dogma segundo a lei em lugar de atribuí-la ao demônio.

O padre: — Deixemos a questão dos demônios; eu sei que ela é interpretada de diversas formas pelos teólogos, porém a teoria da reencarnação parece-me mais difícil de conciliar com os dogmas, já que ela é a *metempsicose*⁵⁹ de Pitágoras renovada.

A. K.: — Este não é o momento de discutir uma questão que exigiria longos desenvolvimentos; o senhor a encontrará tratada no *O Livro dos Espíritos* e no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*,⁶⁰ sobre o assunto direi apenas duas palavras.

A metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma do homem para os animais, o que implicava uma degradação. Entretanto, essa doutrina não era o que vulgarmente se acredita. A transmigração para os animais não era considerada como uma condição inerente à natureza da alma humana, mas como um castigo temporário; assim, as almas dos assassinos passariam pelos corpos de animais ferozes para ali receber sua punição; a dos impudicos pelos porcos e javalis; a dos inconstantes e levianos pelos pássaros; a dos preguiçosos e ignorantes pelos animais aquáticos. Após alguns milhares de anos, mais ou menos, segundo a culpabilidade dessa espécie de prisão, a alma voltava à humanidade. Logo, a encarnação animal não era uma condição absoluta, e ela se aliava, como se vê, à encarnação humana, e a prova disso é que a punição dos homens tímidos consistia em passar por corpos de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias.⁶¹ Era uma espécie de “bicho-papão” para os simples, bem mais que um artigo de fé entre os filósofos. Assim como se diz às crianças: “se vocês forem más, o lobo comerá vocês”, os antigos diziam aos criminosos: “vocês se transformarão em lobos”, e hoje lhes dizem: “o diabo pegará vocês e os levará para o inferno.”

A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, porque ela não admite a encarnação da alma nos animais, mes-

⁵⁹ **Metempsicose:** doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar sucessivamente vários corpos, humanos ou de animais, e plantas. Pitágoras, filósofo e matemático grego, que teria nascido em Samos, no século VI a.C., era partidário da metempsicose. (N.T.)

⁶⁰ Ver *O Livro dos Espíritos*, pergunta 166 e seguintes, 222 e seguintes e 1010; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulos IV e V. (Nota de Kardec.)

⁶¹ Ver *A Pluralidade das Existências da Alma*, de Pezzani. (Nota de Kardec.)

mo como punição. Os espíritos ensinam que a alma não retrocede, mas progride sempre. Suas diferentes existências corporais se realizam na humanidade; cada existência é para ela um passo adiante na estrada do progresso intelectual e moral, o que é bem diferente.

Não podendo adquirir um desenvolvimento completo em uma única existência, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em uma nova encarnação, a tarefa que ela não pôde acabar, ou então recomençar o que fez errado. A expiação na vida corporal consiste nas tribulações que nela sofremos.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências é ou não é contrária a certos dogmas da Igreja, eu me limitarei a dizer: das duas uma, ou a reencarnação existe ou não existe; se ela existe é porque está nas leis da natureza. Para provar que a reencarnação não existe, seria preciso demonstrar que ela é contrária, não aos dogmas, mas a essas leis, e também que se encontrasse uma outra que explicasse mais claramente e mais logicamente as questões que somente ela pode resolver.

Não obstante, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram na reencarnação uma sanção racional que os fez serem aceitos por aqueles que os repeliam por não compreendê-los. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que acontecerá mais tarde, pela força dos acontecimentos. Aqueles que não querem aceitar a interpretação serão perfeitamente livres, como o são hoje em dia, para acreditar que é o Sol que gira em torno da Terra. A idéia da pluralidade das existências se vulgariza com espantosa rapidez, em razão da sua extrema lógica e da sua conformidade com a justiça de Deus. Quando ela for reconhecida como verdade natural, e aceita por todo o mundo, que fará a Igreja?

Em resumo, a reencarnação não é um sistema imaginado para as necessidades de uma causa, nem uma opinião pessoal; é, ou não é um fato. *Se está demonstrado que certas coisas que existem são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso admitir que elas são o resultado da reencarnação*; logo, se ela está na natureza, não seria anulada por uma opinião contrária.

O padre: — No dizer dos espíritos, aqueles que não acreditam neles nem nas suas manifestações são menos dotados na vida futura?

A. K.: — Se essa crença fosse indispensável à salvação dos homens, o que aconteceria àqueles que, desde que o mundo existe, não foram capazes de tê-la, e àqueles que, ainda durante muito tempo, morrerão sem possuí-la? Deus pode lhes fechar a porta do futuro?

Não; os espíritos que nos instruem são muito mais lógicos, eles nos dizem: Deus é soberanamente justo e bom, e não faz a sorte futura do homem depender de condições alheias à vontade do próprio homem. Eles não dizem: *fora do Espiritismo não há salvação*, mas, como o Cristo, afirmam: *fora da caridade não há salvação*.

O padre: — Permita, então, que eu lhe diga, já que os espíritos só ensinam os princípios da moral que encontramos no Evangelho, eu não vejo que utilidade pode

ter o Espiritismo, já que podíamos alcançar a nossa salvação antes dele e poderíamos alcançá-la ainda sem ele. Não seria o mesmo se os espíritos viessem ensinar algumas grandes verdades novas, alguns desses princípios que mudam a face do mundo, como fez o Cristo. Ao menos ele era só, sua doutrina era única, enquanto que os espíritos são milhares que se contradizem, uns dizem branco, outros, negro, daí resultando que, desde o início, seus partidários já formam várias seitas. Não seria melhor deixar os espíritos tranqüilos e nos limitarmos ao que temos?

A. K.: — O senhor está errado, meu amigo, em não sair do seu ponto de vista, e tomar a Igreja como único critério dos conhecimentos humanos. Se Cristo disse a verdade, o Espiritismo não podia dizer outra coisa, e, em lugar de apedrejá-lo, devia-se acolhê-lo como um poderoso auxiliar que veio para confirmar, por todas as vozes do além-túmulo, as verdades fundamentais da religião refutadas pela incredulidade.

Que o materialismo seja contra ele compreende-se, mas que a Igreja se una ao materialismo para combatê-lo, é menos concebível. O que é também incoerente é que ela qualifica de demoníaco um ensinamento que se apóia sobre a mesma autoridade, e proclama a missão divina do fundador do Cristianismo.

Cristo, porém, disse tudo? Pôde revelar tudo? Não, já que ele mesmo afirmou: “Eu teria ainda muitas coisas para dizer, elas, porém, não seriam compreendidas por vós, é por essa razão que eu vos falo em parábolas.”

O Espiritismo veio, agora que o homem está preparado para compreendê-lo, completar e explicar o que o Cristo, deliberadamente, só deu uma leve idéia ou falou sob uma forma alegórica. Sem dúvida, o senhor dirá que a responsabilidade dessa explicação competia à Igreja. Mas, a qual? À Igreja romana, grega ou protestante? Visto não estarem de acordo, cada uma teria dado a sua explicação e reivindicado esse privilégio. Qual é a que conseguiria reunir todos os cultos dissidentes?

Deus, que é sábio, prevendo que os homens nela iriam misturar suas paixões e seus preconceitos, não quis lhes dar o encargo dessa nova revelação; confiou-a aos espíritos, seus mensageiros, que a proclamaram sobre todos os pontos do globo, fora de qualquer culto particular, a fim de que ela possa se aplicar a todos, e ninguém a desvie em seu proveito.

Por outro lado, os diversos cultos cristãos não terão se afastado em nada da rota traçada pelo Cristo? Seus preceitos de moral são escrupulosamente observados? Não se tem torcido o sentido das suas palavras para que sirvam de apoio à ambição e às paixões humanas, quando, na verdade, elas são a condenação de tudo isso? Ora, o Espiritismo, pela voz dos espíritos enviados de Deus, vem chamar, para a rigorosa observação desses preceitos, aqueles que se afastam deles; não seria principalmente esse último motivo que o fez ser classificado de obra satânica?

O senhor é injusto quando dá o nome de *seitas* a algumas divergências de opiniões referentes aos fenômenos espíritas. Não é motivo de espanto que, no começo de uma ciência, enquanto para muitos as observações ainda eram incompletas, tenham surgido teorias contraditórias, porém, essas teorias repousam sobre

questões de detalhes e não sobre o princípio fundamental. Elas podem constituir *escolas* que expliquem certos fatos à sua maneira, mas não são seitas, assim como também não o são os diferentes sistemas que dividem nossos sábios sobre as ciências exatas: Medicina, Física, etc. Portanto, risque a palavra *seita* que é totalmente imprópria neste caso.

Aliás, desde o seu aparecimento, a quantas seitas o próprio Cristianismo deu origem? Por que a palavra do Cristo não teve bastante poder para impor silêncio a todas as controvérsias? Por que ela é suscetível de interpretações que, ainda hoje, separam os cristãos em diferentes Igrejas que têm a pretensão de ser, cada uma delas, a detentora da verdade necessária à salvação, que se detestam cordialmente e se amaldiçoam em nome do seu divino mestre, que só pregou o amor e a caridade?

O senhor responderá: por causa da fraqueza dos homens? Seja, mas por que o senhor quer que o Espiritismo triunfe subitamente dessa fraqueza e transforme a humanidade como por encanto?

Eu volto à questão da utilidade. O senhor disse que o Espiritismo não ensina nada de novo; é um erro, ele ensina muito àqueles que não se detêm nas aparências. Se o Espiritismo não tivesse feito mais do que colocar a máxima *fora da caridade não há salvação*, que reúne os homens, em lugar de *fora da Igreja não há salvação*, que os divide, ele já teria marcado uma nova era da humanidade.

O senhor disse que se poderia passar sem ele, concordo; assim como se poderia passar sem inúmeras descobertas científicas. Os homens se sentiam muito bem antes da descoberta de todos os novos planetas; antes que se tivesse calculado os eclipses; antes que se conhecesse o mundo microscópico e outras coisas; o camponês, para viver e fazer germinar seu trigo, não tem necessidade de saber o que é um cometa, entretanto ninguém pode negar que todas essas coisas alargam o círculo das idéias e nos fazem entender melhor as leis da Natureza.

Ora, o mundo dos espíritos é uma dessas leis que o Espiritismo nos faz conhecer; ele nos ensina a influência que esse mundo exerce sobre o mundo corporal. Vamos supor que a sua utilidade se restringisse a isso, já não seria importante a revelação de tal poder?

Vejamos, agora, a sua influência moral. Admitamos que ele não ensine absolutamente nada a esse respeito; qual é o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que não tem mais razão de ser. Não é mais pelo raciocínio, pela fé cega, que se diz ao materialista que tudo não termina quando ocorre a morte do seu corpo, mas sim pelos fatos que lhe são mostrados, e o convencem com provas visíveis e palpáveis. Não é esse um pequeno serviço que se faz à humanidade e à religião?

Isso, porém, não é tudo; a certeza da vida futura, o quadro vivo apresentado por aqueles que nos precederam, mostram a necessidade do bem, e os resultados inevitáveis do mal. Eis por que, sem ser ele mesmo uma religião, o Espiritismo conduz

essencialmente às idéias religiosas; ele as desenvolve em quem não as possui, e as fortifica naqueles em que elas são hesitantes. Portanto, a religião encontra nele um apoio, não para aquelas pessoas de visão estreita que a vêem integralmente na doutrina do fogo eterno, mais na letra que na essência, porém para aqueles que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus.

Em uma palavra, o Espiritismo desenvolve e eleva as idéias; combate os abusos causados pelo egoísmo, a cobiça e a ambição; mas quem ousaria proibi-los e deles se declarar o protetor? Se ele não é indispensável à salvação, ele a facilita fortalecendo-nos no caminho do bem. Por outro lado, que homem sensato se atreveria a afirmar que a falta de uma absoluta conformidade com uma doutrina é mais repreensível aos olhos de Deus do que o ateísmo e o materialismo?

Eu coloco claramente as seguintes questões para todos aqueles que combatem o Espiritismo no que se refere às conseqüências religiosas:

1ª) Qual será o mais mal dotado na vida futura, aquele que não crê em nada ou aquele que, crendo nas verdades gerais, não admite certas partes do dogma?

2ª) O protestante e o cismático são confundidos na mesma reprovação que o ateu e o materialista?

3ª) Aquele que não é ortodoxo, no rigor da palavra, mas que faz todo o bem que pode, que é bom e indulgente para o seu próximo, leal em suas relações sociais, tem a sua salvação menos garantida do que aquele que crê em tudo, mas que é duro, egoísta e não tem caridade?

4ª) O que terá mais valor aos olhos de Deus; a prática das virtudes cristãs sem a prática dos deveres da ortodoxia ou a prática destes últimos sem a da moral?

Respondi às questões e às objeções que o senhor me dirigiu, mas, como lhe disse inicialmente, sem nenhuma intenção preconcebida de trazê-lo para as nossas idéias e de mudar as suas convicções, limitando-me a fazer com que encarasse o Espiritismo em seu verdadeiro aspecto. Se o senhor não tivesse vindo eu não iria procurá-lo. Isso não quer dizer que nós desprezásemos, se ela ocorresse, a sua adesão aos nossos princípios, bem longe disso; ficamos felizes por todas as aquisições que fazemos e que, quanto mais livres e voluntárias, mais valor têm para nós. Não somente não temos direito de exercer constrangimento sobre pessoa alguma, como também teríamos escrúpulos em ir perturbar a consciência daqueles que, tendo creanças que os satisfaçam, não venham espontaneamente até nós.

Dissemos que o melhor meio para as pessoas se esclarecerem sobre o Espiritismo é, inicialmente, estudarem a sua teoria; os fatos virão a seguir, naturalmente, e serão compreendidos, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os conduzam. Nossas publicações são feitas com a finalidade de facilitar esse estudo; eis aqui, para obter esse resultado, a ordem que aconselhamos:

A primeira leitura que deve ser feita é a deste resumo, que apresenta o conjunto e os pontos mais dignos de nota da Doutrina; com isso já se pode fazer uma idéia do assunto e obter-se a certeza de que no fundo há qualquer coisa de sério. Nesta

rápida exposição procuramos indicar os pontos que devem, particularmente, prender a atenção do observador. A ignorância dos princípios fundamentais é a causa das falsas apreciações da maioria daqueles que julgam o que não compreendem, ou de acordo com as suas idéias preconcebidas.

Se esta primeira exposição provocar o desejo de saber mais, deve-se ler o *O Livro dos Espíritos* onde os princípios da Doutrina são completamente desenvolvidos; depois *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental, destinado a servir de guia àqueles que querem operar eles mesmos, como àqueles que querem encontrar a solução dos fenômenos. Vêm, em seguida, as diversas obras onde são desenvolvidas as aplicações e as conseqüências da Doutrina, tais como: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo*, etc.

A *Revista Espírita* é, de algum modo, um curso de aplicações pelos numerosos exemplos e os desenvolvimentos que ela contém sobre a parte teórica e sobre a parte experimental.

Às pessoas sérias, que tiverem feito um estudo prévio, teremos o prazer de dar verbalmente as explicações necessárias sobre os pontos que elas não tenham compreendido bem.⁶²



⁶² Na época em que este livro foi publicado, Kardec, ainda vivo, sentia-se muito feliz em dar, pessoalmente, as explicações que lhe eram solicitadas sobre a Doutrina. (N.T.)

Capítulo II

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESPIRITISMO

Observações Preliminares

1. É um erro acreditar que basta verem fenômenos extraordinários para que certos incrédulos sejam convencidos. Aqueles que não admitem a alma ou o espírito no homem, não podem admiti-la fora do homem, por conseqüência, negando a causa, negam o efeito. Assim, quase sempre eles chegam com uma idéia preconcebida, uma opinião antecipada de negação que os afasta de uma observação séria e imparcial. Apresentam questões e objeções às quais é impossível responder, instantaneamente, de uma forma completa, porque seria preciso fazer uma espécie de curso, retomando as coisas desde o início, para cada pessoa.

O estudo prévio tem como resultado responder de antemão as objeções, das quais a maior parte está fundamentada na ignorância da causa dos fenômenos e das condições em que eles se produzem.

2. Aqueles que não conhecem o Espiritismo, pensam que se produzem fenômenos espíritas como se fazem experiências de Física e de Química. Daí a pretensão de submetê-los à vontade deles, e a sua recusa em se colocarem nas condições necessárias para a observação. Não admitindo, em princípio, a existência e a intervenção dos espíritos, ou pelo menos não conhecendo nem a sua natureza, nem o seu modo de ação, eles agem como se operassem sobre a matéria bruta, e, como não obtêm o que pedem, concluem que não há espíritos.

Colocando-se em um outro ponto de vista, se compreenderá que, sendo os espíritos as almas dos homens após a morte, todos nós seremos espíritos, e que estaríamos pouco dispostos a servir de brinquedo para satisfazer as fantasias dos curiosos.

3. Ainda que certos fenômenos possam ser provocados, porque derivam de inteligências livres, eles não estão jamais à disposição absoluta de pessoa alguma, e todo aquele que se declarasse capaz de obtê-los à vontade provaria a sua ignorância ou a sua má-fé. É preciso aguardar que ocorram, discerni-los em sua passagem, e muitas vezes é no momento em que menos se espera que os fatos mais interessantes e concludentes se apresentam.

Portanto, aquele que deseja seriamente se instruir, deve, nisso como em todas as coisas, ter muita paciência, perseverança, e fazer o que é necessário, de outro modo, é melhor que não se ocupe com esse assunto.

4. As reuniões que se destinam a manifestações espíritas nem sempre estão em boas condições, seja para obter resultados satisfatórios, seja para promover a convicção; existem algumas, é preciso admitir, em que os incrédulos saem menos convencidos do que quando chegaram à reunião, objetando, àqueles que lhes falam do caráter sério do Espiritismo, as coisas muitas vezes ridículas de que foram testemunhas. Eles não são mais lógicos que aquele que julgasse uma arte pelos esboços de um aprendiz, uma pessoa por sua caricatura ou de uma tragédia por sua paródia.

O Espiritismo também tem seus aprendizes, aquele que quer se esclarecer não busca seus ensinamentos em uma só fonte, pois somente pelo exame e pela comparação poderá estabelecer um julgamento.

5. As reuniões frívolas têm um grave inconveniente para os principiantes que as assistem, porque dão uma falsa idéia do caráter do Espiritismo. As pessoas que só assistem a reuniões desse gênero, não poderiam levar a sério um assunto que vêm ser tratado com leviandade por aqueles mesmos que se dizem adeptos. Um estudo prévio lhes ensinará a julgar o valor do que estão vendo e a fazer a distinção entre o bom e o mau.

6. O mesmo raciocínio se aplica àqueles que julgam o Espiritismo por certas obras excêntricas que dão uma idéia incompleta e ridícula da Doutrina. O Espiritismo sério não é responsável por aqueles que o compreendem mal ou o praticam de forma contrária à sua verdadeira significação, assim como a poesia não é responsável por aqueles que fazem maus versos.

É deplorável, dizem, que tais obras existam, porque causam danos à verdadeira Ciência. Sem dúvida seria preferível que só existissem boas obras; mas o maior erro é daqueles que não se dão ao trabalho de estudar tudo. Aliás, no mesmo caso estão todas as artes e todas as ciências; não aparecem tratados absurdos e repletos de erros sobre os assuntos mais sérios? Por que o Espiritismo seria privilegiado sob esse aspecto, principalmente no seu início?

Se aqueles que o criticam não o julgassem pelas aparências, saberiam o que ele admite e o que rejeita, e não o atacariam pelo que ele repudia em nome da razão e da experiência.

Dos Espíritos

7. Os espíritos não são, como muitas vezes se supõe, seres à parte na criação, mas as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros mundos, despojadas de seu invólucro carnal. Aquele que admite a existência da alma sobrevivendo ao corpo, admite, por isso mesmo, a existência dos espíritos; negá-los seria negar a alma.

8. Geralmente, faz-se uma idéia muito errada do estado dos espíritos; eles não são, como alguns acreditam, seres vagos e indefinidos, nem chamados, como os fogos-fátuos, nem fantasmas, como nos contos de almas do outro mundo. São seres semelhantes a nós, tendo um corpo como o nosso, porém, fluidico e invisível no estado normal.

9. Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, ela tem um duplo envoltório: um pesado, grosseiro e destrutível que é o *corpo*; o outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispirito*.

10. Portanto, há três coisas essenciais no homem:

1^a) A *alma* ou *espírito*, princípio inteligente em que reside o pensamento, a vontade e o senso moral.

2^a) O *corpo*, envoltório material, que coloca o espírito em relação com o mundo exterior.

3^a) O *perispirito*, envoltório fluídico, leve, imponderável, que serve de laço e de intermediário entre o espírito e o corpo.

11. Quando o envoltório exterior está usado e não pode mais funcionar, ele perece e o espírito se despoja dele, como o fruto se despoja da sua semente, a árvore, da sua casca, a serpente, da sua pele, em uma palavra, como se deixa uma velha roupa que não serve mais, é o que se denomina *morte*.

12. A morte não é nada mais que a destruição do envoltório material; a alma abandona esse envoltório, como a borboleta deixa a crisálida, mas conserva o seu corpo fluídico ou *perispirito*.

13. A morte do corpo desembaraça o espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer, e, uma vez livre desse fardo, ele só tem o seu corpo etéreo, que lhe permite percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento.

14. A união da *alma*, do *perispirito* e do *corpo material* constitui o *homem*; a *alma* e o *perispirito*, separados do corpo, constituem o ser chamado *espírito*.

Observação. A alma é assim um ser simples; o espírito, um ser duplo e o homem, um ser triplô. Seria, então, mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e a palavra espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico. Mas, como não se pode conceber o princípio inteligente isolado de toda matéria, nem o perispirito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e espírito são, na prática, empregadas indiferentemente uma pela outra; é a figura que consiste em se tomar a parte pelo todo, da mesma forma que se diz que uma cidade é povoada de tantas almas, uma vila povoada de tantas famílias; porém, filosoficamente, é essencial fazer-se a diferença.

15. Revestidos de corpos materiais, os espíritos constituem a humanidade ou mundo corporal visível; despojados desses corpos, constituem o mundo espiritual ou mundo invisível; povoam o espaço e no meio deles vivemos, sem nos darmos conta, da mesma forma que vivemos no meio do mundo dos infinitamente pequenos dos quais sequer suspeitávamos antes da invenção do microscópio.

16. Os espíritos, portanto, não são seres abstratos, vagos e indefinidos, mas seres concretos e circunscritos, aos quais só falta serem visíveis para se assemelharem aos humanos, de onde se conclui que eles formariam para nós toda uma população circunvizinha se, em determinado momento, o véu que os oculta da nossa visão pudesse ser levantado.

17. Os espíritos têm todas as percepções que tinham sobre a Terra, porém, em um grau mais elevado, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela

matéria; eles têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e percebem coisas que nossos sentidos limitados não nos permitem ver ou perceber. Para eles não há obscuridade, salvo para aqueles cuja punição é estar temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos repercutem neles, que podem lê-los como em um livro aberto, de maneira que o que podemos esconder de uma pessoa durante sua vida, não podemos mais fazê-lo desde que é espírito. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 237).

18. Os espíritos estão em toda a parte, estão entre nós, ao nosso lado, em contato conosco e nos observando incessantemente. Pela sua presença constante junto a nós, os espíritos são os agentes de diversos fenômenos; eles desempenham um papel importante no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico; eles constituem, assim, uma das forças da natureza.

19. Desde que se admita a sobrevivência da alma ou do espírito, é racional que se admita a sobrevivência das afeições, sem isso as almas dos nossos parentes e dos nossos amigos estariam para sempre perdidas para nós.

Visto que os espíritos podem ir a toda parte, é igualmente racional admitir-se que aqueles que nos amaram durante sua vida terrestre, nos amem ainda após a morte, que eles venham junto a nós, que desejem se comunicar conosco, e que se sirvam para isso dos meios que têm à sua disposição; é o que a experiência confirma.

Efetivamente, a experiência prova que os espíritos conservam as afeições sérias que tinham na Terra, sentem satisfação em vir junto daqueles que amaram, principalmente quando atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes são dirigidos, enquanto que ficam indiferentes com aqueles que têm por eles apenas indiferença.

20. O Espiritismo tem por objetivo a constatação e o estudo da manifestação dos espíritos, de suas faculdades, da situação feliz ou infeliz em que se encontram e do seu futuro, em uma palavra, o conhecimento do mundo espiritual. Essas manifestações sendo evidenciadas têm como resultado a prova irrecusável da existência da alma, da sua sobrevivência ao corpo, da sua individualidade após a morte, isto é, da vida futura, sendo, por isso mesmo, a negação das doutrinas materialistas, não mais pelo raciocínio, mas por fatos.

21. Uma idéia quase geral entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo, é acreditar que os espíritos, só porque estão livres da matéria, devem saber tudo e possuírem a suprema sabedoria. Essa maneira de pensar é um erro grave. Os espíritos, que são simplesmente as almas dos homens, não adquirem a perfeição pelo fato de deixarem o seu envoltório terrestre.

O progresso do espírito só se realiza com o tempo, é aos poucos que ele vai se libertando das suas imperfeições e adquirindo os conhecimentos que lhe faltam. Seria tão ilógico admitir que o espírito de um selvagem de repente se tornasse sábio, ou o de um criminoso se tornasse virtuoso, quanto seria contrário à justiça de Deus pensar que eles permaneceriam eternamente na sua inferioridade.

Como existem pessoas de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de maldade, o mesmo ocorre com os espíritos. Alguns são apenas levianos e arteiros, outros são mentirosos, traiçoeiros, hipócritas, maus e vingativos; porém, existem aqueles que, contrariamente, possuem as virtudes mais sublimes e um grau de sabedoria que é desconhecido na Terra.

Essa diversidade na qualidade dos espíritos é um dos pontos mais importantes a se considerar, visto que ela explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem; é em distinguir umas das outras que, acima de tudo, precisamos nos interessar. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 100, “Escala Espírita”; *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV).

Comunicações com o Mundo Invisível

22. Admitindo-se a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, o Espiritismo se reduz a uma única questão principal: *as comunicações entre as almas e as pessoas vivas são possíveis?* Essa possibilidade é um resultado da experiência. Uma vez que o fato das relações entre o mundo visível e o mundo invisível foi estabelecido, e que a natureza, a causa e o método dessas relações foram conhecidos, um novo campo foi aberto à observação e encontrou-se a solução para um grande número de problemas, ao mesmo tempo em que ele é um elemento moralizador poderoso por fazer desaparecer a dúvida sobre o futuro.

23. O que lança a dúvida no pensamento de muitas pessoas sobre a possibilidade das comunicações de além-túmulo, é a falsa idéia que se faz do estado da alma após a morte. Geralmente ela é figurada como um sopro, uma fumaça, uma coisa vaga, apenas perceptível pelo pensamento, que se evapora e que vai não se sabe para onde, mas tão longe que é difícil compreender que ela possa voltar à Terra. Se, ao contrário, ela for considerada na sua união com um corpo fluídico, semimaterial, com o qual forma um ser concreto e individual, suas relações com os vivos não têm nada de incompatível com a razão.

24. O mundo visível vivendo no meio do mundo invisível, com o qual está em contato perpétuo, tem como conseqüência lógica que um reage incessantemente sobre o outro; que desde que há homens, há espíritos, e que se os espíritos têm o poder de se manifestar, isso deve ter acontecido em todas as épocas e entre todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos espíritos tomaram um grande desenvolvimento e adquiriram maior característica de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr um fim ao flagelo da incredulidade e do materialismo por meio de provas evidentes, permitindo àqueles que deixaram a Terra virem demonstrar a sua existência e nos revelar sua situação feliz ou infeliz.

25. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível podem ser ocultas ou evidentes, espontâneas ou provocadas.

Os espíritos agem sobre os homens de maneira oculta pelos pensamentos que sugerem a eles e por certas influências; e agem de maneira evidente pelos efeitos que impressionam os sentidos.

As manifestações espontâneas têm lugar inesperadamente, de improviso; elas se produzem muitas vezes entre as pessoas mais alheias às idéias espíritas e que, por isso mesmo, não podendo compreendê-las, lhes atribuem causas sobrenaturais. As manifestações que são provocadas ocorrem por intermédio de certas pessoas dotadas, para esse efeito, de faculdades especiais e que são designadas pelo nome de *médiuns*.

26. Os espíritos podem se manifestar de muitas maneiras diferentes: pela visão, pela audição, pelo tato, por ruídos, movimento de corpos, escrita, desenho, música, etc.

27. Algumas vezes os espíritos se manifestam, espontaneamente, por ruídos e batidas; é um meio empregado freqüentemente para demonstrar a sua presença e chamar a atenção sobre eles, exatamente como quando uma pessoa bate a uma porta para advertir que há alguém. Existem aqueles que não se limitam a ruídos moderados, que chegam até a fazer barulho semelhante ao da louça que se quebra, ao de portas que se abrem e se fecham ou de móveis derrubados; alguns chegam mesmo a causar uma perturbação real e verdadeiros estragos. (Ver *Revista Espírita*, 1858: “O Espírito batedor de Bergzabern”, pp. 125, 153 e 184; idem: “O Espírito batedor de Dibbelsdorf”, p. 219. *Revista Espírita*, 1860: “O padeiro de Dieppe”, p. 76; idem: “O fabricante de São Petersburgo”, p. 115; idem: “O trapeiro da Rua des Noyers”, p. 236.)

28. O perispírito, ainda que invisível para nós no estado normal, não deixa de ser um tipo de matéria.⁶³ O espírito pode, em certos casos, fazer com que ele sofra uma espécie de modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário do que o do vapor que é invisível quando está rarefeito e que se torna visível quando está condensado.

Os espíritos que se tornam visíveis quase sempre se apresentam sob a aparência que tinham quando viviam na Terra o que pode permitir que sejam reconhecidos.

29. A visão permanente e geral dos espíritos é muito rara, mas as aparições isoladas são bastante freqüentes, principalmente no momento da morte. O espírito liberto parece se apressar em ir rever seus parentes e seus amigos, como para avisá-los que acabou de deixar a Terra e lhes dizer que ainda vive.

Se cada um de nós juntar suas lembranças, verá quantos fatos autênticos desse gênero, dos quais não se havia apercebido, aconteceram não somente à noite, durante o sono, mas em pleno dia e no mais completo estado de vigília. Antigamente, esses fatos eram encarados como sobrenaturais e maravilhosos, sendo atribuídos à magia e à bruxaria; atualmente os incrédulos os atribuem à imaginação, porém, depois que a ciência espírita possibilitou a sua explicação, sabe-se como se produzem e também que eles não se afastam da ordem dos fenômenos naturais.

⁶³ Para maior compreensão ver em *A Gênese*, cap. XIV, item 5. (N.T.)

30. Com a ajuda do seu perispírito é que o espírito agia sobre seu corpo carnal, é ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta atuando sobre a matéria inerte; que produz os ruídos, os movimentos das mesas e de outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente se considerarmos que, entre nós, as mais possantes forças motrizes se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda do seu perispírito que o espírito faz o médium escrever, falar ou desenhar. Não tendo corpo tangível para agir ostensivamente, quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos utiliza, fazendo-os agir como se fosse o seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluidico que derrama sobre ele.

31. No fenômeno designado pelo nome de *mesas girantes*, ou *mesas falantes*, é pelo mesmo meio que o espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la mover sem um significado determinado, seja para fazê-la dar batidas inteligentes indicando as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno designado pelo nome de *tiptologia*. A mesa é, neste caso, apenas um instrumento do qual o espírito se serve, como faz com o lápis para escrever, ele lhe dá uma vitalidade momentânea pelo fluido com que a penetra, mas *não se identifica com ela*.

As pessoas que, na sua emoção, ao verem se manifestar um ente querido, abraçam a mesa, fazem um ato ridículo, já que é exatamente como se elas abraçassem o bastão que um amigo utilizasse para dar batidas. O mesmo ocorre quando as pessoas dirigem a palavra à mesa, como se o espírito estivesse encerrado dentro da madeira, ou como se a madeira tivesse se tornado espírito.

Quando as comunicações se realizam dessa forma, é preciso considerar o espírito ao lado da mesa, não na mesa, *tal como ele era em vida*, e como seria visto se, nesse momento, pudesse tornar-se visível. O mesmo ocorre nas comunicações pela escrita, o espírito seria visto ao lado do médium, dirigindo sua mão, ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluidica.

No momento em que a mesa se afasta do solo e flutua no espaço sem um ponto de apoio, o espírito não a levanta com a força do seu braço, ele a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera fluidica que neutraliza o efeito da gravidade, como o ar faz com os balões e os papagaios de papel. O fluido que penetra a mesa dá a ela, momentaneamente, uma leveza específica maior. Quando a mesa está fixa no solo, ela se encontra em um caso análogo ao da campânula pneumática na qual se faz o vácuo.

Se a mesa perseguir alguém, não é o espírito que corre, porquanto ele pode ficar tranqüilamente no mesmo lugar, enquanto dá à mesa um impulso por uma corrente fluidica com a ajuda da qual ele a faz mover à sua vontade. Quando as batidas se fazem ouvir na mesa, ou em outro lugar, o espírito não bate nem com sua mão nem com qualquer objeto, ele apenas dirige, sobre o ponto de onde parte o ruído, um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

Compreende-se, depois disso, que não é mais difícil para o espírito *erguer uma pessoa* do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um lado para o outro ou jogá-lo em qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei.

32. Por essas poucas palavras, pode-se ver que as manifestações, de qualquer natureza que sejam, não têm nada de sobrenatural nem de maravilhoso. São fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo visível com o mundo invisível, lei também tão natural quanto as leis da eletricidade, da gravitação, etc. O Espiritismo é a ciência que nos fez conhecer essa lei, como a Mecânica nos fez conhecer a lei do movimento e a Óptica a da luz.

As manifestações espíritas, fazendo parte da Natureza, sempre se produziram, em todas as épocas; e a lei que as rege, ao ser conhecida, nos deu a explicação para uma série de problemas considerados como insolúveis. Ela é a chave de uma imensa quantidade de fenômenos explorados e ampliados pela superstição.

33. O maravilhoso sendo completamente afastado, esses fenômenos não têm mais nada que repugne à razão, já que eles tomam lugar ao lado de outros fenômenos naturais. Todos os efeitos, dos quais não se sabia a causa, eram considerados sobrenaturais nos tempos de ignorância. As descobertas da Ciência foram, sucessivamente, restringindo o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei veio reduzi-lo a nada. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso provam, por isso mesmo, que falam de um assunto que não conhecem.

34. As manifestações dos espíritos são de duas naturezas: *os efeitos físicos* e *as comunicações inteligentes*.

Os efeitos físicos são os fenômenos materiais e ostensivos, tais como os movimentos, os ruídos, os transportes de objetos, etc. *As comunicações inteligentes* consistem na troca regular de pensamentos com a ajuda de sinais, da palavra e, principalmente, da escrita.

35. As comunicações que se recebem dos espíritos podem ser boas ou más, legítimas ou falsas, profundas ou levianas, de acordo com a natureza dos espíritos que se manifestam. Aqueles que mostram ter sabedoria e muitos conhecimentos são espíritos avançados que progrediram; aqueles que dão provas de ignorância e de más qualidades são espíritos ainda atrasados, nos quais o progresso, com o tempo, há de se fazer.

Os espíritos só podem responder sobre o que sabem, segundo seu adiantamento, e ainda sobre o que lhes é permitido falar, visto que há coisas que eles não devem revelar, porque ainda não foi dado aos homens tudo conhecerem.

36. Da diversidade nas qualidades e nas aptidões dos espíritos, resulta que não basta nos dirigirmos a um espírito qualquer para obter uma resposta correta para todas as questões, porque, sobre muitos assuntos, ele só pode dar a sua opinião pessoal, que será legítima ou mentirosa. Se é sensato, confessará sua ignorância sobre o que não sabe; se é leviano ou mentiroso, responderá sobre tudo sem se importar com a verdade; se é orgulhoso, dará a sua idéia como uma verdade absoluta. É por isso que João Evangelista disse: "*Não acrediteis em todos os espíritos, mas*

verificai se os espíritos são de Deus.” A experiência prova a sabedoria desse conselho, haveria, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que vem dos espíritos. Eis por que é essencial que se esteja informado sobre a natureza daqueles com os quais se tem relação. (*O Livro dos Médiuns*, item 267).

37. Reconhece-se a qualidade dos espíritos pela sua linguagem. A dos espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradição; demonstra sabedoria, benevolência, modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Entre os espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio das idéias é quase sempre compensado pela abundância das palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à *sã moral*, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim todo sinal de malevolência, de presunção ou de arrogância são indícios incontestáveis de inferioridade nos espíritos.

38. Os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, seu horizonte moral é limitado, sua perspicácia é restrita. Eles têm uma idéia muitas vezes falsa e incompleta das coisas e, além disso, ainda estão sob o domínio dos preconceitos terrestres que tomam, algumas vezes, como verdades, é por isso que são incapazes de resolver certas questões. Eles podem nos induzir ao erro, voluntária ou involuntariamente, sobre assuntos que eles mesmos não compreendem.

39. Os espíritos inferiores não são, todos eles, essencialmente maus por isso; há alguns que são ignorantes e levianos; outros são pilhéricos, espirituosos e divertidos e sabem manejar a zombaria fina e mordaz. Ao lado disso, encontram-se no mundo dos espíritos, como na Terra, todos os gêneros de perversidade e todos os graus de superioridade intelectual e moral.

40. Os espíritos superiores só se ocupam de comunicações inteligentes tendo em vista a nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais estão mais especialmente nas atribuições dos espíritos inferiores, vulgarmente designados pelo nome de *espíritos batedores*, como, entre nós, as ações que exigem força ou habilidade são realizadas por saltimbancos e não pelos sábios.

41. As comunicações com os espíritos devem ser feitas sempre com calma e recolhimento; não se pode jamais perder de vista que os espíritos são as almas dos homens e que seria inconveniente fazer dessas comunicações um passatempo ou um motivo de zombaria. Se devemos respeito aos despojos mortais, devemos muito mais ainda aos espíritos. Portanto, as reuniões frívolas e levianas faltam a um dever, e aqueles que fazem parte delas deveriam pensar que, de um momento para o outro, podem entrar no mundo dos espíritos e que estes não veriam com prazer alguém tratá-los com tão pouca deferência.

42. Um outro ponto igualmente essencial a considerar é que os espíritos são livres, comunicam-se quando querem, com quem lhes convém, e também quando podem, visto que têm as suas ocupações. Eles não estão às ordens nem ao capricho de quem quer que seja, e ninguém tem o poder de fazê-los vir contra a vontade

deles nem de obrigá-los a dizer o que querem calar, portanto pessoa alguma pode afirmar que um espírito qualquer atenderá ao seu apelo em um momento determinado, ou responderá a esta ou aquela questão. Dizer o contrário é provar a ignorância absoluta dos princípios mais elementares do Espiritismo. *Só o charlatanismo tem princípios infalíveis.*

43. Os espíritos são atraídos pela simpatia, pela semelhança de gostos e de caráter e pela intenção que faz desejar a sua presença. Os espíritos superiores não vão a reuniões fúteis, da mesma forma que um sábio da Terra não iria a uma assembléia de jovens levianos. O simples bom senso diz que não pode ser diferente, se eles, por vezes, comparecem a uma dessas reuniões é para dar um conselho salutar, combater os vícios, procurar reconduzir ao bom caminho, se não são ouvidos, retiram-se.

Seria uma idéia completamente falsa, acreditar que os espíritos sérios possam sentir algum prazer em responder a futilidades, a questões ociosas que não provam acatamento nem respeito por eles, nem o desejo real de se instruir, ainda menos acreditar que eles possam vir participar de espetáculo para o divertimento de curiosos. Eles não o fariam quando vivos e não podem fazê-lo após a morte.

44. A frivolidade das reuniões tem como conseqüência atrair os espíritos levianos que só procuram ocasiões para enganar e mistificar. Pela mesma razão que os homens graves e sérios não vão a reuniões levianas, os espíritos sérios só vão a reuniões sérias cuja finalidade é a instrução e não a curiosidade, é em reuniões desse gênero que os espíritos superiores se regozijam em dar os seus ensinamentos.

45. Do que acabamos de falar, resulta que toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e reservada; nela tudo deve acontecer respeitosamente, religiosamente, e com dignidade, se desejamos obter a participação habitual dos bons espíritos. É preciso não esquecer que se esses mesmos espíritos ali tivessem se apresentado quando estavam encarnados, ter-se-ia com eles a atenção e o respeito aos quais eles têm ainda mais direito após a sua morte.

46. Alega-se, inutilmente, a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas para convencer os incrédulos, porquanto chega-se a um resultado totalmente oposto. O incrédulo, que já é inclinado a zombar das crenças mais sagradas, não pode ver um assunto sério naquilo de que se faz uma brincadeira; ele não pode ser levado a respeitar o que não lhe é apresentado de uma maneira respeitável; assim, das reuniões fúteis e levianas, daquelas onde não há nem ordem, nem gravidade, nem recolhimento, ele sempre leva uma impressão má.

O que pode convencê-lo mais facilmente é a prova da presença de seres cuja memória lhe é querida, é diante de suas palavras, graves e solenes, diante das revelações íntimas, que o vemos emocionar-se e empalidecer. Porém, justamente pelo fato de ter mais respeito, veneração e amor pela pessoa cuja alma se apresenta a ele, sente-se chocado, escandalizado ao vê-la chegar em uma assembléia irreverente, em meio a mesas que dançam e pantomimas de espíritos levianos. Como todo o incrédulo, sua consciência não aceita essa aliança do sério com o frívolo, do religioso com o profano, e, por essa razão, classifica tudo de charlatanismo e sai muito menos convencido do que quando entrou.

As reuniões dessa natureza sempre fazem mais mal do que bem, porque o número de pessoas que elas afastam da Doutrina é maior que o que atraem, sem contar que se deixam atacar pela crítica dos detratores que nelas encontram fundados motivos de zombaria.

47. É um erro se considerarem as manifestações físicas como um passatempo; se elas não têm a importância do ensino filosófico, têm a sua utilidade sob o ponto de vista dos fenômenos, já que são o alfabeto da ciência, da qual deram a chave. Se bem que menos necessárias hoje em dia, as manifestações físicas ainda ajudam na persuasão de certas pessoas e não excluem, de maneira alguma, a ordem e a correção de comportamento nas reuniões em que se realizam. Se elas sempre fossem praticadas de um modo conveniente, convenceriam mais facilmente e produziriam, sob todos os aspectos, melhores resultados.

48. Algumas pessoas fazem uma idéia muito falsa das evocações; há as que acreditam que elas consistem em fazer aparecer os mortos com todo o aparato lúgubre do túmulo. O pouco que nós temos falado a esse respeito deve desfazer esse erro. É apenas nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro que se vêem os mortos descarnados saírem de seus sepulcros, ridiculamente vestidos com suas mortalhas, fazendo bater seus ossos.

O Espiritismo, que nunca fez milagres, não realizou esse, e jamais fez reviver um corpo morto. Quando um corpo está no túmulo, ali está definitivamente, mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi posto ali com o seu envoltório grosseiro, separou-se dele no momento da morte, e, uma vez concretizada a separação, esse ser espiritual não tem mais nada em comum com o corpo carnal.

49. A crítica mal-intencionada, com satisfação, apresentou as comunicações espíritas como se elas se realizassem cercadas de práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia.⁶⁴ Se aqueles que falam do Espiritismo, sem conhecê-lo, tivessem o cuidado de estudar o assunto de que desejam falar, se teriam poupado dos esforços da imaginação ou das alegações que servem apenas para provar sua ignorância e sua má vontade.

Para o conhecimento das pessoas estranhas à Doutrina, nós afirmamos que não há dias, horas ou lugares que sejam mais propícios que outros para se entrar em comunicação com os espíritos; que não é preciso fórmulas, palavras sacramentais ou cabalísticas; que não há necessidade de nenhuma preparação, de nenhuma iniciação; que o emprego de qualquer sinal ou objeto material, seja para atraí-los, seja para repeli-los é sem efeito, porquanto o pensamento é suficiente; afirmamos, por fim, que os médiuns recebem suas comunicações de forma muito simples e natural, como se estivessem sendo ditadas por uma pessoa viva, sem saírem do estado normal. Só o charlatanismo poderia ostentar maneiras excêntricas e usar acessórios ridículos.

⁶⁴ **Necromancia ou nigromancia:** é a arte de invocar os mortos para obter deles o conhecimento do futuro; era muito usada pelos povos antigos, principalmente os gregos, que recorriam às pitonisas, mulheres dotadas do dom da profecia, para fazerem as adivinhações. (N.T.)

O chamamento dos espíritos se faz em nome de Deus, com respeito e recolhimento, é a única coisa que é recomendada às pessoas sérias que querem entrar em contato com espíritos sérios.

Objetivo Providencial das Manifestações Espíritas

50. O objetivo providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que, para o homem, tudo não se acaba com a vida terrestre, e de dar, àqueles que crêem, idéias mais justas sobre o futuro.

Os bons espíritos vêm nos instruir tendo em vista o nosso melhoramento e o nosso progresso, e não para nos revelar o que ainda não devemos saber, ou o que devemos aprender com o nosso esforço. Se fosse suficiente interrogar os espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, todo ignorante poderia se tornar sábio a um preço muito baixo e todo preguiçoso poderia enriquecer sem trabalho; é o que Deus não quer que aconteça.

Os espíritos ajudam o homem de talento pela inspiração oculta, mas não o isentam do trabalho nem das pesquisas a fim de lhe deixar o mérito.

51. Seria fazer uma idéia completamente falsa dos espíritos considerá-los apenas como auxiliares dos leitores da sorte; os espíritos sérios se recusam a tratar de assuntos fúteis. Os levianos e trocistas é que se ocupam de tudo, respondem a todas as perguntas, predizem tudo que se deseje, sem se preocuparem com a verdade, e sentem um prazer maligno em mistificar as pessoas muito crédulas; é por isso que se torna essencial estar perfeitamente seguro da natureza das questões que se podem dirigir aos espíritos. (*O Livro dos Médiuns*, item nº 286, "Questões que se podem dirigir aos espíritos")

52. Com exceção do que pode ajudar o progresso moral, só há incerteza nas revelações que se conseguem obter dos espíritos. A primeira consequência desagradável, para aquele que desvia a sua faculdade do objetivo providencial, é ser mistificado pelos espíritos embusteiros que existem em grande número ao nosso redor; a segunda é cair sob o domínio desses mesmos espíritos que podem, com conselhos desleais, conduzi-lo a infortúnios reais e materiais na Terra; a terceira é perder, após a vida terrestre, o fruto do conhecimento do Espiritismo.

53. As manifestações, portanto, não estão destinadas a servir aos interesses materiais, sua utilidade está nas consequências morais que delas decorrem; porém, se elas só tivessem como resultado fazer conhecer uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, isso já significaria muito, pois que seria um novo e amplo caminho aberto à Filosofia.

Dos Médiuns

54. Os médiuns apresentam numerosas variedades nas suas aptidões, o que os torna mais ou menos próprios para a realização deste ou daquele fenômeno,

deste ou daquele gênero de comunicação. Segundo as aptidões que possuem, eles se classificam em *médiuns de efeitos físicos, de comunicações inteligentes, videntes, falantes, auditivos, sensitivos, desenhistas, políglotas, poetas, músicos, escreventes*, etc., não se podendo esperar de um médium o que está fora das suas faculdades.

Sem o conhecimento das aptidões mediúnicas, o observador não pode achar a solução de certas dificuldades, ou de certas impossibilidades que se encontram na prática. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XVI, item nº 185).

55. Os médiuns de efeitos físicos são mais particularmente aptos a provocar fenômenos materiais como movimentos, batidas, etc., com a ajuda de mesas e de outros objetos. Quando esses fenômenos demonstram um pensamento, ou obedecem a uma vontade, são de efeitos inteligentes que, por isso mesmo, indicam uma causa inteligente, é uma forma de os espíritos se manifestarem. Por meio de um número determinado de batidas se obtêm as respostas *sim* e *não*, ou a indicação das letras do alfabeto destinadas a formar palavras ou frases. Esse meio primitivo é muito vagaroso e não é próprio para grandes desenvolvimentos.

As mesas falantes foram o começo da ciência espírita; hoje, que se possuem meios de comunicação tão rápidos e tão perfeitos quanto entre os vivos, elas só são utilizadas acidentalmente e como experimentação.

56. De todos os meios de comunicação, a escrita é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais rápido, o mais cômodo e aquele que permite um maior desenvolvimento; é, também, a faculdade que se encontra mais freqüentemente entre os médiuns.

57. Para obter a escrita, inicialmente se utilizaram de intermediários materiais como cestas, pranchetas, etc., providas de um lápis. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XIII, item nº 125 e seguintes.) Mais tarde foi reconhecida a inutilidade desses acessórios e a possibilidade de os médiuns escreverem diretamente com a mão, como o fariam em circunstâncias normais.

58. Os médiuns escrevem sob a influência dos espíritos que se servem deles como de um instrumento; sua mão é tomada por um movimento involuntário que, na maioria das vezes, não podem conter. Certos médiuns não têm nenhuma consciência do que escrevem; outros têm uma consciência mais ou menos vaga, ainda que o pensamento lhe seja estranho, é isso que distingue o *médium mecânico* do *médium intuitivo* ou *semimecânico*.

A ciência espírita explica o modo de transmissão do pensamento do espírito ao médium, e o papel deste último nas comunicações. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XV, nº 179 e seguintes; capítulo XIX, item nº 223 e seguintes.)

59. O médium possui a faculdade de comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos espíritos, se eles não quiserem se manifestar, o médium não obtém nada, é como um instrumento sem o músico.

Os espíritos só se comunicam quando querem, ou podem, e não estão ao capricho de ninguém; *nenhum médium tem o poder de fazê-los vir de acordo com a sua*

vontade e contra o desejo do próprio espírito. Isso explica a suspensão momentânea da faculdade entre os melhores médiuns, e a interrupção que eles sofrem às vezes durante vários meses. Portanto, seria um erro associar a mediunidade a um *talento*. O talento se adquire pelo trabalho, aquele que o possui, sempre é dono dele, mas o médium jamais é dono de sua faculdade, já que ela depende de uma vontade independente da sua.

60. Os médiuns de efeitos físicos que obtêm regularmente e à vontade a produção de certos fenômenos, admitindo-se que eles não sejam o resultado de pres-tidigitação, estão em relação com espíritos de baixa categoria que sentem prazer nesse tipo de exibição, e que talvez tenham trabalhado nela quando vivos na terra. Seria absurdo, porém, pensar que espíritos, mesmo que sejam pouco elevados, se divirtam ao fazer essa exibição. (Ver as páginas 96/97.)

61. A obscuridade necessária para a produção de certos *efeitos físicos* sem dúvida presta-se à suspeita, mas nada prova contra a realidade. Sabe-se que em Química existem combinações que não podem se realizar sob a luz; que composições e decomposições têm lugar sob a ação do fluido luminoso, ora, todos os fenômenos espíritas são o resultado da combinação dos fluidos próprios do espírito e do médium; como esses fluidos são da matéria, não há nada de espantoso em que, em certos casos, o fluido luminoso seja contrário a essa combinação.

62. As comunicações inteligentes ocorrem igualmente pela ação fluidica do espírito sobre o médium, sendo necessário para que o fenômeno aconteça, que o fluido do médium se identifique com o do espírito. A facilidade das comunicações depende do *grau de afinidade* que existe entre os dois fluidos. Assim, cada médium, é mais ou menos apto a receber a *impressão* ou *impulsão* do pensamento deste ou daquele espírito, ele pode ser um bom instrumento para um espírito e um mau instrumento para um outro. Em conseqüência disso, um espírito, que tenha dois médiuns igualmente bem dotados, um ao lado do outro, poderá se manifestar por um e não pelo outro.

63. É, pois, um erro acreditar que é suficiente ser médium para receber, com igual facilidade, as comunicações de qualquer espírito. Não existem mais médiuns universais para as evocações, do que com aptidão para produzir todos os fenômenos. Os espíritos procuram, de preferência, os instrumentos que vibrem com eles no mesmo tom; impor aos espíritos o primeiro médium que apareça, seria o mesmo que impor a um pianista que tocasse violino porque, sabendo música, ele deve poder tocar todos os instrumentos.

64. Sem a harmonia, a única que pode motivar a assimilação fluidica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas. Elas podem ser falsas porque, na falta do espírito desejado, não faltam outros, prontos a aproveitar a ocasião, para se manifestarem, e que se importam muito pouco em dizer a verdade.

65. A assimilação fluidica é, algumas vezes, totalmente impossível entre certos espíritos e certos médiuns; de outras vezes, e é o caso mais comum, ela só se estabelece gradualmente, com o passar do tempo, é o que explica por que os espíritos

que têm o hábito de se manifestarem por um determinado médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras manifestações atestam, quase sempre, uma certa dificuldade e são menos explícitas.

66. A assimilação fluidica é tão necessária nas comunicações pela *tiptologia* como pela escrita, visto que, em ambos os casos, trata-se da transmissão do pensamento do espírito qualquer que seja o meio material empregado.

67. Não se podendo impor um médium ao espírito que se quer evocar, convém deixar que ele escolha o seu instrumento. Em todos os casos, é necessário que o médium se identifique previamente com o espírito pelo recolhimento e pela prece, pelo menos durante alguns minutos, e mesmo alguns dias antes, se isso for possível, de maneira a provocar e a ativar a assimilação fluidica. É o meio de atenuar a dificuldade.

68. Quando as condições fluidicas não são propícias à comunicação direta do espírito com o médium, ela pode ser feita por intermédio do guia espiritual do médium; nesse caso o pensamento chega de segunda mão, isto é, após haver atravessado dois meios. Compreende-se então quanto é importante que o médium seja bem assistido, porque se ele o for por um espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será necessariamente alterada.

Aqui as qualidades pessoais do médium desempenham, forçosamente, um papel importante, pela natureza dos espíritos que ele atrai para si. Os mais indignos médiuns podem ter faculdades poderosas, porém os mais seguros são aqueles que, a esse poder, acrescentam as melhores simpatias no mundo espiritual; ora essas simpatias *não são, de forma alguma, garantidas pelos nomes* mais ou menos importantes dos espíritos, ou os que eles tomam quando assinam as comunicações, mas pela *natureza constantemente boa das comunicações* que se recebe deles.

69. Qualquer que seja o modo de comunicação, a prática do Espiritismo apresenta numerosas dificuldades, sob o ponto de vista experimental, e não é isenta de inconvenientes para todo aquele que não possua a experiência necessária.

Que alguém experimente por si mesmo, ou que seja um simples observador, o essencial é saber distinguir as diferentes espécies de espíritos que podem se manifestar, conhecer a causa de todos os fenômenos, as condições nas quais eles podem se produzir, os obstáculos que podem se opor a eles, a fim de não pedir o impossível. É necessário também conhecer todas as condições e todas as dificuldades da mediunidade, a influência do meio, das disposições morais, etc. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª parte.)

As Dificuldades dos Médiuns

70. Uma das maiores dificuldades na mediunidade é a *obsessão*, isto é, o domínio que certos espíritos podem exercer sobre os médiuns, impondo-se a eles sob nomes apócrifos e impedindo-os de se comunicarem com outros espíritos. Ela é, ao mesmo tempo, um perigo para o observador iniciante e inexperiente que, não conhecendo as características desse fenômeno, pode ser ludibriado pelas aparências;

como aquele que, não conhecendo a Medicina pode se enganar quanto à causa e à natureza de um mal.

Se o estudo prévio, nesse caso, é útil para o observador, ele é indispensável para o médium a quem fornece os meios de prevenir um inconveniente que poderia trazer-lhe conseqüências deploráveis; eis por que nunca será suficiente toda a recomendação que fizermos para que se estude antes de se entrar na prática do Espiritismo. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIII.)

71. A obsessão apresenta três graus principais bem caracterizados: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

Na *obsessão simples* o médium tem perfeita consciência de que não obtém nada de bom e não tem nenhuma ilusão quanto à natureza do espírito que se obstina em se manifestar por ele e do qual tem o desejo de se desembaraçar. Esse caso não oferece nenhuma gravidade, é um simples desgosto do qual o médium se livra ao deixar momentaneamente de escrever. O espírito, deixando de ser ouvido, acaba se retirando.

A *fascinação obsessiva* é muito mais grave, nela o médium é completamente iludido. O espírito que o domina se apodera da sua confiança a ponto de paralisar a sua capacidade de julgar, de prestar atenção às comunicações, e de fazê-lo achar sublimes as coisas mais absurdas.

A característica que distingue esse gênero de obsessão é provocar no médium uma excessiva suscetibilidade; é levá-lo a só achar bom, justo e verdadeiro o que ele escreve; a repelir, e mesmo considerar como mau, todo conselho e toda observação crítica; a preferir romper com seus amigos do que se convencer de que está sendo enganado; a sentir inveja contra os outros médiuns, cujas comunicações são julgadas melhores que as suas; a querer se impor nas reuniões espíritas das quais se afasta quando ali não pode dominar. Finalmente, chega a ficar de tal forma dominado que o espírito pode levá-lo às atitudes mais ridículas e às mais comprometedoras.

72. Uma das características que distinguem os maus espíritos é a de quererem se impor; eles dão ordens e querem ser obedecidos; os bons jamais se impõem, eles dão conselhos e, se não os escutam, se retiram. Daí resulta que a impressão causada pelos maus espíritos é sempre penosa, fatigante e produz uma espécie de mal-estar; muitas vezes ela provoca uma agitação febril, movimentos bruscos e desordenados. A impressão causada pelos bons espíritos, ao contrário, é calma, suave e proporciona um verdadeiro bem-estar.

73. A *subjugação obsessiva*, designada anteriormente pelo nome de *possessão* é um constrangimento físico, sempre exercido pelos espíritos da pior espécie, e que pode ir até à neutralização do livre-arbítrio. Ela se limita, freqüentemente, a simples impressões desagradáveis, mas, algumas vezes, provoca movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras incoerentes ou injuriosas dos quais, muitas vezes, aquele que é subjugado compreende todo o ridículo a que se expõe, mas dele não se pode resguardar. Esse estado difere essencialmente da *loucura*

patológica com a qual erradamente o confundem, porquanto, na *possessão*, não há nenhuma lesão orgânica; a causa sendo diferente, os meios curativos também devem ser diferentes. Ao se aplicar o processo comum das duchas⁶⁵ e tratamentos corporais chega-se, muitas vezes, a ocasionar uma verdadeira loucura onde só havia uma causa moral.

74. Na loucura propriamente dita, a causa do mal é interior, é preciso procurar restituir o organismo ao seu estado normal; na subjugação, a causa do mal é exterior, é preciso livrar o doente de um inimigo invisível enfrentando-o, não com remédios, mas com *uma força moral superior a dele*. A experiência prova que em casos semelhantes os exorcismos⁶⁶ jamais produziram algum resultado satisfatório, ao contrário de melhorarem, eles agravaram a situação. Somente o Espiritismo, indicando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combatê-lo. É preciso, de qualquer maneira, fazer a educação moral do espírito obsessor; por conselhos sabiamente dirigidos chega-se a torná-lo melhor e a fazê-lo deixar, voluntariamente, de atormentar o doente que, então, fica livre. (*O Livro dos Médiuns*, item nº 279; *Revista Espírita*, fevereiro, março e junho de 1864. “A jovem obsidiada de Marmande.”)

75. A subjugação obsessiva é mais comum na forma individual, mas quando um bando de maus espíritos se precipita sobre uma população, a subjugação pode ter caráter epidêmico. Foi um fenômeno desse gênero que ocorreu no tempo de Cristo;⁶⁷ somente uma poderosa superioridade moral poderia domar esses seres malfazejos, designados então sob o nome de *demônios*, e devolver a calma às suas vítimas.⁶⁸

76. Um fato importante a considerar é que a obsessão, de qualquer natureza que ela seja, é independente da mediunidade, e é encontrada em todos os graus, principalmente do último, entre um grande número de pessoas que jamais ouviram falar de Espiritismo. Realmente, como os espíritos existiram em todos os tempos, puderam, em todos os tempos, exercer a mesma influência; a mediunidade não é uma causa, é apenas uma forma de manifestação dessa influência, de onde pode-se dizer, com certeza, que todo médium obsidiado sofre de uma maneira qualquer, e freqüentemente nos atos mais comuns da vida, os efeitos dessa influência; que

⁶⁵ **Duchas:** jatos de água que se arremessavam sobre os corpos dos alienados com fins terapêuticos. Por oportuno lembramos que se deve a Philippe Pinel, médico francês (1745-1826), a substituição da violência, até então usada no tratamento dos alienados, pela brandura. (N.T.)

⁶⁶ **Exorcismo:** cerimônia religiosa com que se pretende afugentar, expulsar o demônio ou os maus espíritos do corpo de alguém. (N.T.)

⁶⁷ Como exemplo de **subjugação** podemos citar o possesso geraseno quando Jesus, dirigindo-se ao obsessor, pergunta: “Como te chamas?” e ele responde: “Chamo-me legião, porquanto somos muitos.” Para maiores detalhes veja-se esta passagem em *Marcos*, V: 1 a 20; *Lucas*, VIII: 26 a 40 e *Mateus*, VIII: 28 a 34, observando-se, porém, que os espíritos não passaram para os corpos dos animais, como afirmam os evangelistas, já que tal fato seria contrário a todas as leis da natureza, eles apenas se fizeram visíveis aos porcos que, assustados, se precipitaram no mar, morrendo afogados. Esse fenômeno não causa admiração pois sabe-se que os espíritos podem ficar visíveis e até tangíveis aos animais. (N.T.)

⁶⁸ Uma epidemia desse tipo, há alguns anos, causou estragos na aldeia de Morzine, na Sabóia, França. Veja-se na *Revista Espírita* de abril e dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863 o artigo “Os possessores de Morzine”. (Nota de Kardec)

sem a mediunidade ela se traduziria por outros efeitos, atribuídos, muitas vezes, a essas doenças misteriosas que se subtraem a todas as investigações da Medicina. Pela mediunidade o ser maléfico mostra a sua presença; sem a mediunidade é um inimigo oculto, do qual não se desconfia.

77. Aqueles que não aceitam nada fora da matéria não podem admitir a causa oculta; porém, quando a Ciência houver saído da rota materialista, reconhecerá, na ação do mundo invisível que nos cerca, e no meio do qual nós vivemos, uma força que atua sobre as coisas físicas do mesmo modo que sobre as morais; será uma nova estrada aberta para o progresso, e a solução para inúmeros fenômenos mal compreendidos.

78. A obsessão jamais poderá ser causada por um bom espírito, assim sendo é essencial saber reconhecer a natureza daqueles que se apresentam. As aparências podem enganar um médium não esclarecido, mas aquele que é prevenido distingue os menores sinais suspeitos e o espírito acaba se retirando quando vê que nada pode fazer.

O conhecimento prévio dos meios para se distinguir os bons dos maus espíritos é, portanto, indispensável ao médium que não deseja se expor a ser vítima de uma cilada, sendo também muito importante para o simples observador que pode, de posse desses conhecimentos, apreciar o valor do que está vendo ou ouvindo. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIV.)

Qualidades dos Médiuns

79. A faculdade mediúnica provém do organismo; ela é independente das qualidades morais do médium e se desenvolve tanto nos mais dignos como nos mais indignos. Entretanto, não acontece o mesmo com a preferência dada ao médium pelos bons espíritos.

80. Os bons espíritos se comunicam mais ou menos por esse ou aquele médium, de acordo com a simpatia que sentem por ele. O que constitui a qualidade de um médium não é a facilidade com que ele obtém as comunicações, mas a sua capacidade em receber as de boa qualidade e não ser um juguete de espíritos levianos e embusteiros.

81. Os médiuns que deixam a desejar sob o ponto de vista moral, de vez em quando recebem comunicações muito boas que só podem vir de bons espíritos. Seria um erro este fato causar admiração porquanto, freqüentemente, isso acontece no interesse do médium e para lhe dar sábios conselhos; se ele não os aproveita, maior será a sua culpa, já que determina a sua própria condenação. Deus, em sua bondade infinita, não pode recusar ajuda àqueles que precisam dela. O missionário virtuoso que vai incutir idéias sadias nos criminosos age da mesma forma que os bons espíritos com os médiuns imperfeitos.

Por outro lado, os bons espíritos, querendo dar um ensinamento útil a todas as pessoas, servem-se do instrumento que tiverem mais à mão, mas o deixam quando encontram um que lhes é mais simpático e que aproveite as suas lições. Os bons

espíritos se retirando, os espíritos inferiores, pouco se importando com as qualidades morais que faltam àqueles médiuns, têm, então, o campo livre.

Daí resulta que os médiuns moralmente imperfeitos, e que não se emendam, cedo ou tarde tornam-se vítimas dos maus espíritos que, freqüentemente, os conduzem à ruína e aos maiores infortúnios mesmo nessa vida. Quanto à sua faculdade, de bela que era, e que assim deveria permanecer, corrompe-se pelo abandono dos bons espíritos e acaba desaparecendo.

82. Os médiuns mais dignos não estão livres das mistificações dos espíritos embusteiros; inicialmente porque não existe uma pessoa bastante perfeita a ponto de não possuir um lado fraco pelo qual os maus espíritos possam ter acesso; em segundo lugar, porque os bons espíritos, algumas vezes, permitem que isso aconteça para que possamos fazer a nossa análise crítica, aprender a discernir a verdade do erro e ficar alerta, a fim de não aceitar nada cegamente e sem controle. Observemos, também, que o embuste jamais vem de um bom espírito e todo nome respeitável que aparece assinando um erro é, necessariamente, apócrifo.

Esse fato ainda pode ser uma prova para a paciência e a perseverança de todo espírito, médium ou não; aquele que se desencorajasse por algumas decepções provaria que os bons espíritos não podem contar com ele.

83. Não é de espantar que se vejam maus espíritos obsidiarem pessoas dignas, quando, na Terra, não nos surpreende ver indivíduos maus se enraivecerem contra homens de bem.

É importante observar que, desde a publicação de *O Livro dos Médiuns*, é muito menor o número de médiuns obsidiados, porque, estando prevenidos, eles ficam vigilantes e consideram com atenção os menores sinais que possam indicar a presença de um espírito embusteiro. A maioria daqueles que são obsidiados não estudaram previamente o assunto ou não aproveitaram os conselhos que foram dados.

84. O que constitui o médium, propriamente dito, é a faculdade; sob esse aspecto ele pode ser mais ou menos formado, mais ou menos desenvolvido. O que constitui o *médium seguro*, aquele que se pode verdadeiramente qualificar de *bom médium*, é a aplicação da faculdade, a capacidade de servir de intérprete aos bons espíritos. Toda faculdade à parte, o poder do médium para atrair os bons espíritos e repelir os maus está relacionado à sua superioridade moral, e esta superioridade é proporcional à soma das qualidades que formam o homem de bem, é daí que ele obtém a simpatia dos bons e exerce ascendência sobre os maus.

85. Pela mesma razão, a soma das imperfeições morais do médium o aproxima da natureza dos maus espíritos e tira-lhe a ascendência necessária para afastá-los; *em vez de o médium se impor aos maus espíritos, são eles que se impõem ao médium*. O que acabamos de dizer não se aplica somente aos médiuns, mas a todas as pessoas, já que não existe ninguém que não receba a influência dos espíritos. (Ver os itens 74 e 75.)

86. Para se imporem ao médium, os maus espíritos sabem explorar habilmente todos os defeitos morais, e aquele que lhes dá maior ensejo para esse procedimen-

to é o *orgulho*, é ele também o sentimento que domina o maior número de *médiuns obsidiados* principalmente os *fascinados*. É o orgulho que os leva a crer na sua infalibilidade, e a repelir todos os conselhos. Esse sentimento é, infelizmente, estimulado pelos elogios que lhe são dirigidos, porquanto, quando têm uma faculdade um pouco transcendente, são muito procurados, adulados e acabam acreditando na sua importância; eles se consideram indispensáveis, e é isso que os perde.

87. Enquanto o *médium imperfeito* se orgulha de nomes ilustres, ordinariamente apócrifos, que assinam as comunicações que recebe, e se considera como intérprete privilegiado das potências celestes, o *bom médium* não se acha jamais digno o bastante de um tal favor, tem sempre uma salutar desconfiança do que obtém no que se refere à qualidade, e não confia em seu próprio julgamento. Não sendo mais que um instrumento passivo, ele compreende que se é bom não pode fazer disso um mérito pessoal, como também não pode ser responsável se for mau, e que seria ridículo defender a identidade absoluta dos espíritos que se manifestam por ele; assim sendo, deixa a questão ser julgada por terceiros, desinteressados, sem que seu amor-próprio venha a sofrer por um julgamento desfavorável, da mesma forma que um ator não é passível de censura imposta à peça que ele interpreta.

Sua característica principal é a simplicidade e a modéstia; sente-se feliz com a faculdade que possui, não por vaidade, mas porque ela lhe oferece um meio de ser útil, o que faz de boa vontade quando a ocasião lhe aparece; porém, sem nunca se ofender se não o colocarem em primeiro lugar.

Os médiuns são os intermediários e os intérpretes dos espíritos, é conveniente, pois, ao evocador, e mesmo ao simples observador, apreciar o mérito do instrumento.

88. A faculdade mediúmica é um dom de Deus, como todas as outras faculdades, que se pode empregar para o bem como para o mal e da qual se pode abusar. Ela tem por objetivo nos colocar em relação direta com as almas daqueles que viveram, a fim de receber seus ensinamentos e nos instruir quanto à vida futura.

Assim como a visão nos põe em relação com o mundo visível, a mediunidade nos põe em relação com o mundo invisível. Aquele que se serve dela com um fim útil, para o seu próprio adiantamento e o dos seus semelhantes, realiza uma verdadeira missão da qual terá a recompensa. Aquele que, ao contrário, dela abusa e a emprega com coisas fúteis ou tendo em vista interesses materiais, a está desviando de seu objetivo providencial e, cedo ou tarde, passará por desgostos como aquele que faz um mau uso de uma faculdade qualquer.

Charlatanismo

89. Certas manifestações espíritas se prestam muito facilmente à imitação, porém, pelo fato de terem sido exploradas, como tantos outros fenômenos, pelo malabarismo e pela prestidigitação, seria absurdo daí concluir-se que elas não existem. Para aquele que estudou e que conhece as condições normais nas quais elas podem se produzir, é fácil distinguir a imitação da realidade. A imitação, não

obstante, não poderia jamais ser completa e só pode enganar o ignorante incapaz de perceber as nuances características do verdadeiro fenômeno.

90. As manifestações mais fáceis de imitar são certos efeitos físicos e os efeitos inteligentes comuns, como os movimentos, as batidas, os transportes, a escrita direta, as respostas banais, etc. O mesmo não acontece com as comunicações inteligentes de um alto valor; para imitar as primeiras só é preciso habilidade, para simular as outras, quase sempre é necessário uma instrução pouco comum, uma superioridade intelectual fora do normal e uma faculdade de improvisação, por assim dizer, universal.

91. Aqueles que não conhecem o Espiritismo geralmente são levados a desconfiar da boa-fé dos médiuns; o estudo e a experiência lhes dão os meios de se assegurarem da realidade dos fatos; porém, além disso, a melhor garantia que eles podem encontrar está no desinteresse absoluto e na honestidade do médium. Há pessoas que, por sua posição e seu caráter, estão livres de qualquer suspeita. Se a atração pelo ganho pode levar à fraude, o bom senso mostra que onde não há nada para ganhar o charlatanismo não tem nada para fazer. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXVIII, "Charlatanismo e malabarismo, médiuns interesseiros, fraudes espíritas", item nº 300. *Revista Espírita*, 1862, p. 52.)

92. Entre os adeptos do Espiritismo, encontram-se entusiastas e exaltados, como em todas as coisas. Geralmente, essas pessoas são os seus piores propagadores, porque a facilidade com que aceitam tudo, sem fazerem um exame aprofundado, desperta desconfianças. O espírita esclarecido se afasta do entusiasmo que impede que se veja claramente os fatos; ele observa tudo calma e friamente, pois este é o meio de não ser vítima de ilusões nem de mistificadores. Colocando-se de parte a questão da boa-fé, o observador principiante deve, antes de tudo, levar em consideração a seriedade do caráter daqueles a quem se dirige.

Identidade dos Espíritos

93. Já que se encontram todos os defeitos da humanidade entre os espíritos, a astúcia e a falsidade também se fazem presentes no meio deles. Existem espíritos que não têm nenhum escrúpulo em se denominarem com os nomes mais respeitáveis para inspirarem confiança; é preciso, pois, não acreditar, de uma maneira absoluta, na autenticidade de todas as assinaturas apostas nas comunicações.

94. A identidade é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático; ela, freqüentemente, é impossível de se constatar, principalmente quando se trata de espíritos superiores, antigos em relação a nós. Entre aqueles que se manifestam, muitos não têm nomes para nós, então, para fixar as nossas idéias, eles podem usar o nome de um espírito conhecido, que pertence à mesma categoria que a deles, de tal forma que, se um espírito se comunica sob o nome de São Pedro, por exemplo, nada prova que seja exatamente o apóstolo desse nome, pode ser ele, como pode ser um espírito da mesma ordem ou, ainda, um enviado por ele.

A questão da identidade é, neste caso, totalmente secundária e seria pueril dar-lhe importância. A natureza do ensinamento é o que importa, se é bom ou mau, digno ou indigno do personagem que o assina. Ele o aceitaria ou desaprovava? Eis aí toda a questão.

95. A identidade é mais fácil de constatar quando se trata de espíritos contemporâneos dos quais se conhece o caráter e os hábitos, visto que é por esses mesmos hábitos e particularidades da vida privada que a identidade se revela mais seguramente e, freqüentemente, de uma maneira incontestável.

Quando se evoca um parente ou um amigo, é a personalidade que interessa, e é lógico que se busque constatar a identidade, entretanto, os meios que geralmente empregam para esse fim, aqueles que só conhecem o Espiritismo imperfeitamente, são insuficientes e podem induzir ao erro.

96. O espírito revela a sua identidade por uma infinidade de circunstâncias que ressaltam das comunicações onde se refletem seus hábitos, seu caráter, sua linguagem e até as suas locuções familiares. Ela ainda se revela pelos detalhes íntimos de que ele *fala espontaneamente* com as pessoas pelas quais tem afeição, essas são as melhores provas; entretanto, é muito raro que o espírito satisfaça às questões diretas que lhe são endereçadas a esse respeito, principalmente por pessoas que lhe são indiferentes e que o fazem por curiosidade ou como prova.

A identidade do espírito é comprovada da forma que ele quer, ou que pode, segundo o gênero de faculdade do seu intérprete, e, muitas vezes, essas provas existem em grande quantidade; o erro está em querer que o espírito dê essas provas da maneira que o evocador deseja; é então que ele se recusa a se submeter às suas exigências. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIV, "Identidade dos espíritos"; *Revista Espírita*, 1862, p. 82, "Prova de identidade".)

Contradições

97. As contradições que muito freqüentemente se observam na linguagem dos espíritos podem ser motivo de admiração somente para aqueles que têm uma noção incompleta da ciência espírita. Essas contradições são a consequência da própria natureza dos espíritos que, como já foi dito, só sabem dos assuntos de acordo com o seu adiantamento e dos quais alguns podem saber menos que certos homens.

Sobre um grande número de questões, eles só podem emitir a sua opinião pessoal, que pode ser mais ou menos justa, e conservar o reflexo dos preconceitos terrestres de que ainda não se libertaram. Outros criam teorias sobre o que eles ainda não sabem, particularmente no que se refere às questões científicas e à origem das coisas. Não há, pois, nada de surpreendente no fato de eles não estarem sempre de acordo.

98. Não é de espantar que se encontrem comunicações contraditórias assinadas pelo mesmo nome. Somente os espíritos inferiores podem ter uma linguagem diferente, segundo as circunstâncias, os espíritos superiores jamais se contradizem. Todo aquele iniciado nos mistérios do mundo espiritual, por menos que o seja, sabe

com que facilidade certos espíritos se utilizam de nomes emprestados para dar maior crédito às suas palavras. Daí pode-se concluir, com certeza, que, se duas comunicações, radicalmente contraditórias pela essência do pensamento, trazem o mesmo nome respeitável, uma das duas é necessariamente apócrifa.

99. Para fixar as idéias sobre as questões duvidosas, dois meios podem servir. O primeiro é submeter-se todas as comunicações ao controle severo da razão, do bom senso e da lógica; é uma recomendação que todos os bons espíritos fazem, mas que os embusteiros evitam fazer pois sabem muito bem que só têm a perder com um exame sério. Eis por que evitam a discussão e querem que se acredite neles sob palavra.

O segundo critério da verdade está na concordância do ensinamento. Quando o mesmo princípio é ensinado em muitos lugares por espíritos diferentes e médiuns estranhos uns aos outros, que não estão sob as mesmas influências, pode-se concluir que ele está mais certo que aquele que emana de uma única fonte e é contestado pela maioria. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVII, "Contradições e mistificações"; *Revista Espírita*, abril 1864, p. 99, "Autoridade da Doutrina Espírita"; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, "Introdução".)

Conseqüências do Espiritismo

100. Diante da incerteza das revelações feitas pelos espíritos, pergunta-se: para que pode servir o estudo do Espiritismo?

Ele serve para provar materialmente a existência do mundo espiritual, e, com o mundo espiritual sendo formado pelas almas daqueles que viveram, daí resulta a prova da existência da alma e da sua sobrevivência ao corpo.

As almas que se manifestam revelam suas alegrias ou seus sofrimentos segundo a maneira pela qual empregaram a sua vida terrestre, comprovando, assim, as penas e as recompensas futuras.

Ao despreverem seu estado e sua situação, os espíritos, ou almas, corrigem as falsas idéias que eram feitas sobre a vida futura e principalmente sobre a natureza e a duração das penas.

A vida futura, ao passar do estado de teoria vaga e incerta para o de fato incontestável e positivo, vem demonstrar a necessidade de se trabalhar, o mais possível, durante a vida presente, que é de curta duração, em proveito da vida futura que é indeterminada.

Vamos supor que um homem de vinte anos tenha a certeza de que vai morrer aos vinte e cinco, o que ele fará durante esses cinco anos? Trabalhará pelo futuro? Seguramente não; ele tratará de desfrutar a vida o mais possível, considerando como um engano obrigar-se a fadigas e privações sem objetivo. Mas se ele tiver a certeza de viver até os oitenta anos, agirá de forma totalmente diferente, porque compreenderá a necessidade de sacrificar alguns instantes do repouso atual para assegurar o repouso no futuro durante longos anos. O mesmo ocorre com aquele para quem a vida futura é uma certeza.

Quando existe dúvida quanto à existência da vida futura o indivíduo é conduzido, naturalmente, a tudo sacrificar aos prazeres do presente, daí advindo a importância excessiva dada aos bens materiais.

A cobiça, a inveja e o ciúme daquele que tem pouco contra o que tem muito, são estimulados pela importância atribuída aos bens materiais. Da cobiça ao desejo de se conseguir, a qualquer preço, o que o vizinho possui não há mais que um passo, surgindo, então, os ódios, as discussões, os processos, as guerras e todos os males engendrados pelo egoísmo.

Com a dúvida sobre o futuro, o homem, abatido nesta vida pelo desgosto e pelo infortúnio, só vê o fim dos seus sofrimentos na morte, e, não esperando mais nada, acha racional abreviá-los pelo suicídio.

Sem esperança de futuro, é muito natural que o homem se entristeça, se desespere com as decepções que sofre. Os reveses violentos por que passa produzem em seu cérebro uma perturbação que é a causa da maior parte dos casos de loucura.

Sem a vida futura, a vida presente é a coisa capital para o homem, o único objeto de suas preocupações, tudo diz respeito a ela; eis por que deseja, a qualquer preço, não somente bens materiais como honrarias; ele aspira a brilhar, a se elevar acima dos outros, a eclipsar seus vizinhos com o seu luxo e a sua posição; daí, a ambição desordenada e a importância que dá aos títulos e a todas as futilidades da vaidade, pelas quais sacrificaria até sua própria honra, porque ele não vê nada além.

A certeza da vida futura e de suas conseqüências muda totalmente a ordem das idéias e faz ver as coisas sob um outro aspecto; é um véu levantado que deixa ver um horizonte imenso e esplêndido. Diante do infinito e da grandiosidade da vida de além-túmulo, a vida terrestre desaparece, como o segundo diante dos séculos, como o grão de areia diante da montanha. Aí tudo se torna pequeno, mesquinho e nos admiramos da importância que demos a coisas tão efêmeras e tão pueris. Daí, nos acontecimentos da vida, uma calma, uma tranquilidade que já é felicidade em comparação às balbúrdias, aos tormentos por que passamos, à má vida que tivemos para nos elevar acima dos outros; daí também, para as vicissitudes e as decepções, uma indiferença que, tirando toda dose de desespero, afasta os casos mais numerosos de loucura, e desvia o pensamento do suicídio. Com a certeza do futuro, o homem espera e se resigna; com a dúvida, ele perde a paciência porque nada espera do presente.

O exemplo daqueles que viveram provando que a soma da felicidade futura está na razão do progresso moral obtido e do bem que se fez sobre a Terra; que a soma do sofrimento está na razão da soma dos vícios e das más ações, traz como conseqüência, àqueles que estão convencidos dessa verdade, uma tendência inteiramente natural para fazer o bem e evitar o mal.

Quando a maioria dos homens estiver imbuída dessa idéia, quando ela professar esses princípios e praticar o bem; daí resultará que o bem levará vantagem

sobre o mal aqui na Terra; que os homens não procurarão mais se prejudicar mutuamente; que eles regularão suas instituições sociais com vistas ao bem de todos e não em proveito de alguns; em uma palavra, eles compreenderão que a lei de caridade ensinada pelo Cristo é a fonte da felicidade, mesmo neste mundo, e irão basear as leis civis sobre as leis da caridade.

A constatação do mundo espiritual que nos cerca, e da sua ação sobre o mundo corporal, é a revelação de uma das forças da Natureza e, por consequência, a solução de numerosos fenômenos incompreendidos, tanto na ordem física quanto na ordem moral.

Quando a Ciência levar em conta essa nova força, que lhe é desconhecida até o dia de hoje, retificará uma série de erros que decorrem do fato de tudo ser atribuído a uma única causa: a matéria. O reconhecimento dessa nova causa, nos fenômenos da Natureza, será uma alavanca para o progresso e produzirá o efeito da descoberta de um agente inteiramente novo.

Com a ajuda da lei espirita, o horizonte da Ciência se alargará, como se alargou com a ajuda da lei de gravitação.

Quando os sábios, do alto de suas cátedras, proclamarem a existência do mundo espiritual e sua ação nos fenômenos da vida, eles infiltrarão na juventude o antídoto contra as idéias materialistas, ao invés de predispor-la à negação do futuro.

Nas lições de filosofia clássica, e segundo as diferentes escolas, os professores ensinavam a existência da alma e seus atributos, porém sem provas materiais. Não é estranho que agora que essas provas chegaram, elas sejam repelidas e classificadas como superstições por esses mesmos professores? Isso não é dizer aos seus alunos: nós vos ensinamos a existência da alma, mas nada a prova?

Quando um sábio emite uma hipótese sobre uma questão da Ciência, ele procura com desvelo, acolhe com satisfação, os fatos que podem fazer dessa hipótese uma realidade. Como um professor de Filosofia, cujo dever é provar a seus alunos que eles têm uma alma, trata com desdém os meios que podem lhes dar uma demonstração evidente?

101. Vamos supor que os espíritos sejam incapazes de nos dar algum ensinamento que nós já não tenhamos conhecimento dele, ou que não possamos saber por nós mesmos, vê-se que a simples constatação da existência do mundo espiritual conduz, forçosamente, a uma revolução nas idéias; ora, uma revolução nas idéias produz, forçosamente, uma revolução na ordem das coisas. É essa revolução que o Espiritismo prepara.

102. Entretanto, os espíritos fazem mais que isso. Se as suas revelações são cercadas de certas dificuldades; se elas exigem minuciosas precauções para se constatar a sua exatidão, não é menos verdade que os espíritos esclarecidos, quando se sabe interrogá-los, e quando isso lhes é permitido, podem nos revelar fatos ignorados, dar-nos a explicação de coisas que não compreendemos e nos colocar no caminho de um progresso mais rápido. É principalmente nisso que o estudo completo e atento da ciência espirita é indispensável, a fim de só lhe pedir o que ela

pode dar, e da maneira pela qual ela pode fazê-lo. Ultrapassando os limites é que nos expomos a ser enganados.

103. As menores causas podem produzir os maiores efeitos, é assim que, de uma pequena semente, pode surgir uma imensa árvore; que a queda de uma maçã fez descobrir a lei que rege os mundos; que as rãs, saltando em um prato, revelaram a potência galvânica; é assim também que, do simples fenômeno das mesas girantes, saiu a constatação do mundo invisível, e dessa constatação uma doutrina que, em alguns anos, percorreu o mundo e pode regenerá-lo somente pela comprovação da realidade da vida futura.

104. O Espiritismo ensina pouco, sob o ponto de vista de verdades absolutamente novas, em virtude do axioma de que não há nada de novo sob o Sol. Não existem verdades absolutas a não ser as que são eternas; as que o Espiritismo ensina, estão fundamentadas sobre leis da Natureza e, assim sendo, existiram em todos os tempos; eis por que em todas as épocas se encontraram os seus germes que um estudo mais completo e observações mais atentas têm desenvolvido. As verdades ensinadas pelo Espiritismo são, portanto, antes conseqüências que descobertas.

O Espiritismo não descobriu nem inventou os espíritos, tampouco descobriu o mundo espiritual no qual, em todas as épocas da humanidade, se acreditou, mas somente ele o prova por fatos materiais e o mostra sob sua verdadeira luz, livrando-o dos preconceitos e das idéias supersticiosas que dão origem à dúvida e à incredulidade.

Observação. Essas explicações, ainda que incompletas como se apresentam, são suficientes para mostrar a base sobre a qual está estabelecido o Espiritismo, o caráter das manifestações e o grau de confiança que elas podem infundir, segundo as circunstâncias.



Capítulo III

SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS PELA DOCTRINA ESPÍRITA

Pluralidade dos Mundos

105. Os diversos mundos que circulam no espaço estão povoados de habitantes como a Terra?

— Todos os espíritos o afirmam, e a razão diz que deve ser assim. Nada poderia justificar o privilégio exclusivo de a Terra ser habitada, já que ela não ocupa no universo nenhum lugar especial, nem por sua posição nem por seu volume. Por outro lado, Deus não pode haver criado esses bilhões de globos unicamente para o prazer dos nossos olhos, ainda menos quando a maior parte deles escapa à nossa visão. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 55; *Revista Espírita*, 1858, p. 65: “Pluralidade dos Mundos”, por Flammarion.)

106. Se os mundos são povoados, os seus habitantes podem ser em tudo semelhantes aos da Terra? Isto é, esses habitantes poderiam viver entre nós e nós entre eles?

— A forma geral poderia ser mais ou menos a mesma, mas o organismo deve ser adaptado ao meio no qual eles devem viver, assim como os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar. Se o meio é diferente, como tudo leva a crer, e como as observações astronômicas parecem demonstrar, a organização deve ser diferente, não sendo provável que, no seu estado normal, eles pudessem viver uns entre os outros com os mesmos corpos. É o que confirmam todos os espíritos.

107. Admitindo-se que esses mundos sejam povoados, estarão eles, sob o aspecto intelectual e moral, na mesma posição da Terra?

— Segundo o ensino dos espíritos, os mundos se encontram em graus de adiantamento muito diferentes; alguns estão no mesmo ponto que a Terra, outros estão mais atrasados e nestes os homens são ainda mais brutos, mais materiais e mais inclinados ao mal. Ao contrário, existem os mundos mais avançados moral, intelectual e fisicamente onde o mal moral é desconhecido, onde as artes e as ciências são levadas a um grau de perfeição que nós não podemos compreender, onde a organização física, menos material, não está sujeita nem aos sofrimentos, nem às moléstias, nem às enfermidades. Os homens ali vivem em paz, sem procurarem se prejudicar, isentos dos desgostos, dos cuidados, das aflições e das necessidades que os importunam sobre a Terra. Finalmente, há os mais avançados ainda, onde

o invólucro corporal, quase fluídico, se aproxima cada vez mais da natureza dos anjos.

Na série progressiva dos mundos, a Terra não está nem no primeiro nem no último lugar, ela, porém, é um dos mais materiais e dos mais atrasados. (*Revista Espírita*, 1858, pp. 67, 108 e 233; idem, 1860, pp. 318 e 320; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo III.)

Da Alma

108. Onde é a sede da alma?

— A alma não está localizada em uma parte do corpo, como geralmente se acredita. Ela forma com o perispírito um todo fluídico, penetrável, assimilando-se ao corpo inteiro, com o qual constitui um ser complexo, do qual a morte, de algum modo, é o *desdobramento*. Podemos figurar dois corpos semelhantes, penetrados um pelo outro, confundidos durante a vida e separados após a morte, quando um é destruído e o outro permanece.

Durante a vida, a alma atua mais especialmente sobre os órgãos do pensamento e do sentimento. Ela é, ao mesmo tempo, interna e externa, isto é, irradia externamente; ela pode até isolar-se do corpo, transportar-se para longe e ali manifestar a sua presença, como assim o provam a observação e os fenômenos sonambúlicos.

109. A alma é criada ao mesmo tempo que o corpo ou antes dele?

— Após a questão da existência da alma, a que trata da sua criação é uma das mais essenciais, porquanto da sua solução advêm as conseqüências mais importantes, ela é a única saída possível para numerosos problemas, insolúveis até hoje por não a terem considerado.

Das duas uma, ou a alma existia ou não existia antes da formação do corpo, nessa questão não pode haver um meio-termo. Com a preexistência da alma, tudo se explica lógica e naturalmente; sem a preexistência é mesmo impossível justificar certos dogmas da Igreja, e é a impossibilidade dessa justificativa que conduz à incredulidade tantas pessoas que fazem uso da razão em seus raciocínios.

Os espíritos resolveram a questão afirmativamente, e os fatos, da mesma forma que a lógica, não podem deixar dúvidas sob esse aspecto. Entretanto, admitindo-se, a título de simples hipótese, a preexistência da alma, veremos a maior parte das dificuldades desaparecerem.

110. Se a alma é anterior, antes da sua união com o corpo ela possuía a sua individualidade e a consciência de si mesma?

— Sem individualidade e sem consciência de si mesma, os resultados seriam como se ela não existisse.

111. Antes da sua união com o corpo, a alma realizou algum progresso ou seu estado ficou estacionário?

— O progresso anterior da alma é, ao mesmo tempo, a conseqüência da observação dos fatos e do ensino dos espíritos.

112. Deus criou as almas moral e intelectualmente iguais, ou fez umas mais perfeitas e mais inteligentes que outras?

— Se Deus houvesse feito umas almas mais perfeitas que outras, essa preferência não seria compatível com a sua justiça. Sendo todas sua criação, por que libertaria umas do trabalho que impõe a outras para alcançarem a felicidade eterna? A desigualdade das almas, na sua origem, seria a negação da justiça de Deus.

113. Se as almas são criadas iguais, como se explica a diversidade de aptidões e de predisposições naturais que existe entre os homens da Terra?

— Essa diversidade é a consequência do progresso que a alma alcançou antes da sua união com o corpo. As almas mais avançadas, em inteligência e em moralidade, são aquelas que viveram mais e progrediram mais antes da sua encarnação.

114. Qual é o estado da alma em sua origem?

— As almas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem instrução e sem conhecimento do bem e do mal, porém, com uma aptidão igual para tudo. No início, elas estão em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita da sua existência. Pouco a pouco, o livre-arbítrio se desenvolve ao mesmo tempo que as idéias. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 114 e seguintes.)

115. A alma obteve o seu progresso anterior no estado de alma propriamente dito, ou em uma existência corporal precedente?

— Além do ensinamento dos espíritos sobre esse ponto, o estudo dos diferentes graus de adiantamento do homem sobre a Terra prova que o progresso anterior da alma deve ter se realizado em uma série de existências corporais, mais ou menos numerosas, segundo o grau a que ela chegou; a prova resulta da observação dos fatos que temos diariamente sob nossos olhos. (*O Livro dos Espíritos*, perguntas 166 a 222; *Revista Espírita*, abril de 1862, pp. 97 - 106.)

O Homem durante a Vida Terrestre

116. Como e em que momento ocorre a união da alma com o corpo?

— Desde a concepção, o espírito, ainda que errante, está preso por um laço fluídico ao corpo a que deve se unir. À medida que o corpo se desenvolve, esse laço vai se apertando. Desse momento em diante, o espírito é tomado por uma perturbação que vai aumentando até que, ao aproximar-se o nascimento, ela se torna completa, o espírito, então, perde a consciência de si mesmo e só recobra suas idéias, gradualmente, a partir do instante em que a criança respira; é aí que a união se torna completa e definitiva.

117. Qual é o estado intelectual da alma da criança no momento do seu nascimento?

— Seu estado intelectual e moral é o que tinha antes da sua união com o corpo, isto é, a alma possui todas as idéias adquiridas anteriormente, mas, por causa da perturbação que acompanha sua transformação, suas idéias estão momentanea-

mente em estado latente. Elas se esclarecem pouco a pouco, mas só podem ser manifestadas proporcionalmente ao desenvolvimento dos órgãos.

118. Qual é a origem das idéias inatas, das disposições precoces, das aptidões instintivas para uma arte ou uma ciência, não se considerando a instrução?

— As idéias inatas só podem vir de duas fontes: a criação de almas umas mais perfeitas que outras, e, neste caso, seriam criadas ao mesmo tempo que o corpo, ou um progresso anterior adquirido antes da união da alma com o corpo. Sendo a primeira hipótese incompatível com a justiça de Deus, só resta a segunda. As idéias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores e que permanecem em estado de intuição, para servirem de base à aquisição de novas idéias.

119. Como se revelam gênios em classes sociais privadas de qualquer cultura intelectual?

— Esse fato prova que as idéias inatas são independentes do meio onde o homem é educado. O meio e a educação desenvolvem as idéias inatas, mas não podem dá-las a ninguém. O homem sábio é a encarnação de um espírito já adiantado e que progrediu muito; eis por que a educação pode dar a instrução que falta, mas não pode dar o talento quando ele não existe.

120. Por que há crianças instintivamente boas em um meio perverso, apesar dos maus exemplos, enquanto que outras são instintivamente cheias de vícios em um meio bom, e apesar dos bons conselhos?

— É o resultado do progresso moral obtido, da mesma forma que as idéias inatas são o resultado do progresso intelectual.

121. Por que de dois filhos do mesmo pai, educados nas mesmas condições, um é inteligente e o outro ignorante, um é bom e o outro é mau? Por que o filho de um homem sábio é, algumas vezes, um tolo, e o filho de um tolo é um sábio?

— Esse fato serve para apoiar a origem das idéias inatas e prova, além disso, que a alma da criança não procede, de forma alguma, da alma dos pais; do contrário, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza que o todo, os pais transmitiriam aos filhos os seus defeitos e as suas qualidades, como lhes transmitem o princípio das qualidades corporais. Na geração, só o corpo procede do corpo, as almas são independentes umas das outras.

122. Se as almas são independentes umas das outras, de onde vem o amor dos pais por seus filhos e dos filhos pelos pais?

— Os espíritos se unem por simpatia, o nascimento nesta ou naquela família não é efeito do acaso, mas depende, a maior parte das vezes, da escolha do espírito que se reúne àqueles que ele amou no mundo dos espíritos ou em existências anteriores. Por outro lado, os pais têm por missão ajudar o progresso dos espíritos que encarnam nos seus filhos, e, para incentivá-los a isso, Deus lhes inspira uma afeição mútua, porém muitos falham nessa missão e, por esse motivo, são punidos. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 379, "Da Infância".)

123. Por que há maus pais e maus filhos?

— São espíritos que se ligaram a uma família não por simpatia, mas para se servirem mutuamente de prova e, muitas vezes, por punição do que foram em uma existência anterior. A um é dado um mau filho, porque ele mesmo talvez tenha sido um mau filho; a outro, um mau pai, porque ele teria sido um mau pai, a fim de que sofram a pena de talião.⁶⁹ (*Revista Espírita*, 1861, p. 270, “A pena de talião”.)

124. Por que se encontram certas pessoas, nascidas em condições servis, com instintos de dignidade e de grandeza, enquanto que outras, nascidas em classes superiores, têm instintos de inferioridade?

— É uma lembrança intuitiva da posição social que elas ocuparam e do caráter que tinham na existência anterior.

125. Qual é a causa das simpatias e das antipatias entre pessoas que se vêem pela primeira vez?

— Frequentemente são pessoas que se conheceram e, em alguns casos, se amaram em uma existência anterior e que, ao se encontrarem, são atraídas uma para a outra. As antipatias instintivas também provêm, muitas vezes, de relações anteriores.

Esses dois sentimentos ainda podem ter uma outra causa. O perispírito irradia em torno do corpo uma espécie de atmosfera impregnada das qualidades boas ou más do espírito encarnado. Duas pessoas que se encontram experimentam, pelo contato dos fluidos, a impressão sensitiva, que pode ser agradável ou desagradável. Os fluidos tendem a se misturar ou a se repelir, segundo sua natureza semelhante ou diferente.

É assim que se pode explicar o fenômeno da transmissão do pensamento. Pelo contato dos fluidos, duas almas lêem, de alguma forma, uma na outra; elas se advinham e se compreendem sem se falarem.

126. Por que o homem não tem a lembrança de suas existências anteriores? Essa lembrança não seria necessária para o seu progresso futuro?

(Ver o item “Esquecimento do Passado”.)

127. Qual é a origem do sentimento chamado *consciência*?

— É uma lembrança intuitiva do progresso obtido nas existências anteriores, e das resoluções tomadas pelo espírito antes da encarnação, resoluções que ele nem sempre, como homem, tem a capacidade de manter.

128. O homem tem seu livre-arbítrio ou está submetido à fatalidade?

— Se a conduta do homem estivesse submissa à fatalidade ele não teria responsabilidade pelo mal, nem mérito pelo bem, por conseqüência toda a punição que sofresse seria injusta e toda recompensa um contra-senso. O livre-arbítrio do homem é uma conseqüência da justiça de Deus, é o atributo que a sua dignidade lhe dá e o eleva acima de todas as outras criaturas. Isso é de tal forma verdadeiro

⁶⁹ **Pena de talião:** uma antiga pena, que remonta à legislação mosaica, pela qual a punição do delicto era fazer o delinqüente passar pela mesma falta que havia praticado. (N.T.)

que a estima dos homens, uns pelos outros, existe em razão do livre-arbítrio; aquele que o perde acidentalmente, por doença, loucura, embriaguez ou idiotismo é lamentado ou desprezado.

O materialismo, que faz todas as faculdades morais e intelectuais procederem do organismo, reduz o homem ao estado de máquina, sem livre-arbítrio, consequentemente sem responsabilidade pelo mal e sem mérito pelo bem que faz. (*Revista Espírita*, 1861, p. 76, "A cabeça de Garibaldi"; idem 1862, p. 97, "Frenologia espiritualista")

129. Deus criou o mal?

— Deus não criou o mal; ele estabeleceu leis e essas leis são sempre boas porque ele é soberanamente bom. Aquele que as obedecesse fielmente seria perfeitamente feliz, mas os espíritos, tendo o seu livre-arbítrio, não as têm obedecido sempre; e o mal resultou para eles em razão da sua infração à essas leis.

130. O homem nasce bom ou mal?

— É preciso estabelecer diferença entre alma e homem. A alma é criada simples e ignorante, isto é, nem boa nem má, mas suscetível, em virtude do seu livre-arbítrio, de tomar a rota do bem ou a do mal, ou melhor, de obedecer ou transgredir as leis de Deus. O homem nasce bom ou mau conforme o espírito, adiantado ou atrasado, do qual ele é a encarnação.

131. Qual é a origem do bem e do mal sobre a Terra e por que nela existe mais mal do que bem?

— A origem do mal sobre a Terra vem da imperfeição dos espíritos que ali estão encarnados, e a predominância do mal se deve ao fato de que, sendo a Terra um mundo inferior, a maioria dos espíritos que a habitam, eles mesmos, são inferiores ou progrediram pouco. Nos mundos mais adiantados, onde só podem encarnar espíritos purificados, o mal é desconhecido ou está em minoria.

132. Qual é a causa dos males que afligem a humanidade?

— A Terra pode ser considerada, ao mesmo tempo, um mundo de educação para os espíritos pouco avançados e de expiação para os espíritos culpados. Os males da humanidade são a consequência da inferioridade moral da maioria dos espíritos encarnados. Pela ligação com os seus vícios eles se tornam reciprocamente infelizes e se punem uns aos outros.

133. Por que o mau freqüentemente prospera enquanto que o homem de bem está exposto a todas as aflições?

— Para aquele que só vê a vida presente e que a considera como única, isso deve parecer uma soberana injustiça. Porém, não é a mesma coisa quando se admite a pluralidade das existências e a brevidade de cada uma em relação à eternidade. O estudo do Espiritismo prova que a prosperidade do mau tem teríveis consequências nas encarnações seguintes; que as aflições do homem de bem são, ao contrário, seguidas de uma felicidade tanto maior e duradoura quanto mais ele as suportou com resignação; é para ele como um dia infeliz em toda uma existência de prosperidade.

134. Por que uns nascem na indigência e outros na opulência? Por que há pessoas que nascem cegas, surdas, mudas ou afetadas por doenças incuráveis, enquanto que outras têm todas as vantagens físicas? É o efeito do acaso ou da Providência?

— Se é o efeito do acaso, não há Providência; se é o efeito da Providência, pergunta-se, onde está sua bondade e sua justiça? Ora, é por não compreenderem a causa desses males que tantas pessoas são levadas a acusar Deus.

Compreende-se que aquele que se torna miserável ou enfermo por suas imprudências ou seus excessos, seja punido por onde pecou; mas se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, o que ela fez, desde o seu nascimento, para merecer semelhantes aflições ou ser isenta delas? Admitindo-se a justiça de Deus, deve-se admitir que este efeito tem uma causa; se essa causa não pertence à vida presente, deve ser de antes dessa vida, visto que em todas as coisas a causa deve preceder o efeito; para isso faz-se, pois, necessário que a alma haja vivido e merecido uma expiação.

Os estudos espíritas nos mostram, efetivamente, que mais de um homem nascido na miséria, foi rico e considerado em uma existência anterior, mas que ele fez um mau uso da fortuna que Deus lhe dera para gerir; que mais de um, nascido em meio à degradação, foi orgulhoso e poderoso. Eles também mostram, muitas vezes, o homem submisso às ordens daquele mesmo que ele havia comandado com dureza, ou exposto aos maus tratos e à humilhação que ele impusera aos outros.

Uma vida penosa nem sempre é uma expiação; freqüentemente é uma prova escolhida pelo espírito, como um meio de avançar mais rapidamente se a suportar com coragem. A riqueza também é uma prova, porém mais perigosa ainda que a miséria, pelas tentações que oferece e os abusos que estimula; o exemplo daqueles que viveram também mostra que a riqueza é uma das provas de onde menos se consegue sair vitorioso.

A diferença das posições sociais seria a maior das injustiças, quando não é o resultado da conduta atual, se ela não tivesse uma compensação. É a convicção que se adquire dessa verdade, pelo Espiritismo, que dá forças para suportar as vicissitudes da vida e aceitar a própria sorte sem invejar a dos outros.

135. Por que existem idiotas e cretinos?

— A posição dos idiotas e dos cretinos seria a menos conciliável com a justiça de Deus, dentro da hipótese de uma existência única. Por miserável que seja a condição na qual um homem nasceu, ele poderá sair dela pela inteligência e pelo trabalho, mas o idiota e o cretino são destinados, desde o nascimento até a morte, ao embrutecimento e ao desprezo, e não há para eles nenhuma compensação possível. Por que, pois, sua alma teria sido criada idiota?

Os estudos espíritas, feitos sobre os idiotas e os cretinos, provam que a alma dessas pessoas é tão inteligente quanto a das outras; que essa enfermidade é uma expiação imposta aos espíritos por terem abusado da sua inteligência, e que

eles sofrem cruelmente sentindo-se aprisionados por laços que não podem destruir, e pelo desprezo que lhes é dirigido, quando, em sua existência anterior, talvez tenham sido venerados. (*Revista Espírita*, 1860, p. 173, "O espírito de um idiota"; idem, 1861, p. 311, "Os cretinos".)

136. Qual é o estado da alma durante o sono?

— O espírito não dorme durante o sono, somente o corpo repousa. As observações práticas provam que, durante o sono, o espírito desfruta de toda a sua liberdade e da plenitude das suas faculdades, ele aproveita o repouso do corpo, e os momentos em que sua presença ali não é necessária, para agir separadamente e ir aonde quer.

Durante a vida, a qualquer distância que o espírito se transporte, ele sempre fica ligado ao corpo por um laço fluídico que serve para chamá-lo de volta, desde que sua presença seja necessária; esse laço só é rompido com a morte.

137. Qual a causa dos sonhos?

— Os sonhos são o resultado da liberdade do espírito durante o sono; algumas vezes, é a lembrança dos lugares e das pessoas que o espírito viu ou visitou nesse estado. (*O Livro dos Espíritos*: "Emancipação da alma, sono, sonhos, sonambulismo, segunda visão, letargia, etc." pergunta 400 e seguintes; *O Livro dos Médiuns*: "Evocação de pessoas vivas", item nº 284; *Revista Espírita*, 1860, p. II: "O espírito de um lado e o corpo de outro"; idem, 1860, p. 81: "Estudo sobre o espírito das pessoas vivas".)

138. De onde vêm os pressentimentos?

— São lembranças vagas e intuitivas do que o espírito aprendeu em seus momentos de liberdade e, às vezes, advertências ocultas dadas por espíritos benévolos.

139. Por que há selvagens e homens civilizados na Terra?

— Sem a preexistência da alma, essa questão é insolúvel, ou então teremos que admitir que Deus criou almas selvagens e almas civilizadas, o que seria a negação da sua justiça. Por outro lado, a razão se recusa a admitir que, após a morte, a alma do selvagem fique eternamente em um estado de inferioridade, ou que ela fique na mesma posição que a do homem esclarecido.

Admitindo-se um mesmo ponto de partida para as almas, única doutrina compatível com a justiça de Deus, a presença simultânea da selvageria e da civilização na Terra é um fato material, que prova o progresso que uns já alcançaram e que outros podem conseguir.

A alma do selvagem, portanto, atingirá, com o tempo, o grau de alma civilizada; porém, como todos os dias morrem selvagens, sua alma só pode alcançar esse grau em encarnações sucessivas, sempre mais aperfeiçoadas, e próprias ao seu adiantamento, seguindo todos os graus intermediários entre os dois pontos extremos.

140. Não se poderia admitir, segundo o pensamento de algumas pessoas, que a alma encarna só uma vez, e que ela realiza o seu progresso no estado de espírito, ou em outras esferas?

— Essa proposição seria admissível se só houvesse sobre a Terra homens no mesmo grau moral e intelectual, e, neste caso, poder-se-ia dizer que ela estava destinada a um determinado grau; ora, temos diante de nós a prova do contrário. Efetivamente, não se compreenderia que o selvagem não pudesse atingir a civilização neste planeta, já que existem almas mais avançadas encarnadas na Terra, de onde se conclui que a possibilidade da pluralidade das existências terrestres resulta dos próprios exemplos que temos sob nossos olhos. Se fosse de outra forma, seria necessário explicar, primeiro, por que unicamente a Terra teria o monopólio das encarnações, e, segundo, por que, possuindo esse monopólio, nela se encontram almas encarnadas em todos os graus.

141. Por que se encontram seres de uma ferocidade semelhante a dos selvagens^{*} mais bárbaros no meio de sociedades civilizadas?

— São espíritos muito inferiores, saídos de raças bárbaras, que se esforçam em reencarnar em um meio que não é o seu, e onde se acham deslocados, como se um camponês de repente se visse colocado no meio da alta sociedade.

Observação. Não se poderia admitir que a alma do criminoso endurecido tenha, na vida atual, o mesmo ponto de partida que o do homem repleto de todas as virtudes, sem negar toda a justiça e toda a bondade de Deus. Se a alma não é anterior ao corpo, a do criminoso e a do homem de bem são tão novas uma quanto a outra, por que uma seria boa e a outra má?

142. De onde vêm as características que distinguem os povos?

— São espíritos que têm quase os mesmos gostos e tendências, que encarnam em um meio simpático e, freqüentemente, no mesmo meio, onde poderão satisfazer as suas inclinações.

143. Como os povos progridem e como se degeneram?

— Se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, as almas dos homens de hoje são tão novas e também tão primitivas quanto as dos homens da idade média, e, por consequência, pergunta-se por que elas têm costumes mais delicados e uma inteligência mais desenvolvida. Se, com a morte do corpo, a alma deixa definitivamente a Terra, pergunta-se, ainda, qual seria a utilidade do trabalho realizado para melhorar um povo se ele tivesse que recomeçar com todas as almas novas que chegam todos os dias.

Os espíritos encarnam em um meio que lhes é simpático e que esteja em relação com o grau do seu adiantamento. Um chinês, por exemplo, que progrediu suficientemente, e não acha mais na sua raça um meio correspondente ao grau que atingiu, encarnará em um povo mais avançado. À medida que uma geração dá um passo adiante, ela atrai pela simpatia novos espíritos mais avançados, e que são talvez aqueles que haviam outrora vivido no mesmo país, e que muito progrediram; é assim que, pouco a pouco, uma nação avança. Se a maioria dos novos espíritos fosse de natureza inferior, com os antigos se afastando diariamente e não voltando a um meio mais inferior, o povo iria se degenerar e acabaria se extinguindo.

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

Observação. Essas questões levantam outras que acham sua solução no mesmo princípio, por exemplo, de onde vem a diversidade das raças sobre a Terra? Existem raças rebeldes ao progresso? A raça negra* é suscetível de atingir o nível das raças européias? A escravidão é útil ao progresso das raças inferiores? Como pode ocorrer a transformação da humanidade? (*O Livro dos Espíritos*, “Lei do Progresso”, pergunta 776 e seguintes; *Revista Espírita*, 1862, p. 1, “Doutrina dos anjos decaídos”; idem, 1862, p. 97, “Perfectibilidade da raça negra”.)

O Homem após a Morte

144. Como ocorre a separação entre a alma e o corpo? De forma brusca ou gradualmente?

— O desprendimento se faz gradualmente e com uma lentidão variável, de acordo com os indivíduos e as circunstâncias da morte. Os laços que unem a alma ao corpo só se rompem pouco a pouco, e tanto mais lentamente quanto mais material e sensual foi a vida. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 155.)

145. Qual é a situação da alma imediatamente após a morte do corpo? Ela tem instantaneamente a consciência de si mesma? Em uma palavra, o que ela vê? O que ela sente?

— No momento da morte, inicialmente tudo é confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer; ela está como que aturdida, no mesmo estado de um homem saindo de um profundo sono e que procura tomar ciência da sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado vão voltando à medida que se desfaz a influência da matéria que ele acaba de deixar, e se dissipa a espécie de nevoeiro que obscurece seus pensamentos.

A perturbação que se segue à morte é muito variável em sua duração, ela pode ser de apenas algumas horas, como de vários dias, de vários meses e mesmo de vários anos. Ela é menos longa para aqueles que, em vida, se identificaram com o seu estado futuro, porque eles compreendem imediatamente a sua situação, no entanto é mais longa para o homem que viveu mais materialmente.

A sensação que a alma sente nesse momento também é variável; a perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, ela é calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar pacífico.

Para aquele cuja consciência não está pura, e que se acha mais ligado à vida corporal que à espiritual, ela é plena de ansiedade e de angústias que aumentam à medida que ele se reconhece; porquanto é tomado pelo medo e por uma espécie de terror em presença do que vê, e principalmente do que entrevê.

A sensação, que se poderia chamar de física, é a de um grande alívio e de um imenso bem-estar; sente-se como livre de um fardo e muito feliz por não sentir mais as dores corporais que o atormentavam poucos instantes antes, por se sentir livre, desembaraçado e alerta como aquele a quem se acabou de arrancar de um penoso cativeiro.

Em sua nova situação, a alma vê e entende o que via e entendia antes da morte, mas vê e entende ainda mais coisas que escapam à grosseria dos órgãos

* Vide nota explicativa no final do livro (N.E.)

corporais; ela tem sensações e percepções que nos são desconhecidas. (*Revista Espírita*, 1859, p. 244, “Morte de um espírita”; idem, 1860, p. 332, “O despertar de um espírito”; idem, 1862, pp. 129 e 171, “Exéquias do Sr. Sanson”.)

Observação. Estas respostas, e todas aquelas que são relativas à situação da alma após a morte ou durante a vida, não são o resultado de uma teoria ou de um sistema, mas de estudos diretos feitos sobre milhares de espíritos observados em todas as fases e em todos os períodos da sua existência espiritual, desde o mais baixo até o mais alto grau da escala, segundo seus hábitos durante a vida terrestre, seu gênero de morte, etc. Diz-se freqüentemente, falando da vida futura, que não se sabe o que ali se passa, porque ninguém voltou de lá; é um erro, já que são precisamente aqueles que ali se acham que vêm nos instruir, e Deus o permite atualmente, mais do que em qualquer outra época, como última advertência dada à incredulidade e ao materialismo.

146. A alma que deixou o corpo, vê Deus?

— As faculdades perceptivas da alma são proporcionais à sua depuração; só as almas de alta qualidade podem usufruir da presença de Deus.

147. Se Deus está em toda parte, por que todos os espíritos não podem vê-lo?

— Deus está em toda a parte porque ele irradia em toda a parte, e pode-se dizer que o Universo está mergulhado na divindade, como nós estamos mergulhados na luz solar; os espíritos atrasados, no entanto, estão cercados por uma espécie de nevoeiro que os impede de vê-lo, e que se dissipa à medida que eles se depuram e se desmaterializam. Os espíritos inferiores são, por sua visão, em relação a Deus, o que os encarnados são em relação aos espíritos: verdadeiros cegos.

148. Após a morte, a alma tem a consciência da sua individualidade? Como é que ela a constata e como podemos comprovar esse fato?

— Se as almas não tivessem mais a sua individualidade após a morte, isso seria para elas, e para nós, como se não existissem, e as conseqüências morais seriam exatamente as mesmas; elas não teriam nenhum caráter distintivo, e a alma do criminoso estaria na mesma posição que a do homem de bem, de onde resultaria não existir nenhum interesse em se fazer o bem.

A individualidade da alma é demonstrada de uma maneira, por assim dizer, material, nas manifestações espíritas, pela linguagem e as qualidades próprias de cada uma; já que elas pensam e agem de uma maneira diferente, umas são boas e outras más, umas são sábias e outras ignorantes; umas desejam o que outras não querem, isso é a prova evidente de que elas não estão misturadas em um todo homogêneo, sem falar das provas patentes que elas nos dão de haverem animado este ou aquele indivíduo sobre a Terra. Graças ao Espiritismo experimental, a individualidade da alma não é mais algo vago, mas um resultado da observação.

A própria alma se certifica da sua individualidade, porque ela tem seu pensamento e a sua vontade distintos dos que as outras almas têm; ela a constata ainda pelo seu *invólucro fluídico ou perispírito*, espécie de corpo limitado que faz dela um ser diferente.

Observação. Certas pessoas crêem escapar da acusação de materialistas admitindo um princípio inteligente universal, do qual nós absorvemos uma parte ao nascer, o que constitui a alma, para devolvê-la, após a morte, à massa comum onde elas se confundem como as gotas d'água no oceano. Esse método, espécie de transição, não merece mesmo o nome de espiritualismo, porquanto é tão desesperador quanto o materialismo; o reservatório comum do todo universal equivaleria ao nada, visto que aí não haveria mais individualidades.

149. O gênero de morte influi no estado da alma?

— O estado da alma varia consideravelmente segundo o gênero de morte, mas, principalmente, segundo a natureza dos hábitos durante a vida. Na morte natural, o desprendimento se realiza gradualmente e sem abalo; freqüentemente, ele começa antes mesmo que a vida esteja extinta. Na morte violenta por suplicio, suicídio ou acidente, os laços são rompidos bruscamente; o espírito, surpreso com o imprevisto, fica aturdido com a mudança que se operou nele, e não encontra explicação para a sua situação.

Um fenômeno, mais ou menos constante em semelhante caso, é ele se manter convicto de que não está morto, e essa ilusão pode durar vários meses, e mesmo vários anos. Nesse estado, ele vai, vem e acredita estar ocupado em seus afazeres, como se ainda estivesse neste mundo, muito admirado porque não lhe respondem quando ele fala. Essa ilusão não acontece exclusivamente nos casos de mortes violentas, ela também ocorre com muitos indivíduos cuja vida foi absorvida pelos prazeres e interesses materiais. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 165; *Revista Espírita*, 1858, p. 166, “O suicídio da samaritana”; idem, 1858, p. 326, “Um espírito no enterro do seu corpo”; idem, 1859, p. 184, “O zuavo⁷⁰ de Magenta”; idem 1859, p. 319, “Um espírito que não acreditava que estava morto”; idem, 1863, p. 97, “François Simon Louvet”.)

150. Para onde a alma vai depois de deixar o seu corpo?

— Ela não se perde na imensidão do infinito, como geralmente se acredita, percorre o espaço, na maior parte das vezes entre aqueles que ela conheceu, e principalmente aqueles que amou, podendo se transportar, instantaneamente, a distâncias imensas.

151. A alma conserva as afeições que tinha na Terra?

— Ela conserva todas as afeições morais e esquece as materiais que não são mais da sua essência; eis por que vem com alegria rever seus parentes e seus amigos e fica feliz por se lembrarem deles. (*Revista Espírita*, 1860, p. 202, “Os amigos não nos esquecem no outro mundo. II”; idem, 1862, p. 132.)

152. A alma conserva a lembrança do que fez na Terra? Ela se interessa pelos trabalhos que deixou inacabados?

— Isso depende da sua elevação e da natureza desses trabalhos. Os espíritos desmaterializados preocupam-se muito pouco com as coisas materiais e ficam felizes por terem se livrado delas. Quanto aos trabalhos que começaram, segundo

⁷⁰ **Zuavo:** soldado de um corpo de infantaria francesa, criado na Argélia em 1831. (N.T.)

sua importância e sua utilidade, algumas vezes inspiram a outras pessoas a idéia de terminá-las.

153. A alma reencontra no mundo dos espíritos os parentes e amigos que a precederam?

— Não só reencontra esses parentes e amigos como outros que ela conheceu em existências anteriores. Geralmente, aqueles a quem estava ligada mais afetivamente a vêm receber na sua chegada ao mundo dos espíritos, e a ajudam a se desligar dos laços terrestres. Entretanto, a impossibilidade de ver as almas daqueles que lhes são mais queridos é, algumas vezes, uma punição para os que são culpados.

154. Qual é, na outra vida, o estado intelectual e moral da alma da criança morta com pouca idade? Suas faculdades permanecem na infância, como durante a vida?

— O desenvolvimento incompleto dos órgãos da criança não permitia ao espírito manifestar-se completamente; livre desse invólucro, suas faculdades são as que ele possuía antes da encarnação. O espírito passou apenas alguns momentos na vida e suas faculdades não puderam se modificar.

Observação. Nas comunicações espíritas, o espírito de uma criança pode falar como o de um adulto, já que ele pode ser um espírito muito avançado. Se ele, algumas vezes, usa a linguagem infantil, é para não privar a mãe do encanto que se une à afeição de um ser frágil e delicado, enfeitado com as graças da inocência. (*Revista Espírita*, 1858, p. 17, “Mamãe, eu estou aqui.”)

Podendo-se fazer a mesma pergunta quanto ao estado intelectual da alma dos cretinos, dos idiotas e dos loucos, após a morte, ela encontra sua solução na resposta precedente.

155. Após a morte, que diferença existe entre a alma do sábio e a do ignorante, a do selvagem e a do homem civilizado?

— A mesma diferença, pouco mais ou menos, que existia entre elas durante a vida, visto que a entrada no mundo dos espíritos não dá à alma todos os conhecimentos da Terra.

156. As almas progredem intelectual e moralmente após a morte?

— Elas progredem mais ou menos, segundo sua vontade, e algumas progredem muito; mas têm necessidade de pôr em prática, durante a vida corporal, o que adquiriram em ciência e em moralidade. As que ficaram estacionadas retomam uma existência análoga a que deixaram; as que progrediram merecem uma encarnação de ordem mais elevada.

Como o progresso é proporcional à vontade do espírito, existem muitos que, por longo tempo, conservam os gostos e as tendências que tinham em vida, e que prosseguem com as mesmas idéias. (*Revista Espírita*, 1858, p. 82, “A rainha de Oude”; idem, p. 145, “O espírito e os herdeiros”; idem, p. 186, “O tambor de Beresine”; idem, 1859, p. 344, “Um antigo carreteiro”; idem, 1860, p. 325, “Progresso dos espíritos”; idem, 1861, p. 126, “Progresso de um espírito perverso.”)

157. A sorte do homem, na vida futura, é irrevogavelmente fixada após a morte?

— A fixação irrevogável da sorte do homem após a morte seria a negação absoluta da justiça e da bondade de Deus, porque existem muitos que não puderam se esclarecer suficientemente, sem falar nos idiotas, nos cretinos, nos selvagens e nas inumeráveis crianças que morrem antes de haver entrevisto a vida. Mesmo entre as pessoas esclarecidas, existem muitas que podem se considerar bastante perfeitas para serem dispensadas de fazer alguma coisa mais; isso não é uma prova que Deus nos oferece da sua bondade, ao permitir que o homem faça amanhã o que não pôde fazer hoje?

Se a sorte é irrevogavelmente fixada, por que os homens morrem com idades tão diferentes, e por que Deus, na sua justiça, não deixa a todos o tempo para fazerem o maior bem possível ou para reparar o mal que fizeram? Quem sabe se o culpado que morreu aos trinta anos não teria se arrependido, e se transformado em um homem de bem, se tivesse vivido até os sessenta anos? Por que Deus lhe tira esse meio enquanto o concede a outros?

Só o fato da diversidade da duração da vida e do estado moral da grande maioria dos homens, prova a impossibilidade de que a sorte da alma seja irrevogavelmente fixada após a morte, se admitirmos a justiça de Deus.

158. Qual é, na vida futura, a sorte das crianças que morrem com muito pouca idade?

— Essa é uma das questões que melhor provam a justiça e a necessidade da pluralidade das existências. Uma alma que só tivesse vivido alguns instantes, não tendo feito nem bem nem mal, não mereceria nem recompensa nem punição. Diante da máxima do Cristo de que *“cada um é punido ou recompensado segundo suas obras”*, seria tão ilógico quanto contrário à justiça de Deus admitir-se que, sem trabalho, ela fosse chamada a desfrutar da felicidade perfeita dos anjos, ou que pudesse ser impedida de desfrutá-la, *contudo, ela deve ter um destino qualquer*; um estado misto, pela eternidade, também seria uma injustiça.

Uma existência interrompida no seu princípio não poderia, portanto, ter nenhuma consequência para a alma, seu destino atual é aquele que ela mereceu na sua precedente existência, e seu destino futuro, aquele que ela merecerá por suas existências ulteriores.

159. As almas têm ocupações na outra vida? Elas se preocupam com outros assuntos além de suas alegrias e de seus sofrimentos?

— Se as almas só se ocupassem de si mesmas durante a eternidade, isto seria egoísmo, e Deus, que condena o egoísmo, não poderia aprovar na vida espiritual o que ele condena na corporal. As almas ou espíritos têm ocupações em relação com o seu grau de adiantamento, ao mesmo tempo em que buscam se instruir e se aperfeiçoar. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 558, “Ocupações e missões dos espíritos.”)

160. Em que consistem os sofrimentos da alma após a morte? As almas culpadas são torturadas nas chamas materiais?

— Hoje, a Igreja reconhece perfeitamente que o fogo do inferno é um fogo moral e não um fogo material, mas não define a natureza dos sofrimentos. As comunicações espíritas colocam esses sofrimentos diante de nossos olhos; por esse meio nós podemos apreciá-los e nos convencer de que, por não serem o resultado de um fogo material, que efetivamente não poderia queimar almas imateriais, elas não são menos terríveis em certos casos.

Essas penas não são uniformes, elas variam ao infinito, segundo a natureza e o grau das faltas cometidas, e são, quase sempre, essas mesmas faltas que servem à punição. É assim que certos assassinos são obrigados a permanecer no local em que cometeram o crime e ver, continuamente, suas vítimas diante deles; que o homem com gostos sensuais e materiais conserva esses mesmos gostos, porém, a impossibilidade de satisfazê-los materialmente é para eles uma tortura; que certos avaros acreditam sentir o frio e as privações que, por sua avareza, passaram na vida, enquanto outros ficam junto aos tesouros que esconderam, e estão em transe perpétuo pelo temor de que sejam roubados. Em uma palavra, não há um defeito, uma imperfeição moral, uma ação má, que não tenha, no mundo dos espíritos, a sua contrapartida e suas conseqüências naturais; e, para isso, não há necessidade de um lugar determinado e circunscrito, por toda parte onde ele se encontrar, o espírito perverso leva o seu inferno com ele.

Além das penas espirituais, existem as penas e as provas materiais que o espírito, que não se depurou, sofre em uma nova encarnação, onde é colocado numa posição em que passa pelo que fez os outros sofrerem: ter humildade, se foi orgulhoso; ser miserável se foi um mau rico, infeliz com seus filhos, se foi mau filho, etc.

A Terra, como nós já dissemos, é um dos lugares de exílio e de expiação, *um purgatório*, para os espíritos dessa natureza, e ao qual depende de cada um não retornar, melhorando-se o bastante para merecer ir para um mundo melhor. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 237, “Percepções, sensações e sofrimentos dos espíritos”; idem, “Esperanças e consolações, penas e alegrias futuras”; *Revista Espírita*, 1858, p. 79, “O assassino Lemaire”; idem, 1858, p. 166, “O suicídio da Samaritana”; idem, 1858, p. 331, “Sensações dos Espíritos”; idem, 1859, p. 275, “O pai Crepin”; idem, 1860, p. 61, “Estelle Régnier”; idem, 1860, p. 247, “O suicida da Rua Quincampoix”; idem 1860, p. 316. “O castigo”; idem 1860, p. 325, “Entrada de um culpado no mundo dos espíritos”; idem, 1860, p. 384, “Sofrimento do egoísta”; idem, 1861, p. 53, “Suicídio de um ateu”; idem 1861, p. 270, “A pena de Talião”.)

161. A prece é útil para as almas sofredoras?

— A prece é recomendada por todos os bons espíritos e solicitada pelos espíritos imperfeitos como um meio de aliviar seus sofrimentos. A alma por quem se pede experimentalmente uma consolação, porque a prece é uma demonstração de interesse, e os sofredores são sempre consolados quando encontram corações caridosos com

quem compartilham suas dores. Por outro lado, pela prece, os estimulamos ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é preciso para ser feliz; é nesse sentido que se pode abreviar sua pena se, por sua vez, eles ajudam com a sua boa vontade. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 664; *Revista Espírita*, 1859, p. 315, “Efeitos da prece Sobre os espíritos sofredores”).

162. Em que consistem os prazeres das almas felizes? Elas passam a eternidade em contemplação?

— A justiça quer que a recompensa seja proporcional ao mérito, como a punição à gravidade da falta. Há, portanto, graus infinitos nos prazeres da alma, desde o instante em que ela entra no caminho do bem até o que ela atinge a perfeição.

A felicidade dos bons espíritos consiste em conhecer todas as coisas, não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem nenhuma das paixões que fazem a desgraça dos homens. O amor que os une é, para eles, a fonte de uma suprema felicidade. Eles não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material.

Um estado de contemplação perpétuo seria uma felicidade estúpida e monótona, adequada ao egoísta, já que sua existência se tornaria uma inutilidade sem fim. A vida espiritual é, ao contrário, uma atividade incessante pelas missões que os espíritos recebem do Ser Supremo, como seus agentes no governo do Universo, missões que são proporcionais ao seu adiantamento, e com as quais ficam felizes, porque elas lhes fornecem as oportunidades de se tornarem úteis e de fazerem o bem. (*O Livro dos Espíritos*, pergunta 558, “Ocupações e missões dos espíritos”; *Revista Espírita*, 1860, pp. 321 e 322, “Os espíritos puros; a morada dos bem-aventurados”; idem, 1861, p. 179, “Madame Gourdon”).

Observação. Nós convidamos os adversários do Espiritismo, e aqueles que não admitem a reencarnação, a apresentarem, para os problemas acima descritos, uma solução mais lógica por qualquer outro princípio que o da pluralidade das existências.



Biografia de Allan Kardec

É sob o impacto da dor profunda causada pela partida prematura do venerável fundador da Doutrina Espírita, que abordamos uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos abateriam, se não contássemos com o concurso eficaz dos bons espíritos e com a indulgência de nossos leitores.

Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se por possuir o espírito de método e de organização nos quais se iluminam todos os trabalhos do mestre? Somente sua poderosa inteligência poderia concentrar tantos materiais diversos, e triturá-los, transformá-los, para espalhá-los em seguida, como um orvalho benfeitor, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer-se compreender numa linguagem ao mesmo tempo simples e elevada, tão afastada do estilo familiar, quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera até aqui ser suficiente para tudo. Entretanto, o crescimento quotidiano de suas relações, e o desenvolvimento incessante do Espiritismo, faziam-no sentir a necessidade de associar-se a algumas ajudas inteligentes, e preparava, simultaneamente, a nova organização da Doutrina e dos seus trabalhos, quando deixou-nos para ir para um outro mundo melhor, recolher a sanção da missão cumprida, e reunir os elementos de uma nova obra de devotamento e de sacrifício.

Ele estava só!... Nós nos chamaremos de *legião*, e, por mais fracos e inexperientes que sejamos, temos a íntima convicção de que nos manteremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de uma evidência incontestável, propusermo-nos a executar, tanto quanto nos seja possível, e segundo as necessidades do momento, os projetos do futuro que o Sr. Allan Kardec propunha-se, ele próprio, a executar.

Ainda que estejamos no seu caminho, e que todas as boas vontades se unam num esforço comum para o progresso e a regeneração intelectual e moral da humanidade, o espírito do grande filósofo estará conosco e nos secundará com sua poderosa influência. Que ele possa suprir nossa insuficiência, e que possamos tornar-nos dignos do seu concurso, consagrando-nos à obra com tanto devotamento e sinceridade, pelo menos com tanta ciência e inteligência!

Ele inscrevera na sua bandeira essas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância*. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, segundo seus desejos, tolerantes e solidários, e não tenhamos seguir seu exemplo, retornando vinte vezes aos princí-

pios já discutidos. Apelamos para a ajuda de todos, de todas as inteligências. Tentaremos avançar com mais segurança do que com rapidez, e nossos esforços não serão infrutíferos, se, como estamos persuadidos, e como seremos os primeiros a dar o exemplo, cada um se propuser a fazer seu dever, colocando de lado qualquer questão pessoal para contribuir para o bem geral.

Não poderíamos entrar sob auspícios mais favoráveis na nova fase que se abre para o Espiritismo, senão levando ao conhecimento de nossos leitores, num rápido esboço, o que foi, em toda sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo cuja memória propagar-se-á aos séculos futuros, envolvida pela auréola dos benfeitores da humanidade.

Nascido em Lyon, em 3 de outubro de 1804, numa antiga família que distinguiu-se na magistratura e no tribunal, o Sr. Allan Kardec (Hippolyte-Léon -Denizard Rivail) não seguiu esta carreira. Desde a primeira juventude, sentia-se atraído para o estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdon (Suíça), tornou-se um dos discípulos mais eminentes desse célebre professor, e um dos propagadores zelosos do seu sistema de educação, que exerceu uma grande influência sobre a reforma dos estudos na Alemanha e na França.

Dotado de uma inteligência notável e atraído para o ensino pelo seu caráter e suas aptidões especiais, desde a idade de 14 anos, ensinava o que sabia àqueles colegas que tinham compreendido menos que ele. Foi nessa escola que se desenvolveram as idéias que deviam, mais tarde, colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livres-pensadores.

Nascido na religião católica, educado, porém, num país protestante, os atos de intolerância que teve que suportar sobre esse assunto fizeram-no, logo cedo, conceber a idéia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas faltava-lhe o elemento indispensável para a solução desse grande problema.

O Espiritismo veio mais tarde fornecer-lhe e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos.

Terminados os seus estudos, veio para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduziu para o alemão diferentes obras de educação e de moral, e, o que é característico, as obras de Fénelon, que o haviam particularmente seduzido.

Era membro de várias sociedades eruditas, entre outras, da Academia Real de Arras, que, no seu concurso de 1831, distinguiu-o por uma exposição notável sobre essa questão: *Qual é o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?*

De 1835 a 1840, fundou, em sua residência, na Rua de Sèvres, cursos gratuitos, onde ensinava Química, Física, Anatomia Comparada, Astronomia, etc.; empreitada digna de elogios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que um número reduzido de inteligências arriscava-se a entrar nesse caminho.

Constantemente ocupado em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para ensinar a contar, e um quadro mnemônico de História de França, tendo como objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos marcantes e descobertas que ilustraram cada reino.

Entre suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano Proposto para o Melhoramento da Instrução Pública* (1828); *Curso Prático e Teórico de Aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1829); *Gramática Francesa Clássica* (1831); *Manual de Exames para os Certificandos de Capacidade; Soluções Resolvidas das Questões e Problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo Gramatical da Língua Francesa* (1848); *Programa dos Cursos Comuns de Química, Física, Astronomia, Fisiologia* que ensinava no Liceu Polymatique; *Ditados Normais dos Exames da Prefeitura e da Sorbonne*, acompanhados pelos *Ditados Especiais sobre as Dificuldades Ortográficas* (1849), obra muito considerada na época de sua aparição, e da qual recentemente ainda, faziam-se novas edições.

Antes que o Espiritismo viesse popularizar o pseudônimo de Allan Kardec, ele soubera, como se vê, ilustrar-se pelos trabalhos de uma natureza completamente diferente, mas tendo como objetivo esclarecer as massas e uni-las muito mais à sua família e ao seu país.

“Por volta de 1855, quando da manifestação dos espíritos, o Sr. Allan Kardec entregou-se a observações perseverantes sobre esse fenômeno e dedicou-se, principalmente, a deduzir-lhes as conseqüências filosóficas. Nelas entreviu, primeiramente, o princípio de novas leis naturais, as que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu na ação desse último, uma das forças da natureza, cujo conhecimento devia lançar a luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e compreendeu-lhes o alcance do ponto de vista religioso.”

“Suas obras principais sobre essa matéria são: *O Livro dos Espíritos*, para a parte filosófica e cuja primeira edição surgiu em 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, para a parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno*, ou *A Justiça de Deus Segundo o Espiritismo* (agosto de 1865); *A Gênese. Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita*, jornal de estudos psicológicos, antologia mensal iniciada em 1 de janeiro de 1858. Fundou em Paris, em 1 de abril de 1858, a primeira *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, cujo objetivo exclusivo é o estudo de tudo o que pode contribuir para o progresso dessa nova ciência. O Sr. Allan Kardec defende-se, com justiça, de nada ter escrito sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter impassível e calmo, observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; o primeiro, deu-lhe a teoria e com ele formou um corpo metódico e regular.”

“Demonstrando que os fatos falsamente qualificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, fê-los entrar na ordem dos fenômenos da natureza, e destruiu, assim, o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.”

“Durante os primeiros anos em que estiveram em questão os fenômenos espíritas, essas manifestações foram muito mais um objeto de curiosidade do que assunto para meditações sérias; *O Livro dos Espíritos* fez encarar a coisa sob um aspecto completamente diferente; então, abandonaram-se as mesas girantes, que tinham sido apenas um prelúdio, e reuniu-se a um corpo de doutrina que abarcava todas as questões que interessam a humanidade.”

“Da aparição de *O Livro dos Espíritos* data a verdadeira fundação do Espiritismo, que, até então, apenas possuía elementos esparsos sem coordenação, e cujo alcance não pudera ser compreendido por todo mundo; a partir desse momento também, a Doutrina chamou a atenção dos homens sérios e empreendeu um desenvolvimento rápido. Em poucos anos essas idéias encontraram numerosas adesões em todas as camadas da sociedade e em todos os países. Este sucesso, sem precedente, deveu-se, sem dúvida, às simpatias que essas idéias encontraram, mas deveu-se, também, em grande parte, à clareza, que é uma das características distintivas dos escritos de Allan Kardec.”

“Abstendo-se das fórmulas abstratas da metafísica, o autor soube fazer-se ler sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica firme, oferece pouco espaço à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que dá o Espiritismo da existência da alma e da vida futura tendem à destruição das idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos, e nos últimos tempos por *Jean Reynaud*, *Charles Fourier*, *Eugène Sue* e outros; mas permanecia em estado de hipótese e de sistema, enquanto que o Espiritismo demonstra-lhe a realidade e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, desse modo, de onde vem, para onde vai, para que fim está na Terra e por que aí sofre.”

“As idéias inatas explicam-se pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da humanidade, pelos homens de antigamente que revivem depois de ter progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, têm como base as mesmas leis da Natureza, e não mais uma teoria, os grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal.”

“Ao invés do princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas, e que fez derramar tanto sangue, o Espiritismo tem como máxima: *Fora da Caridade não há salvação*, quer dizer, a

igualdade entre os homens diante de Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a indulgência mútua.”

“Ao invés da fé cega que aniquila a liberdade de pensar, ele diz: *“Não há fé inabalável senão a que pode encarar face a face a razão em todas as épocas da humanidade.*”

A fé necessita de uma base, e essa base, é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer, para crer não basta ver, é preciso sobretudo compreender. A fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que hoje faz o maior número de incrédulos, porque ela quer se impor e porque exige a abdicação de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbitrio.”⁷¹

(O Evangelho Segundo o Espiritismo.)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a chegar e o último a sair, Allan Kardec sucumbiu, no dia 31 de março de 1869, em meio aos preparativos de uma mudança de local, necessitada pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Numerosas obras que estava quase terminando, ou que aguardavam o tempo oportuno para surgir, virão um dia provar, ainda mais, a extensão e o poder de suas concepções.

Morreu como viveu, trabalhando. Desde muitos anos, sofria de uma enfermidade do coração que só podia ser combatida através do repouso intelectual e uma certa atividade material; mas sempre inteiramente dedicado à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um de seus instantes, em detrimento de suas ocupações preferidas. Nele, como em todas as almas fortemente temperadas, a lâmina desgastou a capa.

Seu corpo pesava e recusava-lhe seus serviços, mas seu espírito, mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, estendia sempre muito mais o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual, a matéria não podia resistir eternamente. Um dia, ela foi vencida; o aneurisma rompeu-se, e Allan Kardec caiu fulminado. Faltava um homem na Terra; porém um grande nome tomava o lugar entre as ilustrações deste século, um grande espírito iria se retemperar no infinito, onde todos aqueles que ele havia consolado e esclarecido aguardavam, impacientemente, sua vinda!

“A morte, dizia ele recentemente ainda, a morte golpeia redobrado nas classes ilustres!... A quem ela virá agora libertar?”

Ele veio, depois de tantos outros, retemperar-se no espaço, procurar novos elementos para renovar seu organismo desgastado por uma vida de labores incessantes. Partiu com aqueles que serão os faróis da nova geração, para retornar em breve com eles para continuar e terminar a obra deixada entre mãos devotadas.

O homem não existe mais, porém, a alma permanecerá entre nós; é um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador infatigável a que se acrescentaram as falanges do Espaço. Como na Terra, sem ferir ninguém, saberá fazer ouvir a cada um os conselhos convenientes; temperará o zelo prematuro dos ardentes, secundará os sinceros e os desinteressados, e estimulará os mornos. Ele vê, ele sabe

hoje de tudo que havia previsto recentemente ainda! Não há mais razão nem para as incertezas, nem para os desfalecimentos, e ele nos fará repartir sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo o objetivo, designando-nos o caminho, nessa linguagem clara, precisa, que o caracteriza nos anais literários.

O homem não existe mais, repetimos, mas Allan Kardec é imortal, e sua lembrança, seus trabalhos, seu espírito estarão sempre com aqueles que mantiverem firmemente e altamente a bandeira que ele sempre soube fazer respeitar.

Uma individualidade poderosa constituiu a obra; era o guia e a luz de todos. A obra, na Terra, tomará o lugar do indivíduo. Não nos reuniremos em torno de Allan Kardec; reunir-nos-emos em torno do Espiritismo, tal como o constituiu, e através de seus conselhos, sob sua influência, avançaremos com passos seguros em direção às fases felizes prometidas à humanidade regenerada. (*Revista Espírita*, maio de 1869.)



NOTA EXPLICATIVA

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. (...). Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo." (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelam a comunicação dos homens com os espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o espírito permanece no mundo espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração da sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a Evolução das Espécies, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo ao equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

(...) O corpo procede do corpo, o Espírito, porém, não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207).

(...) O Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre esse dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres

são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (Kardec, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. — janeiro de 1863.)

O homem de bem é humano, é bom e benevolente para todo mundo, sem distinção de raças nem de crenças, porque vê irmãos em todos os homens. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XVII, item 3, p. 348)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as

comunicações recebidas dos espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando publicamos um artigo sobre 'a interpretação da doutrina dos anjos decaídos' na Revista Espírita de janeiro de 1862, apresentamos essa teoria como uma hipótese, sem outra autoridade que não a de uma opinião pessoal discutível, porque então nos faltavam elementos bastante completos para uma afirmação absoluta. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista suscitar o debate da questão, decididos, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não somente ela foi aceita pela maioria dos espíritas como a mais racional e a mais de acordo com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos espíritos sobre esse assunto. O mesmo ocorrendo com a que diz respeito à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, Cap. XI, item 43, Nota.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora





Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA

Rua João Vicente, 1445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ, CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: <http://www.leondenis.com.br>
E-mail: editora@leondenis.com.br